

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Rhaisa Christie Graziella de Souza Laranjeira

**“Hereges” x “Ídólatras”: embates entre Batistas e Católicos
em Manaus (1900-1920)**

**Manaus/AM
2017**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA

Rhaisa Christie Graziella de Souza Laranjeira

**“Hereges” x “Idólatras”: embates entre Batistas e Católicos
em Manaus (1900-1920)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como requisito parcial para obtenção do título de MESTRE EM HISTÓRIA. Área de Concentração: História Social.

Linha de Pesquisa: Cultura e Representação.

Orientador: Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior

**Manaus/AM
2017**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L318"	Laranjeira, Rhaisa Christie Graziella de Souza "Hereges" x "Idólatras": embates entre Batistas e Católicos em Manaus (1900-1920) / Rhaisa Christie Graziella de Souza Laranjeira. 2017 114 f.: il. color; 31 cm. Orientador: Dr Almir Diniz de Carvalho Júnior Dissertação (Mestrado em História - Cultural) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Batistas. 2. Católicos. 3. Disputas. 4. Manaus. I. Carvalho Júnior, Dr Almir Diniz de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	---

TERMO DE APROVAÇÃO
Rhaisa Christie Graziella de Souza Laranjeira

“Hereges” x “Idólatras”: Embates entre Batistas e Católicos em Manaus (1900-1920)

Dissertação submetida ao corpo Docente do Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Social, na linha de Pesquisa de Cultura e Representação.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior (Presidente)
(Universidade Federal do Amazonas- UFAM)

Prof. Dr. Fernando Arthur de Freitas Neves (Membro externo)
(Universidade Federal do Pará- UFPA)

Profa. Dra. Maria Luíza Ugarte (Membro interno)
(Universidade Federal do Amazonas- UFAM)

Prof. Dr. Rafael Ale (Suplente Externo)
(Universidade do Estado do Amazonas- UEA)

Toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento. (Peter L. Berger)

A meu Pai Francisco Laranjeira, meu maior ídolo!
A minha Mãe Maria Dulcineia, minha inspiração!
A Elder Campos, a pessoa que sempre está do meu lado.

Dedico.

Agradecimentos

Chegar à fase dos agradecimentos é olhar para trás e perceber o quanto cresci, amadureci, tanto na pesquisa, quanto como pessoa. A Pós-graduação nos faz chegar até o limite e para isso ofereço as pessoas que foram essenciais para a finalização do Mestrado a minha maior gratidão.

Eu quero agradecer a Deus em primeiro lugar por não ter me deixado desistir. Aos meus pais que foram minha base. Meu pai que me proporcionou esse momento, financiando a realização de um sonho. A minha mãe, que apesar da distância sempre me incentivou a não desistir quando o desespero apertava. Obrigada pelos sorrisos, pelo acalento e pelas palavras que me ajudaram a chegar até aqui.

Quero agradecer aos professores da Graduação, professor Arcângelo Ferreira, João Rozendo, Pedro Marcos Mansour, Tarcisio Normando, professora Cristiane Manique, Nasthya Garcia, Ana Paula, Simone Villanova, pelas gargalhadas e conhecimentos compartilhados. Para a professora Adriana Barata em especial, dedico essa dissertação, pois, a partir dela, saiu o desejo de um dia me tornar mestre. Valia pena tentar. Torceu por cada um de nossa turma que se formou em 2013, afinal era sua turma preferida. Meus eternos agradecimentos a minha Professora e mestra Adriana Barata. Sempre irei me lembrar de suas aulas, do “Alexandre O Grande” e do “Montezuma”, enfim foi maravilhoso aprender brincando.

A maior incentivadora desse trabalho foi a professora Elisângela Maciel, uma mãezona, que desde a graduação me encorajou a escrever sobre o que mais gosto na história, os embates entre protestantes e católicos. Estudar a Igreja ou as igrejas é o nosso ponto fraco. Foi a primeira que me fez repensar a religião como objeto de estudo, seu livro publicado em 2014 se tornou meu livro de cabeceira para tirar qualquer dúvida sobre a Igreja Católica no Amazonas. Esteve sempre presente desde o início da graduação até hoje, nos momentos mais difíceis e também nos bons. Seus conselhos e orientações me ajudaram demais na construção dessa dissertação. Não sentirei falta de nossas reuniões na hora do almoço, quando o cheiro de comida e do ronco na barriga me obrigava a pedir arrego (risos) e dos retornos do trabalho todo em vermelho. Mas, esse início foi essencial para caminhada. Eu sou muito grata a isso.

Agradeço em especial a minha turma que formou em 2013, nossa trajetória em busca do conhecimento foi mais divertida ao lado de vocês. A minha amiga Luciana Santos, que, com sua paciência, sempre tirava um tempo para conversar e me aconselhar, obrigada! A Andreza Arana pela ajuda no Arquivo do IGHA, pela amizade e pela imensa torcida. A Priscilliane Saraiva pela ajuda nos arquivos, pelos conselhos. A Olga que foi a primeira a me apresentar o Arquivo do IGHA, em que foi maravilhoso aquele tempo de brincadeira e de aprendizagem. Ao querido amigo Bruno Miranda Braga que tem me proporcionado momentos de prazer e alegria desde a graduação. Sua amizade foi um dos marcos na minha vida acadêmica que levarei por toda a vida, sempre me dando excelentes conselhos para passar na prova do mestrado. Sempre que eu precisei, todas as dúvidas foram tiradas, ele estava ali, reclamando, mas do meu lado como um torcedor presente. Enfim, Bruno, obrigada!

Não posso deixar de agradecer ao Vinicius pela paciência e algumas orientações de projeto. Ao querido Caio pelo tempo que se dedicou a me ajudar na leitura de alguns artigos. Não posso me esquecer do Seu Vânius, diácono e historiador da Primeira Igreja Batista de Manaus, graças a ele consegui todas as atas e a revista do Centenário. Meu muito obrigado a Primeira Igreja Batista por me proporcionar essa oportunidade de estudar seus primeiros passos nessa Capital. Meus sinceros agradecimentos também a Dona Abigail do Arquivo Cúria da Manaus, pela paciência, pelas conversas animadoras, e pela ajuda para encontrar os arquivos dos primeiros bispos de Manaus. Você foi ótima.

Também quero agradecer ao meu diretor da escola em que trabalhei no ano de 2015, Sarney Negrão que se disponibilizou a me ajudar quando eu mais precisei, ele salvou minha vida no mestrado, a você devo tanto, muito obrigada mesmo. Aos meus colegas de profissão, Mirlanda, Brenno, Alda, Maria José, Daniele, meus agradecimentos pela força, companheirismo, só Deus sabe o quanto precisamos desse apoio. Muito obrigada. Também entra nessa lista minha prima Letícia que tirou um pouco do seu tempo para me auxiliar nas leituras e pesquisa de jornais, obrigada demais.

Um agradecimento especial a minha turma do Mestrado de 2015, cujos alunos, a partir do grupo do WhatsApp, se tornaram mais próximos e companheiros, além, é claro, de um ajudar sempre o outro. Meu agradecimento especial ao Marcos que me ajudou principalmente na correção de alguns artigos, sua ajuda chegou em boa hora. Ao Daniel que sempre estava à disposição para tirar qualquer dúvida. Ao Carlos Cunha, ao Carlos

Eugenio, ao Sergio Lima, e o André pelas conversas. Mas a pessoa que sempre me entendeu no mestrado, junto com as alegrias e as tristezas, a depressão e o bloqueio de escritor foi a minha amiga Carla Romana. Fizemos quase todas as disciplinas do mestrado juntas, reclamamos, choramos, aprendemos, trabalhamos sempre em conjunto. Assim, posso dizer que levarei essa amizade para vida toda. Meu muito obrigada, Romana.

Meu agradecimento em especial a professora Maria Luiza Ugarte pelas suas aulas esclarecedoras sobre a cidade. Ao professor Síval por ter me aturado em duas disciplinas, obrigada pelos conselhos, eu cresci academicamente com as suas aulas. Ao professor Emílio Morga sempre proporcionando momentos de descontração, tanto fora quanto dentro das salas de aula. Ao Professor César pelas contribuições ao meu primeiro capítulo na Banca de Qualificação, tentei seguir à risca, o senhor ajudou muito. Ao Professor Biazzo por ter cooperado na Qualificação, meus sinceros agradecimentos. Ao Professor Fernando Neves da UFPA, pela rica contribuição ao meu trabalho. Não posso esquecer as conversas com o Professor Auxíliomar Ugarte almoçando pela UFAM, ele sempre dedicava um pouco do seu tempo para me auxiliar em algumas dúvidas que sempre surgiam. Meus sinceros Agradecimentos.

Um agradecimento especial ao Jailson secretário do PPGH, que, em todos os momentos que precisei de ajuda para tirar dúvidas, ele foi muito ágil e simpático para resolver nossos problemas.

Ao meu querido orientador Almir Diniz, pois, enquanto sofria com a minha ansiedade me descabelando com a dissertação, ele com suas palavras amigas e de orientador conseguia me tranquilizar. Agradeço pela amizade, pelos bate-papos, pelas orientações e por corrigir meu trabalho com um rigor e até mesmo pela paciência no português.

Quero agradecer por último, mas não menos importante, ao Elder Campos que depois de cinco anos juntos, uma graduação e um mestrado, ele realmente foi muito forte em me suportar nos dias mais difíceis e compartilhar os dias mais felizes. A você amor, dedico esse trabalho. Muito obrigada por tudo!

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar a chegada dos Batistas em Manaus, e as disputas pelo poder com a Igreja Local. Pensar a Manaus de hoje é chegar à conclusão de que é inegável a importância da religião, pois se percebe o discurso religioso poderoso e presente no cotidiano das relações sociais. Sempre foi grande o número de cristãos católicos, mas vê-se atualmente o crescimento e a proliferação de diversas igrejas de várias denominações nas várias zonas da cidade. A dissertação busca compreender o alvorecer das disputas pelo poder entre os dois grupos cristãos: os Batistas e os Católicos, no início do XX, na cidade de Manaus. Como questão de fundo, busca analisar a inserção do pensamento moderno, através do embate entre o cristianismo reformado e a Igreja Católica do período, influenciada ainda pelo pensamento conservador dos jornais do século XIX.

PALAVRAS CHAVES: Batistas, Católicos, Disputas, Manaus.

ABSTRACT

This research aims to analyze the arrival of the Baptists in Manaus, and the power disputes between them and the Local Church. To think of today's Manaus is realizing the undeniable importance of religion, since it is notable a powerful religious speech presence in the daily life of social relations. There have always been a large number of Catholic Christians. However, nowadays the growth and proliferation of churches of various denominations throughout the city are perceived. This dissertation seeks to understand the dawn of the power disputes between two Christian groups: The Baptists and the Catholics, in the early twentieth century in Manaus. As a matter of substance, the research seeks to analyze the insertion of modern thinking, through the clash between the Reformed Christianity and the Catholic Church of that period, yet influenced by the conservative thinking of nineteenth-century newspapers.

KEY WORDS: Baptists, Catholics, Disputes, Manaus.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 Primeiro templo próprio provisório. Retirada da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.....	55
Figura 2 – Imagem do Coronel Araújo. Retirado do Jornal O Evangelista. Ano I. Número 19.....	59
Figura 3 - Foto de Ida Nelson e Eurico Nelson. Retirada da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.....	60
Figura 4 uma das imagens do templo. Retirado do Jornal O Evangelista no dia 2 de Agosto de 1903. Número 14.....	64
Figura 5 – Fragmento da Ata. Retirada da Ata no dia 11 de julho de 1902.....	66
Figura 6 -1º Centenário de nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar. 1º Primeiro Bispo do Amazonas. 1847-1947. Retirado do Arquivo da Cúria de Manaus.....	75
Figura 7- Hino Bendito Rosário traduzido para o neengatu por Dom Frederico. Retirado da Carta Pastoral de 1909.	79
Figura 8- Imagem da Imaculada Conceição. Retirado do Jornal A Reação do dia 8 de dezembro de 1932. Ano III. N°45	93
Figura 9- Eurico Nelson Batizando fiéis em 1900. Retirado da Revista do Centenário Da PIBM.....	95
Figura 10 - Pastor Almeida Sobrinho com jovens e adolescentes. Retirado da Revista do Centenário Da PIBM	97

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
Capítulo 1- Cristianismo e Cristianismos	24
1.1 Breve contexto da Igreja Católica	25
1.2 A Igreja no Império brasileiro	29
1.3 Igreja x Império	32
1.4 A chegada dos protestantes no Brasil	34
1.5 Os Batistas no Brasil	43
1.6 Catolicismo e Protestantismos na Amazônia	46
1.7 O Contexto Religioso em Manaus	49
1.8 Presença Protestante em Manaus	51
Capítulo 2- Lideranças Religiosas em Manaus.	56
2.1 Eurico Nelson evangelizando em Manaus	56
2.2 O Colportor e missionário	67
2.3 Os Bispos romanizadores	71
2.3.1 Dom José Lourenço Aguiar	72
2.3.2 Dom Frederico Benício Costa	75
Capítulo 3- Embates entre Batistas e Católicos	83
3.1 Em busca de um novo começo.....	84
3.2 Os conflitos com a Igreja Local	98
Considerações Finais.....	105
SITES:	109
FONTES:	109
JORNAIS:	110
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS;.....	111

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo sobre religião vem crescendo no Amazonas, mas ainda é pequeno comparado com outras temáticas. A discussão é muito mais tímida, principalmente no que tange à historiografia. Grandes pesquisas sobre a religiosidade indígena¹ ou mesmo o catolicismo em Manaus² foram realizadas, mas existe todo um enorme e rico campo de possibilidades de pesquisa sobre a história das religiões no Amazonas. Nosso trabalho pretende explorar uma dessas possibilidades: os embates realizados em Manaus entre Católicos e Batistas no início do século XX.

Hoje, já se sabe que esse tema é extremamente importante e o estudo sobre o Campo Religioso tem se ampliado e se sofisticado com o tempo. Não se trata de um trabalho apologético, mas de uma pesquisa baseada em leitura e interpretação crítica das fontes encontradas, lembrando que as duas igrejas foram frutos de seu tempo, vivenciando um período em que ainda não havia um mínimo diálogo mútuo entre elas e a emoção predominava mais que a razão. De um lado, um espírito reformista censurado, de outro uma crítica profunda e revolucionária dos dogmas tradicionais do cristianismo.

Em certa medida, essa problemática faz parte da sociedade há muito tempo e ainda é presenciada nos dias de hoje. Quando ainda era criança, presenciei pela primeira vez várias situações de embates entre os católicos e outros grupos protestantes, mas ninguém soube me explicar o motivo. Já na Universidade, percebi que poderia tentar responder, ao menos em parte, à minha indagação, o que acabou resultando neste trabalho. O Grupo Batista foi escolhido como o outro protagonista dessa narrativa, porque foi uns dos primeiros a se estabelecer em Manaus e permanecer até hoje.

¹ CARVALHO, Almir Diniz Júnior. *Índios Cristãos. Poder Magia e Religião na Amazônia Colonial*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões dos Bárbaros- O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.

² Com relação a trabalhos direcionados com o olhar para a Igreja Ver: CERETTA, Pe. Celestino. *História da Igreja na Amazônia Central*. Vol. 1. Editora Valer, 2008; SOARES, Elisângela Socorro Maciel. *Igreja de Manaus- porção da igreja universal, a diocese do Amazonas vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Editora Valer, 2014; LOPES, João da Silva. *Sociedade, relações de poder e religiosidade no alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico Costa*. Dissertação (Mestrado em História Social) Manaus, 2010.

Essa pesquisa irá mostrar como se deu a inserção dos protestantes nas duas primeiras décadas do século XX. Partimos da observação da atualidade, em que se vê o grande número de cristãos católicos, mas também o crescimento e a proliferação de diversas igrejas de várias denominações nas várias zonas da cidade. Diante dessa inquietação, projetamo-nos para o passado e nos perguntamos: como se deu a relação entre os Católicos e Batistas em Manaus no início do século XX, mais precisamente durante o período de 1900 a 1920? Assim, tentar-se-á responder a esta e outras questões que ainda deixam lacunas na produção historiográfica local.

É preciso entender também o que ocorreu com as duas igrejas trabalhadas aqui antes do século XX. O século XIX é o marco na história das duas igrejas que iremos trabalhar. Primeiramente, para a Igreja Católica, principalmente na Europa, e posteriormente no Brasil, foi um período de respostas, porque estava sendo atacada pelos discursos da Modernidade³, como por exemplo, a maçonaria, que em ambos os casos, queriam eliminá-la por ser a representante da tradição. No século XX, a Igreja se manteve estável, e as ameaças já não a atingiam da mesma forma, pois era o tempo da liberdade religiosa.

Em segundo lugar, para os Batistas que foram duramente perseguidos na Inglaterra, sua imigração para a Nova Inglaterra aconteceu em um contexto de busca por um novo recomeço. O século XIX é considerado pelos protestantes como o século de missão, pois foi o período em que eles resolveram, a partir das empresas missionárias, evangelizar e eliminar o “atraso” em relação aos católicos em várias partes do mundo. O Brasil, nesse período, se tornou o palco dessas novas narrativas e as mudanças que ocorreram a partir de

³ Segundo Bobbio, Matteucci e Pasquino em “Dicionário de política” citam: “Este neologismo surge aqui e ali por meados do século XIX, para indicar muito vagamente uma corrente de estilos e conteúdos poéticos novos. No alvorecer do presente século, na Itália, ele passa, por analogia, do campo literário para o religioso. É usado inicialmente com ironia pelos católicos tradicionalistas, em luta polêmica contra os simpatizantes e promotores do movimento cultural inovador que assentava principalmente no evolucionismo em todos os setores e provocou o interesse crítico de todas as igrejas históricas, a começar pela cristã e particularmente pela católica. Com este significado reformista-religioso, o termo entrou no léxico usual europeu para aí ficar definitivamente. Por isso, quem hoje diz Modernismo reevoca um movimento, de ideias substancialmente crítico-religiosas, muito complexo e variado em suas múltiplas expressões, que, no início do século XX, na área ocidental, tentou arrancar a formulação da fé revelada de um quadro metafísico absolutizante, para inseri-la no processo real da história e da cultura, em constante mudança. O Modernismo representou, em termos mais simples, um esforço por harmonizar a fé com o progresso científico, esforço que se apresentaria de novo na transição de uma época a outra”. In: BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998. p. 776

tais eventos foram significativas. E, no século XX, os Batistas se fixaram em Manaus trazendo uma nova abordagem religiosa na bagagem.

No Brasil, quando Dom Antônio de Macedo Costa (1861-90) assume o bispado no Pará, encontrou o país passando pelos mesmos problemas que Pio IX enfrentava na Europa. Primeiro, existia o Padroado⁴ limitando o poder da Igreja dentro do Império. Além disso, havia padres liberais, maçons e políticos. Dom Macedo, ao encontrar esses obstáculos, escolheu a concepção ultramontana, usando a Romanização como base para lutar contra as amarras do Padroado no Império brasileiro e contra esses padres que, para ele, se afastaram do verdadeiro objetivo da Igreja.

Outro grande “problema” foi a chegada dos protestantes, pois além desse, a Igreja enfrentava todos os tipos de “males” dentro da própria Instituição pois, se via, principalmente, nas pessoas dos Bispos ultramontanos, como salvadora, lutando para manter a sua integridade e tradição.

Juntamente com a crise interna da Igreja, seus conflitos contra a maçonaria e a instalação de protestantes com a intensa imigração estrangeira, a Igreja ingressa em uma série de conflitos contra o Estado, começando, assim, a chamada Questão Religiosa. Os principais defensores da Igreja serão Dom Macedo e Dom Vital. Com a República, extingue-se o Padroado, portanto, “a República foi, assim, a liberdade para o catolicismo”⁵, mas, por outro lado, abre-se a liberdade para outras religiões.

No período recortado por nós (1900-1920), Manaus estava experimentando o auge e a retração da economia gumífera, iniciado ainda no final do século XIX, quando se torna a principal fonte de riqueza da região Amazônica, transformando aquela vila pacata em uma cidade moderna, que atraía investimentos e que se mostrou capaz de atender o mercado industrial que estava surgindo. Manaus se tornou a capital da Borracha, onde a elite local e a estrangeira viveram usufruindo e esbanjando as riquezas provenientes dessa seiva. A sua retração se deu a partir de 1913, devido à concorrência da borracha da Ásia. Assim, a cada ano que passava o preço da borracha caía devido às exportações asiáticas que, comparada

⁴ O Padroado é o direito do rei de recolher dízimos e nomear os bispos [...]. Variados graus de padroado sobre a Igreja tinham existido na Cristandade entre governantes locais, do quinto século em diante. Entretanto, o seu conceito mais moderno, isto é, de que o padroado é um poder ou um privilégio concedido pela Santa Sé a um rei, apareceu no século XVI. O padroado foi concedido pelo papa aos reis portugueses e espanhóis, entre outros, outorgando poderes sobre os negócios da Igreja nos territórios d'Além mar desses monarcas. In. VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980. p.28. Para saber mais sobre o conceito de Padroado ler: o autor Charles Boxer em seu livro “O Império marítimo português (1415-1825)” lançando em 1969, das Edições 70.

⁵ VILLAÇA, Antônio Carlos. *O Pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006, p. 91

com a brasileira, era extremamente mais barata, forçando, assim, a borracha do Amazonas a sofrer séria crise⁶.

Em Manaus, vai ser criado o “bispado do Amazonas, em 27 de abril de 1892 pelo papa Leão XIII”⁷, desmembrando, assim, a Diocese do Pará e criando a do Amazonas. Com essa separação, o Amazonas finalmente pode trabalhar para manter e organizar seu Bispado, chegando a ter apenas dois Bispos, desde a criação até 1915. O primeiro foi D. José Lourenço da Costa Aguiar, que se tornou Bispo em 1894, sendo assim o primeiro Bispo do Amazonas, ficando até 1904. Depois disso, o bispado fica por três anos em vacância, até D. Frederico em 1907. Esse período não será trabalho nessa dissertação, pois, foi escolhido trabalhar somente com os Bispos.

O segundo foi D. Frederico Benício da Costa que assumiu a Diocese em 1907 e renunciou em 1913, ficando, a partir daí, como administrador, D. Santino Coutinho. Percebe-se, portanto, que com o Bispado em Manaus, a presença do Catolicismo tornou-se mais forte, lutando contra a modernidade e, principalmente, contra os protestantes.

Começamos a perceber a presença dos protestantes em Manaus no final do século XIX com os Metodistas. O principal nome que trouxe a Igreja para Manaus foi Marcus Ellsworth Carver. Segundo Martin Dreher, Carver chegou a Belém no ano de 1887 para ajudar Nelson, o missionário que estava tentando criar uma Igreja em Belém. No ano seguinte, Marcus Carver chega a Manaus onde “criou a Missão Bethesda de Manaus, entidade que chegou a ter seu próprio jornal: A Paz. Órgão oficial da Missão Bethesda de Manaus”⁸. A partir desse momento, parecia que nada mais pararia Carver, que viajou para diversos interiores e começou a chamar sua instituição de “Egreja Evangélica Amazonense”, mas, no ano de 1903, ele deixou Manaus, ficando apenas um evangelista em seu lugar para continuar seu trabalho na região. Para Dreher: “os remanescente de sua congregação vieram a servir de base para o trabalho que veio a ser mais tarde, iniciadas pelas demais denominações protestantes”⁹.

⁶ Para saber mais sobre a economia gumífera na Amazônia Ler: SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1820 - 1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980; WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. MARTINELO, Pedro. *A batalha da borracha na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985.

⁷MATA, Possidônio da. A Igreja católica na Amazônia da atualidade. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992, p. 344

⁸ DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992. p. 330

⁹ *Ibid.*, p. 331

Três anos depois da chegada dos Batistas em Manaus, no ano de 1897, foram batizados cinco membros no Rio Negro, e a igreja de Manaus foi “organizada em outubro de 1900, com 20 membros.”¹⁰ Eurico Nelson foi o grande idealizador dessa trajetória dos Batistas nessa cidade.

Percebe-se, portanto, que nos anos que compreendem o período de 1900-1920, em Manaus, havia a presença tanto de Católicos como de Protestantes, vivendo todos no mesmo espaço. Resta saber como eles, a partir do início do século XX, se relacionavam. Para isso, buscar-se-á nas fontes respostas para essa e outras questões que surgiram no decorrer da pesquisa, que tem como proposta compreender os embates, a partir de análises interpretativas dos documentos, a fim de entender as relações entre os protestantes e os católicos durante as primeiras décadas do século XX, época na qual as primeiras igrejas protestantes começaram a se situar em Manaus. Para tanto, pesquisaremos artigos, jornais, jornais religiosos, documentos, buscando compreender representações e as práticas sociais dos sujeitos individuais e/ou coletivos que emergem destas fontes.

Como abordagem teórica nos valeremos da Nova História Cultural,¹¹ pois esta nos proporciona um olhar mais aguçado sobre a religião, uma vez que trata da construção simbólica do real. A Nova História Cultural nem sempre foi chamada dessa forma. Esse tipo de abordagem já era utilizada desde a Escola dos Annales com inúmeras produções, ampliando o campo de pesquisa e nos proporcionando trabalhar com inúmeros e renovados objetos.

Para Peter Burke¹², a História Cultural não é nova, pois foi redescoberta. A novidade da abordagem “Nova História Cultural”,¹³ que começou a ser usado no final da década de 1980, é que se tornou a forma dominante de história cultural praticada hoje, pois ela é mais eclética e segue novos paradigmas.

¹⁰ Ibid., p.331.

¹¹ Sobre o conceito Nova História Cultural ler: HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

¹² BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

¹³ Burke nos mostra que a expressão “Nova História Cultural” é cunhada somente no final da década de 1980 quando a historiadora Lynn Hunt publica um livro com esse nome no qual ficou bastante famoso.

“A expressão “nova história cultural” teve muito sucesso nos Estados Unidos, [...] no entanto, o movimento é internacional. Na França a expressão *histoire culturelle* demorou a entrar na linguagem graças a rivais como *l’histoire des mentalités* e *l’histoire de l’imaginaire social*, mas Roger Chartier e outros se definem agora como historiadores culturais. [...] Na Alemanha e na Holanda, a “nova história Cultural” foi enxertada na tradição de Burckhardt e Huizinga, dando maior ênfase a chamada “história do cotidiano”. Idem. P.46

Usaremos nesse trabalho o conceito de Campo Religioso de Pierre Bourdieu. Para o autor, a esfera sociocultural é formada por diferentes campos que normatizam as diferentes visões de mundo. Nesse sentido, é no campo religioso que se dão as sociabilidades da religião. Para Bourdieu, um campo religioso é um campo de forças dentro do quais agentes ocupam posições que, estrategicamente, determinam quais posições eles tomarão em relação a esse campo, seja para conservá-lo, ou para modifica-lo¹⁴.

Bourdieu usa conceitos de Weber, como *sacerdotes, profeta, mago*, buscando entender a dinâmica do campo religioso que, às vezes, se opõem fortemente. O campo religioso será marcado pela tensão na qual os representantes da religião estabelecida - no caso desse trabalho, os sacerdotes da Igreja Católica (detentores de maior capital religioso) - querem obter a posse do campo religioso mantendo a ordem estabelecida. Para tanto, lançam mãos das mais diversas estratégias para deslegitimar os profetas - pastores batistas - e suas seitas já que buscam contestar a religião estabelecida contrariando os seus discursos. Embora os elementos de cada campo ajam e reajam sempre uns em relação aos outros, as suas relações nunca são tão pacíficas ou harmônicas e consistem justamente nas disputas pelo poder de hierarquização. Os dois lados visam impor os limites do campo mais favoráveis aos seus interesses.

Outro conceito de Bourdieu que contribuiu para essa pesquisa foi o de *poder simbólico*, pois se tornou essencial para trabalhar religião, uma vez que a Igreja Católica assume esse poder a partir de vários símbolos e tradições para se legitimar. Como o autor nos fala “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que exercem”¹⁵.

Conforme Marc Bloch, “o cristianismo é uma religião do historiador”,¹⁶ porque o Cristianismo e suas diferentes referências acabam sendo uma das principais referências para se entender o mundo ocidental. Desde a antiguidade, “os cristãos têm livros de história, e suas liturgias comemoram, com os episódios da vida terrestre de um Deus, os

¹⁴ Para saber mais sobre o conceito de Campo ler: BOURDIEU, Pierre. “A dissolução do religioso”. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. _____. “Gênese e estrutura do campo religioso”. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 2004. _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. _____. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1998. p. 7

¹⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p.42

faustos da Igreja e dos santos”¹⁷. Por isso, qualquer pessoa que queira entender o Ocidente precisará conhecer, pelo menos, alguns aspectos do Cristianismo.

Nesse sentido, a obra da autora Elisângela S. Maciel, *Igreja de Manaus porção da Igreja Universal*,¹⁸ contribui com este trabalho, pois nos dá um olhar aguçado sobre a modernidade e também mostra como estava a presença da Igreja Católica no período que é abordado nesta pesquisa (1900-1920), apresentando os três primeiros Bispos de Manaus.

O livro de David Gueiros Vieira *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*¹⁹ se tornou uma referência obrigatória para quem quer entender a participação dos protestantes na chamada Questão Religiosa, sintetizando o conflito entre católicos ultramontanos e a maçonaria, na segunda metade do século XIX. David G. Vieira nos mostra como a situação estava difícil para Igreja Católica no período da Questão Religiosa. Entre os motivos, ele relata o abuso do padroado, das côngruas mesquinhas e o clero político que violava o celibato, além disso, ficam claras a invasão e a concorrência dos protestantes, da maçonaria e das interferências do Estado. A partir dessa perspectiva, é essencial para esse trabalho perceber como a Igreja foi afetada e como os protestantes se aproveitaram dessa fraqueza para se desenvolver no país.

A dissertação de João da Silva Lopes *Sociedade, relações de poder e religiosidade no alto Rio Negro a partir das representações de Dom Frederico Costa*²⁰ se tornou uma fonte importante para esta pesquisa, pois trabalha com o mesmo Bispo de Manaus escolhido como referencial deste trabalho, o que ajudou a dar um suporte teórico por ser também do mesmo período.

O livro de Antonio Gouvêa Mendonça, *O Celeste Porvir*,²¹ faz toda uma história do Protestantismo desde a Europa, passando pelos Estados Unidos, além de um levantamento sobre o protestantismo histórico e de missão no Brasil. Mendonça é uma das grandes autoridades quando falamos em Protestantismo brasileiro. Sua outra obra em parceria com

¹⁷Ibid., p. 42

¹⁸ SOARES, Elisângela Socorro Maciel. *Igreja de Manaus, porção da igreja universal: a diocese do Amazonas vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Editora Valer, 2014

¹⁹ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

²⁰ LOPES, João da Silva. LOPES, João da Silva. *Sociedade, relações de poder e religiosidade no alto Rio Negro a partir das representações de dom Frederico Costa*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas UFAM. 2010.

²¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

Prócoro Velasques Filho, *Introdução ao Protestantismo no Brasil*²², aborda uma contribuição para análise do pensamento protestante, da sociedade brasileira e da forma de assimilação do protestantismo histórico e de missão na cultura brasileira com enfoques de um estudo fundamental por meio do projeto missionário de conversão religiosa e de novos hábitos de vida.

A obra de Israel Belo de Azevedo *A celebração do Indivíduo*²³ nos ajudou a perceber o pensamento batista brasileiro, pois faz uma viagem desde a Inglaterra até o Brasil. Esse livro ajudou a entender principalmente a eclesiologia Batista brasileira e contribuiu bastante para a construção dessa pesquisa.

O livro de José Reis Pereira *História dos Batistas no Brasil*²⁴ nos ajudou a perceber a chegada dessa nova crença no Brasil. Quem foram os pioneiros e o porquê de sua vinda para esse país. Seu outro livro, de 1950, *O Apóstolo da Amazônia*²⁵, se centra na figura de Eurico Nelson, um dos protagonistas desta pesquisa, pois foi ele quem trouxe os Batistas para Manaus. Nesse livro, Pereira narra sua trajetória não só por Manaus, mas por todos os lugares que visitou, suas aventuras e igrejas que fundou. Trata-se, assim, de uma biografia em homenagem a Eurico Nelson.

Por fim, uma das obras que mais contribuíram para este trabalho de diversas formas: *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*²⁶, de Max Weber, que abarca um período histórico essencial para entendermos essa pesquisa. Nele, o autor trabalha com a questão da reforma protestante, trazendo novos valores e novas práticas, questionando os ditames da época, principalmente algumas práticas do catolicismo, como a venda de indulgências, os sacramentos e adoração aos santos. Trabalha também com uma nova ordem que estava surgindo: a ordem mercantil burguesa, com seus valores e princípios, minimizando o valor da terra como meio de riqueza, o que gerou uma nova forma de economia - o capitalismo. O livro de Max Weber cita também a “fusão” dessas duas ordens ou como essas duas ordens acabaram se adequando perfeitamente nos países cuja população protestante era

²² _____, FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

²³ AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

²⁴ PEREIRA, José dos Reis da Silva. *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.

²⁵ _____. *O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson*. 2ª edição. Casa Publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1954.

²⁶ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

majoritária. Weber usa a ética protestante, sobretudo a calvinista, para mostrar esse comportamento intramundano e como ele se adequou perfeitamente ao modo capitalista de viver.

Assim, no decorrer do primeiro capítulo, **Cristianismo e Cristianismos**, faço uma breve análise das duas igrejas através dos registros bibliográficos e como foi o desenvolvimento da Igreja Católica e Batista no século XIX. Essas duas igrejas passaram por processos que as abalaram, contudo elas se reergueram e se tornaram estruturadas fisicamente e espiritualmente através de muito trabalho. Mostrar-se-á ainda o breve panorama do contexto da Igreja Católica no Brasil, a fim de perceber o embate que esta teve com a maçonaria, com os protestantes e com o Estado brasileiro. Mostrar-se-á também a chegada dos primeiros protestantes no Brasil com suas bíblias e novas formas de proselitismo, além de uma política totalmente anticatólica com o intuito de transformar o Império brasileiro. São também abordados os motivos que propiciaram a chegada dos Batistas a Manaus no século XX, juntamente com seu idealizador Eurico Nelson, a fim de explicar também como se encontrava a Igreja Local.

No segundo capítulo, **Lideranças religiosas em Manaus**, optou-se por analisar, a partir dos documentos clericais dos bispos de Manaus, atas da Igreja Batista e jornais impressos, a atuação dos principais líderes religiosos em Manaus. Como líder da igreja Batista, temos Eurico Nelson, que junto com sua família se estabeleceu nessa cidade para trazer o Evangelho aos lugares mais longínquos. Do lado dos católicos, foi destacada a atuação dos dois primeiros Bispos de Manaus, escolhendo-se Dom Frederico para uma análise mais abrangente. Também se mostrará a cidade de Manaus passando pelo processo de modernização e, ao mesmo tempo, o crescimento de templos religiosos que, apesar do processo de secularização e da Proclamação da República no Brasil, permaneceram trabalhando e se expandindo.

Por fim, o terceiro capítulo **Embates entre Batistas e Católicos** abordará o período após a chegada dos protestantes em Manaus através de fontes, tais como jornais impressos da Igreja Batista, jornais laicos e revistas, analisando os embates, tanto no sentido ideológico quanto religioso, entre os poderes laicos, católicos e autoridades batistas. Deste modo, percebemos que, principalmente a partir dos jornais, os principais conflitos entre tais igrejas.

O trabalho prioriza as fontes impressas, como os jornais da época, documentos eclesiásticos e atas da primeira igreja Batista de Manaus. Optou-se também por

permanecer a escrita das fontes daquele período. Trabalhamos com os seguintes jornais: *O Jornal do Comércio*, de 1904; os jornais religiosos *Evangelista*, de 1903, *O Evolucionista*, de 1904, *O Evangelizador*, de 1905, 1906 e 1907, e *Baptista Amazonense*, de 1919, 1920, 1922. Como documentos Eclesiásticos, existem: Carta Pastoral da Diocese de Manaus do primeiro Bispo D. José Lourenço da Costa Aguiar; Carta Pastoral de D. Frederico Costa, segundo bispo do Amazonas; Cartas dos Primeiros Bispos do Amazonas a outros bispados; Livro do Tombo do Bispado de Dom Frederico; Atas da Primeira Igreja Batista de Manaus de sua fundação, de 1900 até 1929; Revista em comemoração ao centenário da PIBM (Primeira Igreja Batista de Manaus).

De acordo com as questões acima, a análise dos jornais e documentos em geral será feita tentando visualizar as possíveis formas de manipulação/atuação que circulavam pela cidade de Manaus que tentavam persuadir seus leitores com relação a determinado segmento dos grupos do Cristianismo – protestantes ou católicos – em sua chegada a esta cidade. Dessa forma, para trabalhar com Conflitos Religiosos é preciso tomar certos cuidados com cada tipo de fonte, sem contar o cuidado quanto à legitimidade dos conflitos religiosos. O cuidado com as fontes é inevitável para quem quer estudar as relações entre as representações e as práticas no contexto da construção simbólica das relações sociais.

Capítulo 1- Cristianismo e Cristianismos

Um encontro histórico entre líderes das principais religiões do mundo foi realizado na noite da última sexta-feira (20), na sede da Hebraica Manaus. O embaixador de Israel no Brasil, Reda Mansour, foi recebido em um jantar com a presença da comunidade judaica, do presidente do Centro Islâmico do Amazonas, Walid Ali Saleh, do arcebispo de Manaus, Dom Sérgio Eduardo Castriani, e do pastor da Nova Igreja Batista (NIB), David Hatcher²⁷.

Notícias como esta não eram comuns no final do século XIX. Na verdade, seriam impensáveis. O clero e a população brasileira do início daquele século não imaginariam o futuro que lhes aguardava, apesar do processo histórico mostrar alguns episódios no decorrer dos anos que serão analisadas nesse capítulo. A Igreja Católica presenciaria cada vez mais perdas de fiéis em decorrência de novas crenças e da Modernidade, entrando inclusive em conflito verbal e corporal para que suas ideias, que há tanto tempo usufruíam de uma considerável hegemonia, continuassem a monopolizar a espiritualidade da família brasileira.

A Igreja Batista crescia no século XIX e seus missionários chegavam ao Brasil acompanhado de suas bíblias em busca de novos fiéis. Um de seus principais objetivos era tirar esses fiéis da "escuridão da ignorância" para colocá-los na "luz da verdade", auxiliados por um dos meios de comunicação mais importantes da época para obter esse êxito: o jornal impresso.

Mudanças de todas as formas e ângulos ocorreram. Mudanças que foram significativas e marcaram de vez as diferenças desse século em relação aos demais. Ciência, progresso, individualismo, razão, fazendo um paralelo com o presente, foram as bases dos grandes edifícios que representaram o século XIX. Somente uma Instituição representava um atraso para todos os discursos que estavam em voga, e, ironicamente, era a Instituição que no passado fora a mais rica e a mais influente da Europa: a Igreja Católica. Restava, então, lutar com todas as forças para que ela finalmente caísse, dando passagem para o progresso.

Para entendermos o Brasil e o Amazonas nesse período, faremos uma breve história das igrejas, Católica e Batista, a fim de perceber se essas igrejas permaneceram no Brasil com as mesmas estruturas de suas fundações.

²⁷ Acessado no dia: oito de março de 2016. http://acritica.uol.com.br/manaus/Lideres-diferentes-religoes-Hebraica-Manaus_0_1471652832.html. O encontro aconteceu no dia 20 de novembro de 2015, segundo o site acrítica.

1.1 Breve contexto da Igreja Católica

No século XIX, a Igreja vivenciou um período de conturbações, debates e aflições que talvez nunca fosse imaginado por seus clérigos e fiéis durante seu apogeu. Aconteceram inúmeros fatos que mudaram o rumo dessa história. Para Rémond, três fatos históricos influenciaram o elemento religioso durante o período da Restauração, quebrando de vez com a unicidade da Igreja Romana, esquecendo o transcendental e investindo na razão, que foram: a Reforma, o movimento das ideias filosóficas e a Revolução Francesa.²⁸ Contudo, não devemos ver essa Instituição como uma vítima do processo histórico, e sim como uma das várias protagonistas que atuaram nesse período tentando prevalecer detentora de certos privilégios, os quais detinha desde a Idade Média e que perdera com o decorrer dos séculos.

Somente no século XVI, com a Reforma Protestante, os católicos realmente enxergaram a crise pela qual a Igreja passava. Anteriormente, a Instituição já havia presenciado outros abalos, tais como no século XI, com o Cisma do Oriente, e no século XIV com o Cisma do Ocidente²⁹. Mas, arrisco a dizer, essa Instituição não imaginaria outra crise tão grave que abalasse as estruturas da Igreja, tal como a Reforma do século XVI o fez.

Para Martina, uma das teses sobre as causas da Reforma, que foram repetidas inúmeras vezes, tanto pelos católicos quanto pelos protestantes, seria que a mesma ocorreu devido à corrupção e abusos dentro da Igreja. Contudo, é também corroborado por outros estudiosos que a corrupção sempre esteve presente na Igreja. De fato, isso não é novidade para os historiadores. Então, porque só naquele momento se sugeriu romper com a Instituição? Seria somente com a voz de Lutero que a Igreja acordaria? Com isso, já percebemos que essa tese não era cabível para nenhum dos dois lados, pois até mesmo os protestantes refutam essa teoria, uma vez que, para eles, os reformadores queriam algo que a Igreja

²⁸ RÉMOND, René. *O Século XIX -1815 a 1914*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 165

²⁹ “Os cismas são bastante numerosos na história do cristianismo como na das outras religiões. O cisma de 1054 marca a separação da Igreja Oriental grega da Igreja Ocidental latina. O Grande Cisma do Ocidente (1378-1417) dividiu a Igreja em duas obediências rivais, a de Roma e a Avinhão.” LEMAÎTRE, Nicole, QUINSON, Marie-Thérèse, SOT, Véronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Tradução: Gilmar Sain't Clair Ribeiro, Maria Stela Gonçalves, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Edições Loyola, São Paulo, 1999. p. 84

Católica já esquecerá há muito tempo “quiseram, portanto, evocar o genuíno e autêntico sentido do cristianismo, do qual a Igreja Romana há tanto se separara.”³⁰

Conforme Martina, outra teoria interessante foi a de L. Febvre, que nos mostra esse movimento de outro ângulo, ansiando por um novo modelo de religião, um modelo sem superstições, com o desejo de ter o conhecimento direto das escrituras sagradas, sem intermédios humanos, e também o consolo de se sentir perdoado.³¹ A Igreja, então, sentiu que havia necessidade de se renovar e, para isso, convocou o Concílio de Trento³² para auxiliá-la nesse processo. Porém, ao mesmo tempo, além desse movimento de renovação, houve também uma Reação contra a Reforma, mostrando para esses reformadores que a Igreja estava incumbida ainda de mudanças, não era tempo de se esconder e sim de buscar um novo sentido, ressignificando-se e ao, mesmo tempo, mantendo a tradição.

No século XVIII, com o Iluminismo e a Revolução Francesa, começa-se a pensar diferente. Agora o que vai prevalecer é a razão, o individualismo, contrapondo-se totalmente ao medievo, onde Deus era o centro de tudo, e se focando agora no ser-humano. Com isso, puseram-se a questionar certos dogmas e a se pensar efetivamente na Religião. Para Rémond, a Instituição Católica ficou refém de sua própria história com a Concordata assinada entre o Estado Francês e a Igreja, perdendo inclusive territórios Pontifícios e a liberdade de crença foi conquistada, implicando um enfraquecimento dos laços que unia a Igreja oficial e o Estado, ocorrendo assim um divórcio dessa Instituição com a sociedade no decorrer do século XIX.

A Revolução Francesa é a primeira a transcrever no direito e na prática as reivindicações do espírito filosófico. A assistência social torna-se uma instituição pública. Os registros civis são tirados do clero e confiados às municipalidades. As minorias religiosas, protestantes e judias, recebem a igualdade dos direitos civis e políticos e são relevadas as discriminações que as atingiam. [...] Na falta de poder "revolucionar" a antiga religião católica, criar-se-á uma religião revolucionária. O insucesso de todas as tentativas para substituir o catolicismo por novos cultos levará os poderes públicos a entrar em entendimentos com a

³⁰ MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a nossos dias. I a era da Reforma*. Tradução de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola. São Paulo, 1997. p. 53

³¹ *Idem*, p. 54

³² Para Martina, o Concílio de Trento: “pôs em evidência a forte capacidade de recuperação da Igreja, vitoriosa de uma gravíssima crise; reforçou a unidade dogmática e disciplinar, que, mesmo ameaçada várias vezes, em consequência das forças centrífugas do galicanismo e dos fenômenos afins, sobressai, sobretudo se comparada à evolução contrária, mas contemporânea, das correntes protestantes; enfim, abriu um novo período na história da Igreja, determinando, em certo sentido, seus traços essenciais, do século XVI aos nossos dias.” O Concílio ocorreu em três fases: Primeira fase foi de 1545-1547; a segunda fase foi de 1551-1552 e a terceira fase foi de 1561-1563. Martina. *Op. Cit.*, p. 251

Igreja. Única inovação: o reconhecimento da liberdade de crer, ou de não crer, e a igualdade concedida às outras confissões e materializada pelos Artigos Orgânicos (1802)³³.

Sob esse prisma, também, acabamos tendo a impressão de que a Revolução Francesa, a Ilustração, e os discursos dos *ismos* realizaram seu objetivo principal que era minar a Igreja, criando, então, uma total secularização dos povos. Porém, Hobsbawm nos mostra que essa ideia era incabível para o momento histórico, pois “o campesinato permanecia totalmente fora do alcance de qualquer linguagem ideológica que não se expressasse em termos da Virgem, dos Santos [...]”³⁴ A classe média e a burguesia também sentiam uma dificuldade de se divorciar da religião cristã e, apesar de todos os esforços para derrubar o que representava o tradicional, a mesma permaneceu de pé, e as camadas da sociedade permaneceram acreditando, por isso, mesmo sendo uma das mudanças ideológicas mais visíveis, permanências e resquícios ainda instigavam as pessoas a acreditar.

Para Johnson, o século XIX foi o século que a Igreja Católica realmente respondeu à Modernidade e a seus discursos com o seu maior representante, Pio IX (1846-78), adotando a concepção ultramontana³⁵ que serviu de suporte para a Romanização³⁶, através do *Silabus* (1864) e do *Vaticano I* (1871). Seus trabalhos foram inspirados no Papa Gregório XVI, que lutava para a Igreja permanecer tradicional diante de todo o progresso que as cidades tentavam implementar. Paul Johnson nos mostra que Gregório XVI fora considerado uns dos papas mais conservadores, defendendo a monarquia e a infabilidade

³³ RÉMOND, 2004. p. 168-169

³⁴ HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*, Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio De Janeiro; 15 edição, Paz e Terra, 2001. p. 240-241

³⁵ De acordo com o Dicionário Cultural do Cristianismo, ultramontanismo é um “Conjunto das doutrinas e atitudes favoráveis à centralização da Igreja romana e opostas à autonomia das Igrejas nacionais. [...] Reafirmado pelo concílio Vaticano I (1870), ele permitiu às Igrejas nacionais defender sua independência diante dos Estados.” LEMAÎTRE, Nicole, QUINSON, Marie-Thérèse, SOT, Véronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Tradução: Gilmar Sain't Clair Ribeiro, Maria Stela Gonçalves, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Edições Loyola, São Paulo, 1999. p. 301

³⁶ Para Soares, “Desde o século 4, quando a Igreja fez sua opção por Roma, e esta por sua vez se tornou cristã, ela passou-se a denominar-se Igreja Romana. Ao longo de sua trajetória histórica passou por várias etapas para consolidar sua doutrina. [...] Então, partindo da ação da Igreja, romanizar significa tornar cristão ou cristianizar de forma mais efetiva; romanizar é levar o cristão a vivenciar sua fé de forma mais consciente e participativa de acordo com os preceitos doutrinários estabelecidos pela Igreja Romana. Por isso, no século 19, a ação da Igreja contra a modernidade, em defesa de seus princípios e, ao mesmo tempo, sua luta para que os católicos de todo o mundo passassem a ser direcionados por Roma, e não pelos Estados ou por associações civis, chamamos de romanização. A Igreja no século 19, ao se confrontar ferrenhamente com a modernidade, se movimentou para cristianizar ou romanizar, mais uma vez.” SOARES, Elisângela Socorro Maciel. *Igreja de Manaus- porção da igreja universal, a diocese do Amazonas vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Editora Valer, 2014. Pp. 42-43

papal. Escreveu a *Encíclica Mirarivos* de 1832 que chamou atenção para o momento histórico que a Igreja passava.

De acordo com Johnson, Pio IX seguiu os passos de seu predecessor e, antes de ser eleito Papa, mostrava que seria mais favorável ao Estado liberal. Contudo, foi mais resoluto e quando assumiu o Bispado, reagiu contra todos da Ilustração e seus descendentes que planejavam a queda da Santa Sé, e com essa luta religiosa reafirmou a Igreja, erguendo-a, mesmo perdendo diversos benefícios que essa secularização defendia.

Conforme Johnson, Pio IX, não se absteve da Modernidade, publicou diversas Encíclicas - que eram cartas circulares do Papa para os bispos sobre como a Igreja deveria se portar - a *Qui Pluribus* de 1848 anunciava a defesa da Igreja e mostrava os erros da época entre eles o indiferentismo e o racionalismo muito em voga no período. A *Nullis Certe Verbes* de 1860; a *Quanta Coficiamur Moerore* de 1863 e a *Quanta Cura de 1864* com seu anexo de 80 erros o *Silabos*, todas elas com o objetivo de combater a modernidade, e a última, sendo a mais mordaz de todas, listou os erros que estava em progresso e que significavam um grande perigo para a Igreja. Até mesmo um bispo chamado Dupanloup dizia que o Sílabo “descrevia um mundo ideal em que todos fossem católicos- não o mundo real, em que a Igreja precisava fazer concessões.”³⁷

Algo de interessante foi também o dogma da Imaculada Conceição através da Encíclica *Ineffabilis Deus*, que “contribuíram para um renascimento católico”³⁸ onde Nossa Senhora de Lourdes, através de seu aparecimento, confirmou para uma menina, Bernadete, o dogma instaurado por Pio IX. Naquele momento, a Igreja adquiria uma protetora que daria forças para o Papa se livrar das amarras que prendiam essa Instituição ao mundo moderno.

Os herdeiros da Ilustração talvez imaginassem que Pio IX, até mesmo pela idade, mostrasse cansaço e esgotamento. Entretanto, para Johnson, não foi isso que os mesmos testemunharam. O Papa convocou o Concílio Vaticano I, que foi o momento decisivo da Igreja, pois “foi esse Concílio que selou o triunfo da Santa Sé dentro da Igreja, ao declarar o papa infalível em questões de fé e moral.”³⁹ Até então, o último a ser convocado foi o Concílio de Trento, no século XVI. Com esse Concílio, se resgatou alguns princípios que o próprio Trento firmou como: a reforma do clero, ampliando o tempo e tipo de formação, tornando-se a arma que Pio IX usou para lutar contra a Modernidade. Mas sua maior

³⁷ JOHNSON, Paul. *O livro de Ouro dos Papas*. Tradução Cristina Serra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 274

³⁸ Ibid., p. 272

³⁹ Id., p.274

“cartada” foi iniciar o processo do Dogma da Infabilidade Papal (1871), ou seja, a centralização do poder e o primeiro passo para a separação do Estado e da Igreja. Esse conflito ficou conhecido como Questão Religiosa e só terminou em 1929 com Pio XI assinando a Concordata de São João de Latrão com o ditador Mussolini.⁴⁰

Esse processo foi lento e tumultuoso, e durante, todo o século XIX, além dos ataques da maçonaria, que foi sua principal inimiga, e a Igreja com suas réplicas a partir de suas Encíclicas a esses ataques, havia também as novas tendências cristãs que começaram a crescer e a disputar também por seus fiéis.

Contudo, não devemos entender que esses acontecimentos com a Igreja Católica ocorreram somente na Europa. Reflexos desse conturbado período chegaram ao Brasil, principalmente com os padres que estudaram na Europa e voltaram ultramontanos, ou seja, com o coração voltado para Roma.

1.2 A Igreja no Império brasileiro

Para Vieira, desde a chegada dos portugueses ao Brasil, a Igreja pertencia ao sistema do Padroado - que consistia em um privilégio concedido pela Santa Sé a um rei desde o século XVI e que dava poderes nos territórios além mar de nomear bispos e recolher dízimos.⁴¹ Várias ordens aportaram nesse território, como os jesuítas, que tiveram um papel importante na educação dos indígenas, os franciscanos, carmelitas entre outros, que vieram com o objetivo de catequisar qualquer pagão e transformar eles na “única e verdadeira fé.”

Para Matos, no Império a Constituição de 1824, inclusive, no seu artigo 5º, outorgava como Lei que somente a Religião Católica era Oficial do Estado, sendo as outras aceitas somente se praticadas em casas sem forma exterior de templo e sem práticas de conversão.⁴² O governo mantinha isso em Constituição principalmente por causa da abertura dos Portos, que convidou muitos imigrantes a se fixarem no Brasil. Outra coisa interessante é que a mesma Constituição colocava a Igreja também como um próprio ‘Departamento do Estado’, pois até mesmo a questão de nomear bispos e conceder ou

⁴⁰ Segundo Holmes e Bickers, a Questão Religiosa terminou, pois o papa começou por reconhecer o reino da Itália, e, desistir de suas exigências por territórios, conquistando em contra partida o Estado do Vaticano. A igreja e o Estado assinaram uma Concordata, que definia os direitos e liberdades dessa Instituição na Itália, e fazia com que o Estado evitasse interferir em assuntos eclesiásticos. HOLMES, J. Derek. BICKERS. Bernard W. *História da Igreja Católica*, Tradução: Victor Silva. Edições 70, LDA. 2006. p. 294

⁴¹ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980. p. 28. Para saber mais sobre o conceito de Padroado ler: o autor Charles Boxer em seu livro “*O Império marítimo português (1415-1825)*” lançando em 1969 das Edições 70.

⁴² MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 2. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p.28

negar beneplácitos estava agora registrado na Constituição. Ou seja, para Matos, a Constituição de 1824 estava oficializando o sistema do Padroado, transformando a Igreja em meros funcionários da Monarquia e ainda por cima mal pago: “O clero faz parte do funcionalismo público e é (mal) pago pelos cofres estatais.”⁴³

Conforme Beozzo, no Brasil, a Igreja era ‘hegemônica’ e assim permaneceu por quase quatro séculos. Por causa de sua “cultura brasileira”, “ser português ou brasileiro era ser católico.”⁴⁴ Se percebe que no Brasil era proibida qualquer outra forma de credo, principalmente indígenas e africanos. Mas em Pernambuco, com sua política tolerante, Maurício de Nassau conseguiu o feito de fazer, pelo menos de certa forma, vingar, por um curto período de tempo, a coexistência de protestantes, judeus e católicos, com um nível de tolerância onde puderam exercer sua fé no século XVII. Porém, alguns anos depois, a Igreja continuou com seu reinado e só sentiu oscilações com perdas de fiéis no século XIX, quando uma nova tendência cristã, e dessa vez influenciada pela cultura norte-americana, chegava ao Brasil com o objetivo de converter o povo à fé protestante. Essa discussão será aprofundada mais adiante.

Devido a inúmeros fatores, listados abaixo, a Igreja no Brasil estava enfraquecida. Para Beozzo, após a Independência, a Igreja se encontrava numa situação crítica. Primeiro, a Igreja Romana não reconhecia a independência do Brasil que só veio tardiamente, enviando uma nunciatura que não queria estar no Brasil. Segundo, os bispos começaram a perceber que o episcopado não cumpria sua missão de evangelizar e começaram a ansiar por reformas.⁴⁵ Sem falar que, durante todo o período do Império, havia somente um Arcebispado (Bahia), oito bispados (Olinda, Rio de Janeiro, Mariana, São Paulo, São Luís do Maranhão, Cuiabá, Pará e Goiás) e três novas dioceses (Porto Alegre, Fortaleza e Diamantina) para todo o território.⁴⁶

Como percebemos acima, o território brasileiro, por ser muito extenso, estava sem o controle da Igreja naquele período. O episcopado não crescia no mesmo ritmo que a população, ocasionando a muitos locais a ausência de padres por tempo indeterminado, e, além disso, o clero possuía pouca influência, pois as irmandades, a sociedade leiga tomava conta de boa parte das funções episcopais. As cômputas eram poucas e os padres

⁴³ Ibid., p.32

⁴⁴ BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja na América Latina* - Tomo II/2, História da Igreja no Brasil Segunda Época – Século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª. Edição, 1992. p.17

⁴⁵ BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja na América Latina*- Tomo II/2, História da Igreja no Brasil Segunda Época – Século XIX. p. 82

⁴⁶ MATOS, 2010. p.81

procuravam outra forma de se manter. Alguns padres optavam por diferentes profissões, uma pequena minoria, possuíam famílias e não praticavam o celibato.⁴⁷ Uma profissão em que se saíam bem era a política, mas outra corrente conservadora apoderou-se dos padres que foram estudar no exterior e voltaram defendendo ideais de mudanças, como já foi analisado acima. Com a falta de padres, a Família patriarcal era a principal forma de transmitir a tradição religiosa.

De acordo com Matos, nesse período vai se formar dentro da Igreja duas correntes de oposição ideológica, uma em São Paulo, considerada um movimento regalista⁴⁸ e liberal, e que pregava antes de tudo a extinção do celibato, já que em muitos lugares do Brasil isso já era realidade e foi liderado pelo padre Diogo Antônio Feijó, que se tornou um dos Regentes do Império. O outro movimento de cunho conservador e ultramontano defendia a aproximação da Igreja com Roma, uma Igreja mais centralizada com preocupações doutrinárias e disciplinares, principalmente com seu clero.⁴⁹ Foi liderada pelo Primeiro Arcebispo do Brasil: Dom Romualdo Antônio de Seixas, da Bahia. Dom Romualdo destacou-se na luta contra a abolição do celibato que, inclusive, foi elogiado pelo próprio Papa Gregório XVI por sua luta e ao publicar “Reflexões que oferece o Arcebispo da Bahia à judiciosa consideração dos Senhores Deputados sobre o parecer da respectiva Comissão Eclesiástica acerca do celibato Clerical (24-9-1834).”⁵⁰

Conforme Matos, no segundo Império, a vinculação da Igreja é crescente com Roma. O movimento reformador dos Bispos avançou e assim também foram as críticas sobre o regime galicanista⁵¹ que sufocava a Instituição Católica, e ao mesmo tempo queriam o Papa como o legítimo chefe da Igreja, não aceitando mais serem simples funcionários

⁴⁷ LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Reformistas na Igreja do Brasil-Império*. São Paulo, USP. 1997. P.32. Apud: MATOS, 2010. P. 44. (Boletim n. 17- nova série- Departamento de História, n.10).

⁴⁸ Segundo Soares, os regalistas têm por objetivo a construção de uma igreja nacional, que em primeira instância atenda aos interesses do Estado. Cf. SOARES, Elisângela Socorro Maciel. *Igreja de Manaus- porção da igreja universal, a diocese do Amazonas vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Editora Valer, 2014. p.109

⁴⁹ MATOS, 2010. p. 47

⁵⁰ Ibid., p.62

⁵¹ Segundo o Dicionário Cultural do Cristianismo, o termo Galicanismo, designava o conjunto de tradições próprias da Igreja da França que insistia em uma autonomia dessa Igreja com relação a Roma. A Proclamação do Dogma da infabilidade papal e do Vaticano I enfraqueceram esse movimento. LEMAÎTRE, Nicole, QUINSON, Marie-Thérèse, SOT, Véronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Tradução: Gilmar Sain't Clair Ribeiro, Maria Stela Gonçalves, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Edições Loyola, São Paulo, 1999. p.139

estatais.⁵² Essa Reforma da Igreja teve como objetivo principal a moralização do clero antigo e a formação de novos padres.⁵³ Suas exigências era ter um “padre *douto e santo*, de conduta reta e grave, um digno representante da ordem “espiritual” e inteiramente voltado para “as coisas do alto”.⁵⁴ Para Matos ainda, havia também a preocupação com o celibato, o uso obrigatório da veste talar (batina), conferência eclesiástica além de um próprio lugar para o clero morar, formação dos seminaristas e as visitas pastorais que aproximavam o fiel da Igreja.

Para Matos, essa reforma, veio ‘importada’ da Europa principalmente porque o foco era a formação do clero. Porém, começou muito ingênua, se espelhando através do Concílio de Trento e posteriormente do Vaticano I, encabeçada por Dom Romualdo Antônio de Seixas, Arcebispo da Bahia; padre Antônio Ferreira Viçoso, português de nascimento; padre paulista Antônio Joaquin de Melo e Dom Antônio de Macedo Costa, que será trabalhado mais adiante. Mas foi devido a essa reforma católica no Brasil que culminou a chamada Questão Religiosa.

Entretanto, essa não era a única ameaça. Além das questões que ocorriam dentro da própria Igreja, do lado de fora existiam todos os discursos que encontramos na Europa contra o que representava a tradição. Sua maior inimiga também foi à maçonaria, pois existiam maçons dentro do próprio seio dessa Instituição. Com a reforma que estava ocorrendo dentro da Igreja não houve meio termo. Ou era a favor da Igreja ou era contra. A maçonaria teve aliados interessantes em sua ‘luta’ contra a Igreja como, por exemplo, as novas tendências cristãs que estavam chegando ao Brasil e queriam novos espaços para fazer seu proselitismo, encontrando muitas dificuldades principalmente pelo lado do clero, perceberam que somente com a secularização do Estado se poderia converter esse povo que para eles eram “pagãos”. Eles acreditavam que somente com esse divórcio se teria a liberdade religiosa.

1.3 Igreja x Império

⁵² MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo 2. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p.78

⁵³ Idem. p.87

⁵⁴ Id. p.90-91

Para Vieira⁵⁵, a Questão Religiosa foi a luta da Igreja ultramontana contra a maçonaria, que com o apoio de um Império liberal mantinha em sua Constituição essa Instituição subordinada ao Estado e não ao Papa. Esse Estado liberal era católico, mas não por inteiro. Legislava automaticamente a maçonaria, maior inimiga da Igreja nesse período. Os Bispos reformadores não aceitavam somente constatar, em sua Constituição, que o Catolicismo era a Religião Oficial, tinham que praticar, mas o Estado mostrava ser favorável à maçonaria. Os Bispos ultramontanos, representados principalmente por Dom Vital de Olinda e Dom Macedo do Pará, começaram suas reformas pelas irmandades que eram muito fortes, e contra a própria maçonaria que tinha em seu movimento muitos políticos que foram até mesmo ameaçados de excomunhão.

Conforme Beozzo, Dom Vital, em Olinda, exigiu que as irmandades retirassem da participação leiga os maçons, que tanto criticavam as ações da Igreja. A mesma reagiu recorrendo ao Imperador, argumentando que eram associações mistas e religiosas sendo regidas também pelo Governo “Além do que, as bulas pontifícias que condenaram a maçonaria não tinham validade no Brasil, porque não obtiveram o beneplácito imperial.”⁵⁶ Essa questão repercutiu bastante. O imperador reagiu às ameaças de Dom Vital ficando a favor das irmandades e deu um período para o Bispo se recompor, mas este não o fez. Foi condenado a quatro anos de trabalho forçado. Porém, depois de um ano, teve a pena mudada para prisão comum.

De acordo com Vieira, no Pará, com Dom Macedo, a questão foi parecida, devido à intensa batalha entre os maçons e os católicos, principalmente por meio de jornais. O Bispo mandou excluir das irmandades os maçons que ali frequentavam, lançando interditos contra tais irmandades. O Imperador, assim como no caso de Dom Vital, não aceitou a decisão de Dom Macedo que estava firme em sua palavra e instaurou um processo criminal no qual Dom Macedo foi preso e condenado à mesma pena de Dom Vital. O interessante foi o que ocorreu em seguida, pois a maior parte do clero ficou a favor dos Bispos, ocasionando uma crise ferrenha entre a Igreja e o Estado, que não apoiou o Império, o qual, por conta desse e de outros motivos, se enfraqueceu. Para Vieira⁵⁷, também os protestantes no Brasil foram um dos elementos que contribuíram para a chamada Questão

⁵⁵ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

⁵⁶ BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja na América Latina*- Tomo II/2, História da Igreja no Brasil Segunda Época – Século XIX. p.187

⁵⁷ VIEIRA, 1980. p. 373

Religiosa, tanto os protestantes alemães, que Dom Vital acreditava ser a grande ameaça, quanto os protestantes americanos, que Dom Macedo já via como uma estratégia do governo norte-americano para conseguir se apossar da Amazônia.

A Igreja, a grande aliada do Estado, que esteve presente em todos os momentos, e já estava insatisfeita com o descaso do Imperador, cortou relações de vez, e o clero começou a criticar ferozmente a monarquia. Sem o apoio do exército, da Igreja e das elites regionais que não estavam satisfeitas com o rumo que o imperador estava tomando em seu Governo, o Império começou a ruir.

O fato é que a Igreja não sabia o futuro que lhe aguardava. De acordo com Vieira⁵⁸, a partir das correspondências do *Internúncio Sanguigne*, percebe-se que sua preocupação era com o risco que a Igreja corria caso houvesse uma separação entre a Igreja e o Estado. Contudo, historiadores como João Santos acreditam que o *Internúncio* era somente a favor do Império, pois, a todo o momento, ficava ao seu lado e contra o que os bispos ultramontanos faziam. Para Vieira, ele usava de uma tática adaptável, testando, aconselhado, conciliando ambos. Já para os bispos, depois da crise, a República já não mais representava uma ameaça. Em nenhum momento eles se tornaram adeptos da causa republicana, mas começaram a enxergar uma “liberdade” na qual o sistema opressor do padroado poderia ser extinto. É claro que não podemos generalizar afirmando que toda a Igreja, depois dessa crise, era favorável a uma separação. Isso não ocorreu, pois, entre outras razões já postas e o medo do novo e do desconhecido, era sempre presente, mas a República libertou a todos⁵⁹, como afirma Villaça, e, principalmente, as outras crenças que já cresciam dentro do Império e se expandiram com essa nova fase no Brasil.

1.4 A chegada dos protestantes no Brasil

Para Mendonça, após a Independência dos Estados Unidos, e dos Grandes Despertamentos⁶⁰, a possibilidade de construir um modelo de civilização cristã tornou-se

⁵⁸ Idem. p. 347

⁵⁹ VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 91.

⁶⁰ Para Mendonça (2008), no século XVIII, a efervescência religiosa e o puritanismo havia se enfraquecido nas colônias, mostrando que a teologia baseada no velho Calvinismo, não era suficiente para uma sociedade

realidade, e acabou servindo de base para as empresas missionárias. Essa nova civilização cristã teria como base a desistitucionalização eclesiástica, ou seja, através do voluntarismo eles garantiam que as igrejas continuassem como associações sem corrupção, e também o chamado tripé da sociedade, religião-moralidade-educação, que já nos mostra a influência do metodismo.⁶¹ Para Mendonça, “O tripé cumpria seu papel normativo e civilizador. Em outras palavras, garantia a estabilidade e o progresso social ao mesmo tempo.”⁶² Para se construir uma nova civilização cristã, era necessário haver uma civilização que servisse de modelo. Essa, certamente, seria os Estados Unidos. Para isso, se precisava mudar a maioria dos hábitos americanos, como por exemplo, começar a moderar em bebidas alcoólicas, cigarros, jogos de azar, e começar a guardar o primeiro dia da semana, pois, para ser modelo de uma sociedade com aquele ideal puritano⁶³ e agora mesclado pelo metodismo, precisar-se-ia mostrar exemplo. O próximo passo seria compartilhar esse tipo ‘ideal’ de sociedade com o mundo.⁶⁴

Para Mendonça, o protestantismo americano foi um protestantismo de povoamento, pois a maioria dos imigrantes que saíam da Grã-Bretanha, e em grande número puritano, chegava à Nova Inglaterra com o objetivo de uma vida diferente, principalmente no viés religioso, pois a igreja pura que tanto almejavam estava mais próxima de ocorrer. Afinal, o Novo Mundo estava por ser moldado. Nesse primeiro momento, se tem a chegada de luteranos, calvinistas e também anglicanos. Os puritanos com sua teologia calvinista

que as oportunidades eram para todos, por isso, era necessário uma resposta a esse tipo de religião que se chocava contra o princípio de voluntarismo e do igualitarismo. “Ainda, as idéias filosóficas evolucionistas reforçavam o crédito na capacidade de aperfeiçoamento e progresso do indivíduo e da sociedade. Não havia como fugir a uma reformulação teológica, reformulação essa que teve como matriz o arminianismo metodista.” MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. p. 87.

⁶¹ Para Weber, o metodismo, foi um movimento religioso dentro da Igreja Anglicana, liderado por John Wesley (1703-91), que não almejava uma separação, pois sua estratégia de renovação era uma “pequena igreja dentro da igreja.” Wesley e seus seguidores levava uma vida de busca religiosa metódica, com hora certa para tudo, daí veio seu apelido, “metodistas”. “A enorme repercussão do movimento metodista, primeiro na Inglaterra e depois nos Estados Unidos, contribuiu para transformá-lo mais tarde numa Igreja separada [...]”. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 286

⁶² MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. p. 93

⁶³ Conforme Mendonça (2008), esse partido como ficou conhecido, partido dos puritanos, desejavam primeiramente transformar, purificar a Igreja Anglicana, tais como a conduta moral dos clérigos e leigos, e excluir os rituais que mantinham e eram muito parecidos com o da Igreja Romana. Muitos emigraram para a Nova Inglaterra nos reinados de Tiago I e Carlos I “onde iriam exercer notáveis influencia na construção de uma sociedade como aspiravam”. Outra coisa interessante que Mendonça nos coloca é a respeito das duas tendências do puritanismo. A primeira, quando são formadas igrejas locais autônomas representados pelas igrejas Congregacionais e Batistas, e, a segunda, à organização em Congregações locais em Federações sob um regime republicano representativo, melhor representado pelas igrejas Presbiterianas, em geral. MENDONÇA 2008. p. 64-67

⁶⁴ Ibid. p. 94

arminiano começaram a emigrar intensamente em grandes contingentes nos anos de 1628 a 1640.

Enquanto isso, de acordo com Azevedo, os imigrantes batistas também chegaram a esse novo continente em busca de melhores condições. No geral, continuaram mantendo as mesmas práticas que as igrejas batistas da Europa. Sua própria teologia continuava sendo calvinista, embora mesclada com o arminianismo, ou seja, um calvinismo mais brando, pois até mesmo a doutrina da predestinação não era discutida entre eles. Suas igrejas começaram a surgir, mas, as práticas de perseguições na Grã-Bretanha, continuaram.⁶⁵ É curioso perceber que, mesmo com as perseguições, era crescente o número de adeptos no decorrer dos anos. As igrejas batistas e os quaker foram duramente perseguidos. No final do século XVII, acentuou-se certa tolerância e, onde havia uma liberdade maior, os batistas conseguiram crescer.⁶⁶

Durante o período revolucionário nos Estados Unidos, conforme Azevedo, os batistas foram os primeiros a levantar forças para combater os opressores ingleses, pois estavam cansados de serem perseguidos e ansiavam, sobretudo, por uma liberdade religiosa. Talvez por isso, sua teoria política sobre a separação da Igreja e do Estado fosse tão forte, pois, na Inglaterra já percebiam que essa união não havia surtido efeito. Seus números cresceram a partir da independência, principalmente porque se mostraram também adeptos da causa revolucionária.⁶⁷ Depois, com a influência do metodismo, sua expansão foi significativa, pois eles não ansiavam por ministros qualificados, com ensino superior. Por onde passavam, estavam prontos e preparados para se reunirem e praticarem o ato da leitura da bíblia, que não podia faltar. As igrejas batistas eram adeptas do congregacionalismo⁶⁸, - que vai ter uma consequência no XIX, com o landmarkismo-⁶⁹ ou seja, eram

⁶⁵ AZEVEDO, 1996. p. 116

⁶⁶ Idem. p. 81

⁶⁷ AZEVEDO, 1996. p. 131

⁶⁸ Segundo Weber, congregacionalismo é um sistema de organização eclesiástica, comum a várias igrejas e seitas protestantes, surgidas em oposição a Igreja da Inglaterra. O congregacionalismo defende a autonomia de cada igreja local e autonomia geral das igrejas em relação ao Estado. WEBER, Max. 2004. p. 281

⁶⁹ “Os velhos landmarkistas centralizaram sua eclesiologia na primazia da igreja local, que deve ser composta de crentes batizados (por imersão), razão porque as igrejas pedobatistas (conforme o vocabulário da época) não poderiam ser reconhecidas como igrejas verdadeiras, mas apenas como sociedades religiosas; seus ministros não poderiam receber autoridade para pregar numa igreja batista e nem deveriam ser chamados de ministro do Evangelho. [...] O movimento conseguiu que as igrejas batistas repudiassem a autoridade as igrejas não batistas, bem como de seus ministros e de suas ordenanças. Assim uma igreja batista não poderia convidar um pastor pedobatista para ocupar seu púlpito. Já que uma igreja verdadeira é aquela composta de crentes batizados (por imersão), as igrejas pedobatistas não poderiam ser reconhecidas como igrejas

independentes e não podiam dar palpite na questão de disciplina com as outras igrejas, mas possuíam pactos entre si para manter boa convivência.

Para Mendonça, no início do século XVIII, com o Iluminismo em voga, aqueles ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a razão e o esclarecimento que os intelectuais pregavam, naquele momento, abalaram o alicerce das igrejas puritanas ocasionando um enfraquecimento do puritanismo nas colônias inglesas. Além desse motivo inicial, que foi o período da razão, colocando em cheque a Bíblia e a fé de todas as Igrejas que houvesse tanto na Europa quanto na América, houve também as lutas políticas com a sua Metrópole que se culminou com a Guerra de Independência e motivos de cunho religioso como a teologia ainda carregada de um Calvinismo ortodoxo e exigência de uma experiência religiosa que atrapalhou para a admissão de membros e no crescimento das igrejas.⁷⁰ Ocorreu, então, uma mudança radical nos ramos protestantes por influência dos Grandes “Despertamentos Avivalistas”. O primeiro foi “caracterizado por movimentos de avivamento do fervor religioso que vão surgindo em diversos lugares e grupos religiosos distintos, começou na terceira década do XVIII e foi até a guerra de independência,”⁷¹. Esse primeiro movimento, influenciou no crescimento de membros das igrejas existentes, fazendo surgir novas igrejas, e cresceu o interesse pela evangelização dos índios. Ele acabou se enfraquecendo com a morte de seu líder, Jonathan Edwards.⁷²

De acordo com Mendonça, o segundo movimento se reergueu, com a chegada, oficialmente, dos metodistas “com sua ênfase mais na conversão do que no batismo, mais na experiência religiosa do que simplesmente em pertencer a uma instituição eclesialística”.⁷³ Esse segundo “Despertamento” ficou conhecido como a “Era Metodista”, que se caracterizou pela expansão do metodismo com suas influências no pietismo⁷⁴

verdadeiras, mas apenas como sociedades religiosas; seus ministros não tinham autoridade para pregar e nem deveriam ser chamados de ministros do evangelho.” AZEVEDO, 1996. p. 129-130.

⁷⁰MENDONÇA, 2008. p.82

⁷¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. p. 84 Sobre o significado de Avivamento Religioso verificar p.33, nota 60.

⁷² “Pastor congregacional norte-americano, [...] liderou juntamente com George Whitefield o primeiro grande reavivamento das Igrejas norte-americanas.” Apud. FILHO, Prócoro Velasques. Deus como Emoção: Origens históricas e teológicas do protestantismo evangelical. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p.83

⁷³ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. p. 84

⁷⁴ Outro movimento ascético trabalhado por Weber foi o pietismo. Para o autor, a doutrina da predestinação foi o ponto de partida para o movimento pietista. O pietismo de início foi “simplesmente uma radicalização da ascese calvinista, a exemplo, digamos, da religiosidade de Bailey.” Essa corrente ascética queria tornar visível a Igreja invisível dos santos, eles queriam vivenciar nesse mundo uma ascese intensificada, uma

arminianos e se espalhou pelos Estados Unidos, onde acabou por influenciar diversas igrejas com seu moralismo e, também, a cunhar o espírito do protestantismo que se diferenciou do europeu. Sua expansão deu certo pelo fato de conseguir se adaptar às fronteiras, e possuir uma teologia simples, sem aquela característica elitista do calvinismo, de ‘profissionalizar’ seus pastores. Nesse caso, eram leigos e acabavam conseguindo se aproximar mais de seus fiéis.

A expansão do cristianismo⁷⁵ pelo mundo começou a ganhar corpo no XIX, principalmente depois das Sociedades missionárias começarem a aparecer. Já existiam mais de 20 na metade desse século. Os missionários levavam na bagagem a principal ‘arma’ - a bíblia- para a conversão dos pagãos na tentativa de salvar esse mundo do atraso, principalmente religioso, e do imperialismo europeu. Não podemos esquecer que no XIX a corrida dos países imperialistas estava acirrada, e os grandes ‘soldados’ aceitavam essas missões com o intuito, de além de converter esses pagãos à ‘verdadeira’ crença, salvar esses países do atraso, mas também, de uma forma talvez até inconsciente, como nos mostra o autor Olmstead, de firmar a aliança com imperialismo americano.⁷⁶

Quando o protestantismo chegou ao Brasil, o mesmo vivenciava, com a abertura dos portos em 1810, uma nova fase da história brasileira. Para Mendonça, se comparado com as ideias da época, ainda era extremamente “inferior” à sociedade norte-americana que já se tornara Independente. Diferente dos Estados Unidos, onde a religião predominante foi o protestantismo, no Brasil a religião que estava enraizada era o outro grupo do Cristianismo: o catolicismo. Esse estava aqui desde a chegada dos colonizadores e já fazia parte da “alma do brasileiro”. Essa ‘inferioridade’ dos brasileiros era também associada ao catolicismo, porque esse era tradicional, ultramontano, e, ao mesmo tempo, “atrasava” a sociedade brasileira de se desenvolver, por isso, talvez, o protestantismo tenha sido muito bem recebido pela camada intelectual do Brasil. Para os protestantes, os católicos iam contra o

comunhão com Deus. Ao contrário do que ocorria no calvinismo, eles foram para um lado mais sentimental. Mudava da histeria para letargia nervosa, com a angústia ocasionada pelo afastamento de Deus. Contudo, o sentimento, inclusive o de ser um verme, nos momentos de ausência de Deus, poderia resultar num motivo para acabar a energia na vida profissional, correndo o risco de a doutrina da predestinação converte-se em fatalismo. Para saber mais ler: WEBER, Max. 2004.

⁷⁵ Nesse sentido, usamos a perspectiva protestante sobre o catolicismo, pois conforme Mendonça, nesse período, o catolicismo não era considerado cristão pelas igrejas protestantes e foi colocado em xeque por vários Congressos no século XX. “[...] Os católicos foram vistos como produtos da descaracterização e paganização do verdadeiro cristianismo recuperado pela Reforma, ao passo que os pagãos eram encarados a partir de conceitos evolutivos.” MENDONÇA. 2008. p.97

⁷⁶ OLMSTEAD, Clifton E. *Religion in America – Past and Present*. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1961. 68. Apud. MENDONÇA, 2008. p. 99

ideal do cristianismo, pois adoravam santos, e praticavam rituais de magia. Dessa forma foi eleito o seu maior inimigo e deveria ser eliminado para que a população brasileira conseguisse alcançar a ‘verdadeira fé’.

Para Mendonça, a fé protestante não era desconhecida no Brasil, esteve aqui anteriormente com duas tentativas fracassadas. A primeira, no Rio de Janeiro, com protestantes franceses, no século XVI e, a outra, no Nordeste, com Nassau, no século XVII. Por pelo menos mais dois séculos, permaneceu prevalecendo a religião do colonizador, porém, no início do século XIX, os imigrantes protestantes chegaram nessas terras a partir da abertura dos portos às nações amigas. Mas, é importante não perdermos de vista que esse protestantismo de imigração não estava interessado em converter a população à sua fé. Nesse primeiro momento, eles vieram com o único objetivo de se estabelecerem.⁷⁷ Por isso, Mendonça nos mostra que houve dois protestantismos: o de imigração como já foi dito e o de missão. Esse último, só apareceu no Brasil a partir da metade do século XIX com a sua missão mais importante: retirar esses povos do paganismo e do atraso.

Conforme Mendonça, o protestantismo americano, que chegou ao Brasil na metade do século XIX, foi muito diferente daquele conhecido logo quando os imigrantes chegaram aos Estados Unidos. Ele estava mesclado pelo puritanismo-arminianismo-pietista⁷⁸, ou seja, fundido com vários movimentos a partir “de sucessivas ondas de reavivamento religioso que transformaram definitivamente o perfil do protestantismo norte-americano, delineando, conseqüentemente, a face do protestantismo missionário no Brasil”.⁷⁹ Esses missionários não queriam somente mudar a religiosidade desse povo que estava à mercê do pecado, mas sim mudar radicalmente o comportamento moral e cultural da população. Eles chegaram imbuídos da cultura norte-americana, segundo a qual eles precisariam

⁷⁷ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: _____. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 12

⁷⁸ “O protestantismo trazido pelas missões americanas para o Brasil já não era o original da Reforma. [...] De modo que, diante da ideologia que se formou paulatinamente a partir da independência política norte-americana, surgiu um protestantismo teologicamente indiferenciado, com ênfase na salvação individual, embora guardasse os limites de suas respectivas formas de governo eclesiástico. Assim, no bojo das missões protestantes, expressos na pregação religiosa e, especialmente, na educação, vinham o liberalismo, o individualismo e o pragmatismo.” MENDONÇA, 2008. p. 158-159

⁷⁹ FILHO, Prócoro Velasques. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. _____. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 206

transplantar a sociedade moralista dos Estados Unidos para outra totalmente diferente, com sistemas políticos, econômicos e religiosos que iam contra o que eles pregavam.

Segundo Velasques, nem tudo foi “flores” para os pioneiros. Logo nos primeiros anos, as conversões foram poucas e encontraram diversas dificuldades por parte do governo e do clero católico. Primeiro, havia a Constituição, só podiam pregar em casas sem forma exterior de templo; segundo, a língua portuguesa não era dominada fazendo o trabalho ficar mais difícil; terceiro, eram extremamente hostilizados por parte da religião dominante e, por fim, as condições sociais do povo eram ignoradas.⁸⁰ Para Velasques, ainda era necessário desconverter o povo da sua fé, trabalhando com uma forma anticatólica, mostrando para eles, suas práticas pagãs e indicando uma nova escolha. Essa seria a ‘certa’ e era trazida de um novo mundo muito mais desenvolvido que o Brasil. Os protestantes também foram recebidos como o elemento estranho, pois a camada pobre da sociedade teve receio, em muitos momentos, desses intrusos, ao contrário da camada intelectual que os recebia como os precursores da modernidade e do progresso.

Mendonça também nos mostra a questão da identificação de seu credo no Brasil. Nos Estados Unidos, eles se identificavam simplesmente como cristãos, aqui se tornou comum chamá-los de crentes ou evangélicos.⁸¹ Crente era aquele que começava a acreditar em Jesus Cristo e abandonava suas antigas práticas pagãs, talvez, por isso, a palavra crente ganhou um sinônimo pejorativo por parte dos católicos da época. Já ser um evangélico era o compromisso da pessoa com os princípios doutrinários, antes de pertencer a uma determinada denominação, era evangélico.⁸²

Enfim, depois de uma longa viagem cansativa a vapor, e terem calculado as primeiras dificuldades pela frente, o povo do livro⁸³ não deixou sua fé se abater. Sentados e analisando a situação local, logo perceberam que precisavam começar o proselitismo⁸⁴ pela camada popular da população. No entanto, novas provas estavam por aparecer. A maioria

⁸⁰ FILHO, Prócoro Velasques. Deus como Emoção: Origens históricas e teológicas do protestantismo evangelical. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. _____. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 100

⁸¹ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil*. 1990. p. 14

⁸² Ibid., p.15

⁸³ Referente à CARVALHO, Sandro Amorim de. *O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015.

⁸⁴ Esforço que as igrejas protestantes faziam para converter a população a sua crença, que poderia ser de várias maneiras, como: fundar jornais para evangelizar, distribuir folhetos, vendas de bíblias, cultos ao ar livre etc.. Grifo meu

da população brasileira era analfabeta, portanto, era necessário que soubessem ler. Afinal, o mais importante ato dentro de um culto era a leitura e interpretação da bíblia. Ainda tinham também os hinários que, por influencia do metodismo e do pietismo, já faziam parte do culto protestante.

Algo interessante sobre os primeiros protestantes, e que também serviu de exemplo para os que chegavam, foi a forma que eles usaram para lutar por um espaço religioso. Mendonça nos mostra que eles trabalharam em torno de três níveis: o polêmico, o proselitista e o educacional. O último se dividia em duas partes:

O ideológico cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. O primeiro foi representado pelos grandes colégios americanos e o segundo pelas escolas paroquiais.⁸⁵

Para o autor, o nível educacional era uma estratégia das empresas americanas para conseguir novos adeptos, inclusive investiram em especialistas, principalmente mulheres. Mas o intrigante, no caso do Brasil, é que os protestantes se depararam com uma população enorme de analfabetos e precisavam mudar essa realidade. Para isso, colocaram, ao lado de cada comunidade, uma escola, e o papel das escolas dominicais deu suporte a esse objetivo, pois trabalhavam principalmente com as crianças. A mulher, inclusive, teve um papel promissor dentro dessas igrejas.

É importante perceber que o seu principal meio de se apresentar ao povo brasileiro era através de jornais, folhetos e livros. A sua propaganda protestante consistia em escrever para os jornais em que tinham apoio. Logo depois, fundavam seus próprios jornais. Além, é claro, da distribuição de bíblias. Através do proselitismo, formou-se ainda o polêmico, pois desde a chegada desses novos fiéis, houve combates com o catolicismo, uma vez que esses procuravam, de todas as formas, obter espaço em um local diferente, mesmo que essas formas fossem conflituosas com a religião oficial. Diversos pastores o fizeram, depois os primeiros convertidos, e, para ironia da Igreja, o primeiro pastor brasileiro era um ex-padre.⁸⁶ Além dessas dificuldades que os protestantes se depararam, houve

⁸⁵ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. p, 122

⁸⁶ “O pe. José Manuel da Conceição, que exercera o sacerdócio em várias paróquias da província de São Paulo, abandonou oficialmente as ordens em 28 de setembro de 1864. Suas duvidas a respeito da Igreja

pequenas brechas que a religião dominante apresentava, fazendo com que o protestantismo fosse mais agressivo em suas missões.

Um certo desprestígio por causa do temível adversário que era o liberalismo, que ganhava corpo nos estratos superiores da sociedade, sem dúvida ligados à expansão das nações colonialistas protestantes, a dependência do padroado [...] e a própria situação interna da Igreja Católica constituíam pontos de enfraquecimento favoráveis à atividade agressiva das missões protestantes. [...] Outro fator relativamente importante da liberdade que essa camada gozava era a localização. Na sua maioria, ela estava longe das sedes das grandes fazendas. Como estava também distante das vilas e, conseqüentemente, das paróquias, não era alcançada nem pela ação pastoral dos párocos nem pelas missões desenvolvidas pelos padres das ordens religiosas. Foi esse o espaço geográfico, social e religioso que se ofereceu às missões protestantes.⁸⁷

Entretanto, mesmo com essas brechas encontradas pela crença protestante, Mendonça nos afirma que o Brasil ficou longe de se “protestantizar”, porque, apesar das inúmeras conversões que houve, principalmente a partir da década de 1870, quando ocorreu a chamada Questão Religiosa, e, conseqüentemente, um enfraquecimento da religião oficial, mesmo assim não se pode falar em um Brasil Protestante: ele continuou sendo, em sua maioria, católico.

Para Mendonça, desde a Reforma, várias teologias e igrejas se formaram. Por isso, o ideal seria falar em protestantismos no ‘plural’⁸⁸. Nesse caso, trataremos esse termo no plural quando falarmos dos protestantes em geral, porque mesmo tendo teologias e práticas parecidas⁸⁹, transformaram-se em várias denominações. Essa falta de unidade é uma de suas maiores características, juntamente com a sua forma de competição entre as diversas denominações, que influenciou a falta de expansão, como era esperado. Com a Igreja

Católica começaram quando aos dezessete anos caiu-lhe nas mãos um exemplar da Bíblia, e começou a lê-la. Um pouco mais tarde, passou a conviver com os europeus, ingleses, alemães e dinamarqueses que trabalhavam na fundição de ferro de Ipanema, perto de Sorocaba, cujo modo de viver, com suas devoções e respeito pelo domingo, impressionou-o, especialmente por serem eles protestantes.” MENDONÇA, 2008. p. 127

⁸⁷ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Vocação ao fundamentalismo: Introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil*. In: _____. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*, 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 135

⁸⁸ Mendonça, em seu livro, está se referindo ao protestantismo brasileiro. Contudo, o termo foi usado nesse trabalho para todos os protestantes. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. Edições Loyola, São Paulo, 1990. p.12

⁸⁹ “A justificação pela fé (*sola fide*), o sacerdócio universal dos crentes (*solus Christus*) e a autoridade normativa da Bíblia (*sola Scriptura*) são o modo de apreensão protestante daquelas crenças básicas cristãs. Em continuação ao processo, no interior do protestantismo, cada confissão após novas ênfases e novas diferenças.” Para saber mais ler: AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

Católica, o objetivo era exterminar para o protestantismo poder fluir, mas com as outras igrejas de diferentes denominações, havia disputas de fiéis.

Cabe aqui mostrar, rapidamente, as primeiras igrejas que se estabeleceram no Brasil com o objetivo de missionar e converter os povos. Mas vale lembrar, que, o grupo escolhido para ser trabalhado, foram os batistas.

De acordo com Mendonça, o primeiro grupo protestante a se estabelecer permanentemente no Brasil foram os Congregacionais. O escocês, Robert Reid Kalley e sua esposa, Sarah Kalley, fundaram uma igreja no Rio de Janeiro. Os Kalley contribuíram com a introdução da teologia conversionista e a mulher, inclusive, produziu um livro *Salmos e hinos*, que influencia até hoje as diversas denominações. O Segundo grupo a se estabelecer foram os presbiterianos, em 1859, com Ashbel Green Simonton, também no Rio de Janeiro, onde fundou a primeira igreja presbiteriana. Os presbiterianos foram o grupo que mais cresceu no Brasil nesse período, seguindo a trilha do café e sendo propagado pelo primeiro pastor protestante brasileiro, José Manuel da Conceição, só chegando a ser ultrapassado pelos Batistas no início do século XX.⁹⁰ Os metodistas apareceram em 1836, com uma tentativa que acabou fracassada, e só reapareceram em 1886, com os missionários Junius E. Newman, John J. Ranson, J. W. Koger e James L. Kennedy. Cresceram pouco em número, porque se estabeleceram nas cidades onde a presença da Igreja católica era dominante, criando assim diversos conflitos. Um dos motivos também que influenciaram seu crescimento foi que priorizaram mais a educação da elite brasileira, criando colégios em todo lugar.⁹¹

1.5 Os Batistas no Brasil

De acordo com Pereira, os Batistas só chegaram ao Brasil no ano de 1860 com Thomas Jefferson Bowen (1814-1875). No entanto, sua tentativa fracassou devido à saúde debilitada desse, e também porque, ao invés de missionar para a população em geral, começou a conversar com os escravos atraindo muitos inimigos, o que provocou sua volta para os Estados Unidos. Em seu relatório reclamou de doenças como a febre amarela, do alto custo de vida e do clima da cidade, fazendo com que a Junta de Missões Estrangeiras,

⁹⁰ MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In:_____. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p. 34

⁹¹ Ibid., p. 40

que tinha a tarefa de nomear e sustentar os missionários, tanto dentro dos Estados Unidos quanto no exterior, decidiu ficar sem incluir o Brasil nos seus planos por algum tempo. Logo depois, ocorreu a Guerra de Secessão (1861-65) fazendo com que o orçamento e os missionários reduzissem consequentemente.⁹²

Conforme Pereira, depois da Guerra de Secessão, muitos imigrantes do Sul dos Estados Unidos optaram por emigrar para o Brasil e se estabeleceram em vários lugares, mas em Santa Bárbara, na Província de São Paulo, foi para onde se desdobraram em maior número: chegaram os presbiterianos, os congregacionais e os batistas. Em setembro de 1871, foi inaugurada a primeira igreja batista em solo brasileiro, mas essa foi criada sem a intenção de pregar o evangelho aos brasileiros, fora criada apenas para os próprios imigrantes manterem sua fé. No entanto, diversas vezes se dirigiram à Junta de Missões através de cartas pedindo missionários para conseguir salvar as almas carentes pelo Evangelho.⁹³

Para Mendonça, em linhas gerais, os Batistas se consideram um ramo paralelo da Reforma, e não se denominam protestantes, mas ‘batistas’. Para eles, suas raízes históricas estão no Novo Testamento. No entanto, esses primeiros missionários batistas são mais intolerantes a respeito da sua identidade porque são originários de um ramo batista radical do sul dos Estados Unidos: o landmarkismo.⁹⁴

De acordo com Pereira, os evangelizadores pioneiros foram William Buck Bagby (1855-1939) e Anne Luther Bagby (1839-1942). Eles se casaram em 1880 e esperavam a decisão da Junta para que viessem ao Brasil missionar o ideal batista. Já estavam decididos a trabalhar no Brasil, e foi graças a eles que se fundou várias igrejas batistas. Estabeleceram-se, inicialmente, em Santa Bárbara, na colônia dos batistas, para aprenderem a língua local. Um ex-padre chamado Antonio Teixeira Albuquerque⁹⁵ os

⁹² PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982. p. 10

⁹³ Idem, p. 11.

⁹⁴ Sobre o significado de landmarkismo verificar a página 35, nota 69. MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil*. 1990. p. 42

⁹⁵ Para Pereira (1982), “Antônio Teixeira de Albuquerque (1840-1887) nasceu na então Província de Alagoas, e, destinado ao sacerdócio católico, matriculou-se no Seminário de Olinda, Pernambuco. Aí achou, por acaso, uma Bíblia em língua italiana. Lendo-a, com o maior interesse, descobriu muitas coisas que não estavam conformes com o ensino ministrado por seus professores. [...] Deixou a batina e praticamente fugiu de Maceió para Recife. Nisso foi ajudado por uma amiga de juventude, Senhorinha, com quem veio a casar-se. O casal viajou para o Sul e aqui Albuquerque se ligou à Igreja Metodista, que lhe reconheceu o batismo católico. Mas [...] chegou a conclusão de que o batismo só pode ser ministrado por imersão. Sabendo da existência de batistas na vila próxima de Santa Bárbara, foi até eles e solicitou o batismo. Batizou-o um dos pastores-colonos, Robert Thomas. Em seguida foi consagrado ao ministério batista brasileiro.” PEREIRA, 1982. p. 19-20

ajudou consideravelmente, inclusive participando das fundações das igrejas batistas. Logo depois, chegaram Zachary Clay Taylor (1850-1919) e Kate Taylor.

Para Pereira, depois de analisado onde se começariam as pregações, os casais Taylor e Bagby, juntamente com Albuquerque, decidiram se mudar para a Bahia, que, para Bagby, além de ser uma cidade populosa (o interior era bem povoado), servia como ponto de conexão para outras cidades. Era também um campo quase desocupado, havendo apenas dois presbiterianos.⁹⁶ No entanto, apesar dessas brechas a favor dos Batistas, não podemos esquecer que a Bahia era também um lugar católico onde foi criado o primeiro Arcebispado do Brasil, ou seja, não foi tão fácil quanto imaginado evangelizar ali. Como exemplo, nós temos um relato do missionário Taylor mostrando claramente a rejeição por parte da população em geral com o novo e o estranho. Mas não podemos perder de vista que os católicos estavam em maioria e com suas tradições e práticas enraizadas na cultura local, por isso, podemos notar a intolerância por parte deles. Vemos isso nos relatos de Taylor quanto ao acolhimento dessa nova denominação.

Um Jovem se convertera em Plataforma, e Bagby resolveu batizá-lo no mar. Havia um bom lugar protegido por rochedos. Voltando do batismo, veio-lhes ao encontro um grupo, que ameaçou o pregador de morte, caso insistisse em pregar na casa do jovem convertido. Bagby não deu importância a ameaça. Mal começou a pregar, começou o tumulto. Uma pedra atingiu o missionário na frente, e ele caiu, sem sentidos. Recuperado, reassumiu a direção da reunião, mesmo porque um casal estava à espera, desde o início, para que Bagby lhes oficiasse o casamento. Nesse tempo ainda não havia sido instituído o casamento civil, mas era permitido aos ministros protestantes efetuar casamentos, desde que os noivos se declarassem a-católicos. Assim, Bagby efetuou o casamento, já quase à meia-noite. Muitos ficaram impressionados com tudo quanto viram e houve conversões.⁹⁷

Depois da demora em achar um local adequado que coubessem todos os casais com seus filhos e ainda com espaço para se fazer os cultos, conforme Pereira, a primeira Igreja Batista do Brasil foi finalmente organizada no dia 15 de outubro de 1882. “Eram cinco os membros fundadores: o casal Bagby, o casal Taylor e o ex-padre Teixeira de Albuquerque.”⁹⁸ No início, a curiosidade do povo fez o salão lotar, no entanto, com o tempo, foi se esvaziando. Perceberam então que precisavam trabalhar evangelizando todos os indivíduos que encontrassem e que estivessem dispostos a ouvir. Começaram a agir e o salão começou a se encher novamente. Então, apareceram às primeiras conversões. Foi

⁹⁶ PEREIRA, 1982. p. 21-22

⁹⁷ Ibid., p. 25

⁹⁸ Id., p. 22

quando os Bagby resolveram voltar para o Rio de Janeiro e iniciar outra igreja, a da Bahia já contava com 23 membros.

Conforme Mendonça, as igrejas Batistas permaneceram essencialmente urbanas, por isso seu crescimento, logo no início, fora lento, pois era onde se tinha o predomínio da Igreja Católica. Essa igreja hoje está espalhada por todo o território nacional, e, apesar de ser uma igreja de predominância na classe média, se manteve presente nos setores da massa. Apresentaram também diversos conflitos entre si, mas conseguiram permanecer unidos. Sua entidade máxima é a Convenção Batista Brasileira, onde concordaram em ser denominacionalistas e, com certa restrição as outras igrejas, mantiveram suas características quanto à eclesiologia, com igrejas locais autônomas e com sua teologia arminiano-wesleyana, individualista e conversionista.⁹⁹

Para Mendonça, os Batistas não se dedicaram tanto à fundação de escolas, pois almejavam expandir suas igrejas e, a partir do início da República, conseguiram seu objetivo. Cresceram rapidamente ultrapassando inclusive os presbiterianos que estavam em maioria. A justificativa para essa expansão, segundo Mendonça, está em torno de cinco motivos. O primeiro foi sua agressividade evangélica e anticatólica; segundo: priorizavam a evangelização direta; terceiro: sua eclesiologia era bem mais simples do que as outras igrejas tradicionais; quarto: possuíam uma ética rigorosa e radical, e, por último, havia o ritual do batismo que se tornava um espetáculo, marcando a passagem das pessoas de uma vida “pagã” para outra cristã.

1.6 Catolicismo e Protestantismos na Amazônia

Conforme Dreher, na Amazônia, percebemos a presença dos protestantes desde a metade da década de 50 do século XIX, mas, a presença mais ‘perturbadora’ para os católicos e que conseguiu tirar a paciência do Bispo Dom Macedo foi Daniel P. Kidder, um missionário e colportor metodista. Ele não poupou esforços para criar desafetos católicos. Publicou, em jornais, diversas colunas contra os católicos, o que contribuiu para o mesmo jornal perder assinaturas, mas, devido a sua capacidade de aguçar a curiosidade da população local, conseguiu vender inúmeras bíblias, as quais, depois de sua saída de

⁹⁹ Arminiano por ser um Calvinismo mais brando, Wesleyano, por ter se influenciado pelo segundo “Despertamento” que ocorreu nos Estados Unidos, além de ser, individualista e conversionista. Grifo meu. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. 1990. p. 43

Belém, o Bispo exigiu que seus fiéis as devolvessem.¹⁰⁰ Quando Dom Antônio de Macedo Costa (1861-90) assume o bispado na Província do Pará, encontrou essa região passando pelos mesmos problemas que se enfrentava no resto do país contra os quais Pio IX lutava na Europa. Todas as questões da reforma da Igreja, a questão da maçonaria, as novas tendências cristãs, tudo era evidente e forte no Pará.

Para Vieira, Dom Macedo nasceu na Bahia e foi um dos seminaristas que estudou fora do país e dentre aqueles voltaram mais fiéis ao Papa e adeptos da causa ultramontana. Foi sagrado Bispo pelo próprio Imperador d. Pedro II, contra o qual, mais tarde, “lutou” ferrenhamente na chamada “Questão Religiosa,” que já foi trabalhada. No Pará, com apenas 31 anos, Dom Macedo pertencia à linha reformista e seguia os passos de Dom José Afonso de Moraes Torres¹⁰¹. Encontrou padres maçons que o criticavam por seu episcopado conservador. Lutou a favor da disciplina do clero, optando por trocar padres antigos por “jovens educados nos seminários europeus”¹⁰². Ao mesmo tempo, iniciou as visitas pastorais nas quais viajava pessoalmente para visitar lugares longínquos e remotos.

De acordo com Vieira,¹⁰³ pelo menos quatro eventos agitaram a vida religiosa do Pará nesse período: a campanha de Dom Macedo para disciplinar o clero, seu choque com o Presidente de Província e com a legislatura, a colônia dos confederados em Santarém e a renovação da propaganda protestante auxiliada pelos liberais republicanos e maçons.

Em uma de suas cartas ao Imperador, conforme Vieira, Dom Macedo afirmava que encontrava dificuldades para disciplinar o clero, entrando, inclusive, em conflitos com alguns padres antigos, pois eram maçons e políticos, proibindo-os de continuarem como missionários. Porém, obteve recusa do próprio presidente de província, Couto de Magalhães, que ficou contra o novo Bispo e a favor desses padres. Sem o apoio do Governo, e até assumir o novo presidente de província, Pedro Leão Veloso, tudo que o Bispo fazia como excluir da Igreja padres que eram claramente políticos e maçons, Couto de Magalhães ao mesmo tempo, ajudava-os encontrando outras profissões para eles seguirem. Além disso, cancelou verbas que Dom Macedo usava para enviar seminaristas

¹⁰⁰ DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992. p. 327

¹⁰¹ Para Soares, “Dom Afonso Moraes Torres, o nono bispo, assumiu em de 1844, foi considerado um dos pioneiros na luta por uma relação mais estreita com Roma. O novo Bispo era de formação lazarista, optando depois por ser diocesano, mas parece nunca ter abandonado o espírito missionário.” SOARES, 2014. p.117

¹⁰² VIEIRA, 1980. p. 296

¹⁰³ Ibid., p.295

para a Europa e, enquanto estava no poder, fez claramente um governo anti Dom Macedo. É interessante notar que, nessa mesma carta, ele informava que sua luta era não só contra os padres antigos, mas também contra o próprio Presidente de Província.¹⁰⁴ Com o novo Presidente, as coisas tenderam a melhorar e o Bispo conseguiu apoio para suas decisões.

Porém, além desses conflitos com o governo e os padres claramente maçons, havia também “um perigo” causado pelos protestantes que estavam no Pará, acompanhados de suas bíblias. Esse foi um grande problema que se agravou para o Bispo, pois, além de se enfrentar todos os tipos de “males” dentro da própria Igreja, havia discursos e movimentos que lutavam contra essa Instituição. Instituição essa que era vista pelos Bispos ultramontanos como salvadora, lutando para manter a sua integridade e tradição.

Para Santos, os protestantes, por sua vez, usavam como estratégia principal, os jornais,¹⁰⁵ que facilitavam a divulgação da sua causa, sendo estes seu principal meio de proselitismo, ou seja, o esforço para converter a população à sua crença, que, no caso deles, era a divulgação de “bíblias e folhetos com os evangelhos”.¹⁰⁶ Para eles, todos poderiam ter acesso à bíblia, diferentemente do pensamento do clero católico, que acreditava que somente as pessoas letradas entenderiam o conteúdo que estava na bíblia. Com isso, os clérigos que estudavam anos e anos esses conteúdos seriam os mais indicados para passar para a população o seu conteúdo, através das missas e pregações. Dom Macedo, quando se tratava de combater os protestantes, conforme Santos, não poupava esforços como, escrevendo uma carta pastoral aos seus fiéis, advertindo sobre a Bíblia e pedindo sua devolução juntamente com os folhetos distribuídos pelos protestantes.¹⁰⁷

Para Santos, o Bispo também ficou bastante preocupado com o estabelecimento de protestantes permanentes na Colônia Confederada em Santarém, pois ele acreditava que os “americanos do Norte queriam se apoderar do Amazonas por meio da imigração, da pregação do protestantismo e da distribuição de bíblias.”¹⁰⁸ Esse medo poderia ter sido ocasionado em razão do Major Hastings, que ficou encarregado de escolher um local para a instalação dessa Colônia no Pará, ter participado da aquisição da Califórnia nos Estados

¹⁰⁴ VIEIRA, 1980. p.295

¹⁰⁵ É interessante notar que o Bispo Dom Macedo reclamava que havia mais de um jornal que claramente publicava críticas a Igreja católica. Podemos citar o Jornal do Amazonas, O liberal do Pará. Ibid., p. 307

¹⁰⁶ SANTOS, João. A romanização da Igreja Católica na Amazônia. In: *História da Igreja no Amazonas*. p. 309

¹⁰⁷ Idem. p. 310

¹⁰⁸ Id., p. 299

Unidos. O fato é que essa Colônia não surtiu o efeito esperado, fracassou, e, entre os vários motivos, seria porque um grande número de colonos era ex-donos de fazendas ou aristocratas que nunca tinham trabalhado, enquanto outros eram muito velhos e não tinham mais forças para trabalhar.¹⁰⁹

Para Pereira, Eurico Nelson, um dos missionários que veio trabalhar na Amazônia, chegou à cidade de Belém no ano de 1891, sem nenhum tipo de ajuda financeira por parte de organizações. Eurico Nelson, como ficou conhecido, empregou-se em uma Companhia de Navegações onde improvisou um hospital no qual ajudava os doentes de febre amarela. Escreveu para sua futura esposa Ida aos Estados Unidos dizendo que não conseguiria continuar sua batalha sozinho, e a mesma embarcou num navio com destino ao Brasil. Casaram-se, e Ida Nelson foi sua companheira por toda a vida, ajudando-o inclusive a fundar algumas igrejas batistas, atuando como participante ativa em todos os aspectos. Chegaram a vender bíblias para garantirem seu sustento. Organizaram a primeira Igreja Batista de Belém no ano 1897, com a ajuda de Salomão Ginsburg, outro missionário americano. Depois que Nelson foi consagrado ao ministério, a Junta de Richmond o nomeou como missionário, auxiliando-o com um salário mensal.¹¹⁰ Mas, o seu trabalho não parou por aí, ao contrário, conheceu cada canto que pode da Amazônia e levou junto com ele a bíblia, convertendo e fundando novas igrejas pelos quilômetros de estradas de água que os rios proporcionavam.

1.7 O Contexto Religioso em Manaus

Conforme Matos¹¹¹, a vida no Brasil no final do século XIX para o XX mudou consideravelmente. O contingente humano cresceu, fator importante foi a imigração, e foi inaugurada a República (1889). Com esse novo sistema de Governo, a vida dos brasileiros mudou nos aspectos: culturais, políticos, econômicos e religiosos. No aspecto religioso, analisado nesse trabalho, a República trouxe para o Brasil a secularização, a separação total entre a Igreja e o Estado.

¹⁰⁹ Idem. p. 301

¹¹⁰ PEREIRA. 1982 p. 45

¹¹¹ MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

A Igreja, outrora, acostumada a ser um importante instrumento do Império, perdeu seu posto e passou a ser apenas mais uma Instituição, pois, com a Constituição de 1891, se estabeleceu uma emancipação religiosa. É importante ressaltar que essa Constituição favorecia as outras tendências religiosas certa liberdade, mas, favorecia também a própria Instituição Católica, porque, agora, eles não precisavam pedir autorização do Imperador - o que acontecia no sistema do padroado. A partir daquele momento, a autoridade máxima era, e ainda é, o Papa.

Para Matos, porém, mesmo se esse contexto político favorecesse a Igreja a crescer mais, uma parte do clero não estava satisfeita e desejava fervorosamente a volta do antigo Governo. E, assim como no Império, houve outra divisão dentro da Igreja na República: os que queriam a volta da Monarquia, e os que aproveitavam a liberdade religiosa que o novo regime oferecia. Um exemplo foi o padre Júlio Maria, grande representante dessa última tendência, que para ele, “unir Igreja e povo deveria ser o grande ideal dos católicos no regime democrático inaugurado com a República.”¹¹²

Com o novo governo, não mudou muita coisa. Para Matos, foi somente com o papa Leão XIII que se decidiu aproveitar os novos tempos no Brasil e reorganizar essa Instituição com a bula *Ad universas orbis ecclesias* (27-4-1892). A partir dessa Bula, permitiu-se criar a Diocese do Amazonas, com a sede em Manaus, no ano de 1893.¹¹³

Os católicos estão presentes na capital amazonense desde a Colônia, com as primeiras ordens religiosas que aqui aportaram. Até a chegada dos protestantes nessa cidade, já existiam construções de Igrejas Católicas como: a Igreja Nossa Senhora da Conceição, Igreja Nossa Senhora dos Remédios e a Igreja São Sebastião.

Assim com a nova Diocese inaugurada pelo Papa Leão XIII, a presença católica se tornou mais forte e conseqüentemente se armou para lutar contra a liberdade que a República trazia. Pois, maçons, liberais, positivistas e os protestantes começaram a fixar-se em Manaus.

A partir da leitura das fontes, teremos, nesse início da Diocese, dois Bispos que atuaram significativamente trabalhando para que os fiéis católicos permanecessem unidos na sua fé: o primeiro foi D. José Lourenço da Costa Aguiar que se tornou Bispo em 1894, sendo assim o primeiro Bispo do Amazonas, ficando até 1904. Dom Lourenço Aguiar, em sua Primeira Carta Pastoral, demonstra como iria ser o seu governo, aplicando um programa

¹¹² Matos, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. -2 edição. - São Paulo: Paulinas, 2011. p.22

¹¹³ Idem. p. 33.

que seguiria três diretrizes: a primeira diz respeito a “Instrução dos padres que é a escola apostólica.”¹¹⁴ A segunda analisa a escola profissional do clero e a terceira diretriz diz respeito à família, pois, para ele, é “a família que fornece cidadãos ao reino de Deus sobre a terra, sendo o viveiro que perpétua o povo cristão.”¹¹⁵ Dom Lourenço queria mostrar em sua Carta Pastoral, que daquele dia em diante estaria presente, vivenciando a Igreja junto com os fieis.

O segundo Bispo que assumiu a Diocese foi Dom Frederico Costa. Dom Frederico chegou a Manaus e assumiu seu Bispado no dia 1 de junho de 1907, recebido pelas autoridades e uma multidão de católicos. Para Lopes, Dom Frederico Costa seguia seu mestre Dom Macedo, “acreditava que a grande ameaça para a Igreja era a modernidade e o liberalismo. Na Amazônia, essa ameaça materializava-se na presença do protestantismo e da maçonaria. Daí a necessidade de combatê-los firmemente.”¹¹⁶ Será aprofundada mais adiante a discussão a respeito dos dois primeiros Bispos de Manaus.

1.8 Presença Protestante em Manaus

Os protestantes, a partir das Sociedades Missionárias, já haviam chegado ao Brasil desde a metade do século XIX, mas conforme Carvalho, somente no ano de 1888, aparece em Manaus o missionário Marcus Carver considerado o primeiro a pregar nessas terras¹¹⁷. Ele trouxe umas das igrejas que mais prosperaram nos Estados Unidos, na chamada Era Metodista.

No início, seu trabalho foi difícil porque a população da cidade era em sua maioria católica e a desconfiança contra os estrangeiros era grande. Contudo, Carver foi persistente, e conseguiu erigir duas igrejas metodistas. Uma das igrejas em um terreno do bairro Praça 14. “Nesse terreno foram construídas uma igreja de tijolos e uma casa contígua que servia de habitação para o missionário Carver. A construção de ambas iniciou no ano de 1888 [...]”¹¹⁸ Essa construção, de acordo com Carver,¹¹⁹ sofreu atentados, como:

¹¹⁴ Ibid., p. 132

¹¹⁵ AGUIAR, Dom Lourenço da Costa. *Primeira Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas*. Rio de Janeiro, 1894. p.45

¹¹⁶ LOPES, João da Silva. LOPES, João da Silva. *Sociedade, relações de poder e religiosidade no alto Rio Negro a partir das representações de dom Frederico Costa*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas UFAM. 2010. p.52

¹¹⁷ CARVALHO, 2015. p. 94

¹¹⁸ Ibid., p. 94

tiroteios, e acabou sendo incendiada, porém sem data do ocorrido. Não podemos afirmar quem foi o possível culpado do fato, pois essa é a única representação que temos do ocorrido. A outra igreja foi construída no Bairro Vila Municipal onde havia pessoas de classes menos abastadas e Carver percebeu que poderia trabalhar evangelizando ali. Outra coisa interessante foram as escolas dominicais, uma atividade comum para todo grupo protestante que chegava nesse País, principalmente porque a maioria da população era analfabeta. Dessa forma, como a atividade principal de cada culto era a leitura da Bíblia, era necessário então alfabetizar essa população, principalmente os mais pobres.

Para Dreher¹²⁰, nesse mesmo ano, os Presbiterianos também se estabeleceram nessa cidade, mas temos pouca informação a respeito dessa congregação. A partir do ano de 1904, percebemos a presença de um jornal presbiteriano em Manaus chamado “O Evolucionista”. Apesar de haver sobrevivido ao tempo apenas duas publicações, o simples fato de ter existido um jornal, e por haver menções sobre eles em outros jornais protestantes, chegamos à conclusão de que a presença presbiteriana, no início do século XX, foi provavelmente ativa.

Em Manaus, os Batistas, com Eurico e Ida Nelson, chegaram em 1897. Eurico Nelson, conforme o jornal “O Evangelista”, “foi o primeiro missionário que pisou as plagas amazônicas, e também o primeiro que pregou nesta cidade o verdadeiro Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”.¹²¹ Naquele momento, foram batizados cinco membros no Rio Negro, e, três anos depois, “a congregação de Manaus é organizada em outubro de 1900, com 20 membros.”¹²² Nesse contato com o jornal “O Evangelista”, percebe-se que o jornal em seu discurso enaltecia a figura de Eurico Nelson, afirmando ter sido ele a trazer “verdadeiro evangelho”. Era notório nos jornais da época, essa forma de se referir aos líderes de suas igrejas, mas, conforme a pesquisa de Sandro Carvalho,¹²³ o primeiro missionário foi Marcus Carver. Contudo, o importante neste trabalho não é mostrar quem ou qual igreja foi a primeira a se estabelecer nessa cidade, e sim o impacto da chegada dessas igrejas (principalmente, a igreja Batista) na cidade de Manaus e se houve confrontos com a Igreja local.

¹¹⁹CARVER, Marcus E. A Short History of Bethesda Mission. Manaus: [s.n.], 1899. Apud CARVALHO, 2015. p. 95

¹²⁰ DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992

¹²¹ Jornal *O Evangelista*. Anno I. N°4, 5/04/1903.

¹²² DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. Idem. p.331

¹²³ CARVALHO, 2015.

De acordo com Belloti, a concorrência religiosa, no final do século XIX e início do XX, tornou-se mais forte a partir da propaganda religiosa, principalmente por parte dos protestantes.¹²⁴ Percebemos esse tipo de propaganda como uma forma de proselitismo bastante forte, pois foram encontrados diversos jornais religiosos. Têm-se jornais espíritas, batista, presbiteriano, metodista.

No caso dos Batistas, encontram-se três jornais com diversos números publicados. E, a partir desses jornais, percebem-se as ações dos batistas nessa cidade. São eles, *O Evangelista*, *O Evangelizador* e o *Baptista Amazonense*. Serão analisados todos eles nessa pesquisa.

Essa congregação, quando se estabeleceu em Manaus em 1900, não demorou em encontrar fiéis dispostos a segui-la. De acordo com a Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus (PIBM), na sua sessão de instalação, decidiram todas as obrigações que os mesmos teriam a partir daquele dia, e, também foi eleito o primeiro pastor dessa igreja: Eurico Nelson.¹²⁵ A cada ano que passava, mais e mais fiéis se candidatavam ao batismo. No final de 1901, a igreja finalizou o ano com 54 membros. Ou seja, o crescimento era favorável e a igreja começou a pensar na construção de um templo que acomodasse todos os fiéis. Encontra-se, na ata no ano de 1902, a doação de um terreno oferecido pelo Senhor Lourenço da Rocha Pompeu, mas que seria dispendioso, para isso, foi tirado do que a igreja guardava ao final de todo culto “para fundos de um templo.”¹²⁶

Eurico Nelson, conforme o jornal, não parava de trabalhar para erguer o templo “a casa atual é de madeira, e provisória, mas é forte e vistosa [...] o pastor e sua esposa são obreiros dedicadíssimos, e teem sido muito abençoados no seu trabalho.”¹²⁷ Em 1903, o templo provisório de madeira já “estava em pé”, contudo, se passaria alguns anos para que o templo de alvenaria fosse erguido. Para os jornais, o Pastor Eurico Nelson era um missionário ativo, não gostava de permanecer muito tempo na cidade, pegava seu barco doado por fiéis e viajava pelo interior do Amazonas levando bíblias para serem distribuídas e chegando a organizar algumas igrejas por lá. Em 1906, assume o pastorado da Igreja o Pastor José Manuel Cavalcante Sobrinho e, em 1908, é a vez de Thomaz José de Aguiar.

¹²⁴ BELLOTI, Karina Kosicki. *História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011. Editora UFPR. p. 27

¹²⁵ Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Da organização até 1907. 05 de outubro de 1900.

¹²⁶ Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Da organização até 1907. 06 de junho de 1902.

¹²⁷ *O Jornal Batista* de 10 de setembro de 1903. Apud Revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.

Conforme a revista comemorativa do centenário, foi preciso Manaus passar pelo *boom* da borracha para os fiéis se motivarem a iniciar a construção do templo de alvenaria. Ainda que o boom da borracha tivesse começado antes, no século XIX, foi somente no final dessa época de fausto, que iniciaram a sua construção, “cuja pedra fundamental foi lançada em 24 de junho de 1909 e inaugurado em 01 de janeiro de 1911, o que significa dizer que a construção durou cerca de 18 meses.”¹²⁸ Será abordada, com mais profundidade, no próximo capítulo, a trajetória do “grande obreiro” dos batista: Eurico Nelson.

Até o final do século XIX, a Igreja Católica era detentora dos fiéis nessa cidade. Contudo, ela não perdeu essa hegemonia com a chegada dos protestantes (no caso os Batistas) que vieram para “lutar contra os males” e iniciar uma congregação que veio a ser a primeira Igreja Batista de Manaus.

Ou seja, a partir da modernização que estava florescendo na cidade de Manaus, assim como em várias outras capitais do Brasil, diferentes credos tentavam ganhar espaço nesse meio concorrido, inclusive com a detentora de boa parte da fé da população local. Em um mundo laicizado, em que a Religião acaba ocupando um lugar secundário, igrejas continuavam sendo construídas em Manaus. Com seus líderes religiosos, ficou mais acirrada a disputa que se distribuiu por toda a cidade e, inclusive, os seus interiores. A Modernidade já estava presente, restava aliar-se a ela para conseguir novos adeptos.

¹²⁸ Retirado da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.



Figura 1 Primeiro templo próprio provisório. Retirada da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.



Figura 2- 1911- O primeiro templo de alvenaria (foto de 1920) Retirado da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória

Capítulo 2- Lideranças Religiosas em Manaus.

Surge hoje nesta capital o nosso despretenso periodico, cujo título, não é preciso dizel-o, deixa ver o seu caracter religioso e seu fim: que é a pregação do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Christo, e por consequencia, o combate decisivo ao mal; seja qual for o aspecto sob que aparecer-nos pela frente.¹²⁹
(Jornal O Evangelista)

Quando Eurico Nelson visitou a cidade de Manaus pela primeira vez, a mesma vivenciava os anos ‘gloriosos’ da chamada Belle Époque, e também já havia tido seu primeiro contato com a Modernidade na presença de maçons, liberais e os protestantes estrangeiros. Ou seja, sem novidade nessa questão, apenas uma minoria da cidade se arriscou nessa nova empreitada que era a de se converter a igreja batista. No entanto, se percebe a partir das fontes analisadas o aumento de fiéis na cidade a cada ano, embora, boa parte dos manauaras permanecesse fiel a Igreja Local. Para o jornal batista, era sempre difícil o começo para os evangelizadores. Lugar novo, pessoas novas, novos tipos de abordagens. Será trabalhado nesse capítulo, esse primeiro contato dos Batistas com a população manauara.

2.1 Eurico Nelson evangelizando em Manaus

Nesse capítulo, trabalharemos com jornais batistas, atas e uma fonte biográfica de Eurico Nelson. O biógrafo José Pereira tende a caracterizar o biografado Eurico Nelson como um herói no qual, “para compor esta imagem, o autor deu visibilidade às representações sociais do ‘homem batista’ ideal, no qual estilo de vida, fé, persistência são elementos definidores de um modelo a ser seguido pelos demais”¹³⁰.

¹²⁹ Jornal *O Evangelista*. Ano I. Número 1 de 1903.

¹³⁰ RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011. p. 49

José Pereira¹³¹ narra à história de Eurico Nelson mostrando que uma de suas vitórias na Amazônia foi ter vencido ao clima. Trabalhou para conseguir convertidos à sua crença, sempre visualizado de uma forma heroica, sem desistir, esse era o ideal batista. Evangelizou e trabalhou na colportagem na Venezuela, em Iquitos no Peru, viajou nos Rios Branco e Negro, Rios Solimões e Madeira.

Quando Eurico Nelson chegou à Manaus, a mesma estava vivenciando o processo final que ficou conhecido como Belle Époque, momento em que a economia gumífera se tornava a principal fonte de riqueza da região Amazônica, transformando aquela vila pacata em uma cidade moderna que atraía investimentos e que se mostrava capaz de atender o mercado que estava surgindo. Para Gizlene Neder, a modernização dessas cidades, com a implantação da República, propiciou a passagem ao capitalismo, efetuando um “aburguesamento” nessa virada do século XIX para o XX. A autora fala da cidade do Rio de Janeiro, mas é interessante notar que esse processo de “aburguesamento” propiciado pela economia do látex, ocorreu nessa cidade, com uma parcela da população.

132

Manaus era a Capital da Borracha, onde o setor dominante da economia viveria usufruindo e esbanjando as riquezas provenientes do látex. Para Pinheiro, em sua obra *Cidade sobre os ombros*, as transformações que ocorreram na cidade vieram de forma lenta e gradual durante todo o final do século XIX, e as intervenções feitas pelo poder público eram percebidas por todas as construções da cidade que, a partir dessa economia, sofreu uma alteração frenética “fazendo sobressair com mais vigor sua metamorfose.”¹³³

Ao lançar outros olhares, percebemos que essa cidade idealizada aos moldes das cidades europeias, mas especificamente da Paris do prefeito Haussmann, foi construída pensando apenas nos estrangeiros com “capital” e barões dos seringais, esquecendo-se do bem estar da população em geral. A única alternativa para essa elite local seria segregar essa população: “Para a execução do projeto, houve necessidade de desapropriar inúmeros casebres habitados por trabalhadores [...]. Era uma forma de expulsá-los da parte central da

¹³¹ PEREIRA, José dos Reis. *O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson*. 2ª edição. Casa publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1954.

¹³² NEDER, Gizlene. *Cidade, Identidade e Exclusão social*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol 2, n 3. p. 106-134

¹³³ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999. p.26

cidade, forçando-os a se deslocarem para as áreas mais afastadas,”¹³⁴ sem pensar na infraestrutura que essas pessoas iriam viver, sem rede de esgoto ou coleta de lixo, entre outros problemas, fazendo com que essa camada específica da sociedade vivesse em espaços insalubres enquanto a elite se beneficiava com todo o luxo que essa mudança proporcionava para Manaus. Percebemos, então, o logro que Mascarenhas¹³⁵ nos mostra em seu livro: essas contradições sociais que a economia gumífera proporcionava à cidade, com ostentação, opulência e progresso, em contraponto com um quadro muito alto de miséria.

Com o ‘crescimento’ econômico de Manaus, brasileiros de outras regiões, estrangeiros de todas as partes do mundo vinham para Manaus, como nos afirma Burns, “Em nada surpreende o grande número de portugueses, espanhóis e italianos, contribuintes tradicionais da emigração brasileira,”¹³⁶ atraídos pela riqueza da cidade, com a intenção de fazer fortuna e regressar para sua terra natal. Com a imigração, Dias nos mostra que “o aumento populacional de Manaus [...], ameaça a harmonia e a beleza da cidade.”¹³⁷ Muitas pessoas vinham do nordeste brasileiro, principalmente para os seringais, com o sonho de mudar de vida, pois a vida no nordeste, principalmente no Ceará com a seca, já não era suficiente para o sustento de suas próprias famílias, sendo a única alternativa trabalhar na Amazônia como seringueiros. De acordo com o jornal o “Triunpho”, de 1900, a imigração era constante na cidade de Manaus.

Vae-se tornando sem duvida em um quadro trágico e desolador, a epocha calamitosa das consecutivas seccas, que presentemente atormentam o Ceará! [...] O Amazonas, cada vez mais absorve um elevado numero de despatriados cearenses no seu seio collossal; povoa-se extraordinariamente com a imigração que hoje é espantosa[...]¹³⁸

Nelson era um desses imigrantes que chegavam a Manaus nesse período, e se percebe a partir das fontes que seu objetivo nesse primeiro momento era trazer a crença batista “ganhando almas para seu Salvador.” Se estabeleceu nessa capital no ano de 1900 e, em outubro, foi fundada a Primeira Igreja Batista de Manaus. Apesar de serem novos nessa

¹³⁴ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. 2ª edição, Manaus: Editora Valer, 2007. p.51

¹³⁵ Ibid.

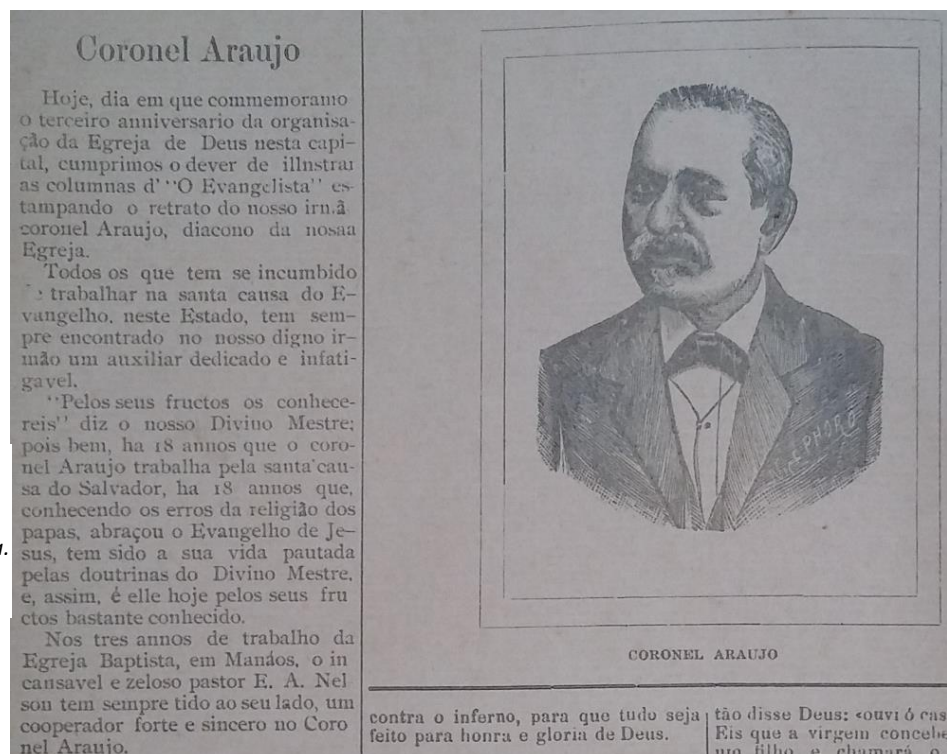
¹³⁶ BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910 – Retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: 1966. p. 9

¹³⁷ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. p.118

¹³⁸ Jornal Triunpho. Anno 2. N°9, 21/07/1900.

capital, os Batistas conseguiram muitos fiéis e estão presente até hoje com bastantes igrejas dissidentes, que pertencem ao ramo Batista. Para José Pereira, os Batistas nessa cidade obtiveram uma receptividade melhor que no Pará por ter do seu lado uma família de excelente posição social: a do Coronel Manuel Pereira Cavalcante de Araújo.¹³⁹ Não podemos esquecer o período que o Brasil estava vivendo com a questão do coronelismo.¹⁴⁰ Talvez por isso, essa família era respeitada no Amazonas. Esse dito Coronel participou ativamente da igreja junto com os primeiros convertidos.¹⁴¹ Se tornou o Primeiro Diácono da igreja Batista e também o primeiro Tesoureiro. Eles foram à vida da igreja Batista nesse período.

Figura 2 – Imagem do Coronel Araújo. Retirado do Jornal O Evangelista. Ano I. Número 19.



¹³⁹ No Pará a adesão foi mais difícil por vários motivos como: não falar o português, não ter ajuda das Juntas missionárias, a Igreja local ser muito forte com uma das festas maiores do Brasil como o Círio de Nazaré. Para saber mais ler: PEREIRA, José R. *O apóstolo da Amazônia*. RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011.

¹⁴⁰ Segundo Carvalho, “O coronelismo era fruto de alteração na relação de forças entre os proprietários rurais e o governo, e significava o fortalecimento do poder do Estado antes que o predomínio do coronel. O movimento histórico em que se deu essa transformação foi a Primeira República, que durou de 1889 até 1930. Nessa concepção, o coronelismo é, então, um sistema político nacional, baseado em barganhas entre o governo e os coronéis. O governo estadual garante, para baixo, o poder do coronel sobre seus dependentes e seus rivais, sobretudo cedendo-lhe o controle dos cargos públicos, desde o delegado de polícia até a professor primária. O coronel hipoteca seu apoio ao Governo, sobretudo na forma de votos. Para cima, os governadores dão seu apoio ao Presidente da República em troca de reconhecimento por parte deste de seu domínio no Estado. O coronelismo é fase do processo mais longo de relacionamento entre os fazendeiros e o governo. CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. V. 40, n.2, 1977. p 229-250

¹⁴¹ PEREIRA, José dos Reis. *O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson*. 2ª edição. Casa publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1954. p.80.

Juntamente com a fundação da Igreja, era dos costumes dos protestantes inaugurarem escolas dominicais, pois, como já foi dito, a alfabetização era muito importante. Sendo as igrejas protestantes o “povo do livro”, era necessário habilitá-los a lerem a Bíblia, os hinários e seus jornais impressos. As escolas dominicais serviam de base para aqueles que seriam o futuro da igreja. Não foi diferente para essa cidade. A mulher de Nelson, Ida, era a responsável de guiar as crianças e adolescente no Evangelho.



Figura 3 - Foto de Ida Nelson e Eurico Nelson. Retirada da revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória

Outra coisa interessante eram as práticas da igreja Batista. Para Michel de Certeau¹⁴², as práticas religiosas, desde a Reforma Protestante, eram as definidoras da identidade protestante, pois não bastava somente ter fé, tinham que praticá-la. Era assim que se estabeleciam as diferenças. O culto Batista era sempre muito animado e tinha cânticos, orações e leituras da Bíblia. Depois do culto, eles se reuniam de uma forma democrática e decidiam, entre si, o futuro da igreja, todos podiam votar. Havia também várias regras. Antes de qualquer coisa, precisava-se aderir essa fé. Existiam duas formas, primeiro: no caso de já se pertencer a alguma igreja Batista em outra localidade, se pedia uma carta demissória da igreja em questão e se encaminhava para a nova congregação, ou, no caso em que se não pertencesse ainda a igreja nenhuma, teria que se converter, declarando em público sua fé, sua mudança perante a sociedade: “o irmão pastor anuncia haver alguns candidatos, prontos para pedirem o Baptismo de Jesus (sic) e os convida para darem seu

¹⁴² CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. p. 166.

testemunho de Jesus.”¹⁴³ deixando uma vida de pecados e se entregando à causa do senhor. Era votado, e se fossem aceitos, somente assim eram batizados. Esse Batismo era o mais diferente de todos, eles emergiam os convertidos (crianças não eram batizadas) em igarapés ou rios, até inaugurarem seu tanque, e assim batizavam-nos.

Em segundo lugar, havia regras como: não terem vícios, não trabalharem em lugar que poderia levá-los ao vício, como bares e botequins, sem danças, sem escândalos que pudessem prejudicar a imagem da igreja. Nos registros, encontramos exemplos de alguns crentes que trabalhavam em lugares como os descritos acima, ou, que em algum casamento acabavam extrapolando e tomando bebidas alcoólicas, o que era considerado um erro grave. A seguir, se tem o Senhor Custodio que conseguiu um emprego em um botequim e foi convidado a sair, se não o fizesse, seria excluído da igreja:

Declarou mais que tendo o Irmão Custodio empregado-se em um botequim vendendo bebidas o que era proibido pela Bíblia e pelo Evangelho perguntava o que se deveria fazer; sendo proposto e apoiado a aconselhar-se a esse Irmão a deixar esse lugar a fim de não servir de escândalo passando a votação foi aprovado unanimemente.”¹⁴⁴

O desenrolar da situação de seu Custodio só foi resolvido na sessão de 03 de julho, quando o mesmo declarou que não ia abandonar seu emprego enquanto não encontrasse outro. Como resultado, foi excluído da Igreja, pois para os membros, o irmão “não se sujeitou as regras do Evangelho.” Ou seja, os Batistas eram severos quanto às práticas religiosas, como podemos ver acima. Custodio teve que escolher entre trabalhar em um local “de pecado” para o seu sustento e sair da igreja, ou ficar sem seu sustento e permanecer na igreja. Como ele escolheu a primeira opção, não se tem como saber como o mesmo ficou depois dessa exclusão. O que se percebe era a força que a igreja tinha ao seguir os ditos ensinamentos do Evangelho e continuaria assim, sem poupar nenhum fiel que andasse no “pecado”. Não foi somente um, vários personagens passaram pela mesma situação que Custodio, tendo que escolher. Um dono de hotel inclusive teve que parar de oferecer vinho aos hóspedes, pois isso era contra o Evangelho.

Quem escolhia se converter a uma nova vida, se tornar um cristão exemplar, precisava se comportar como tal. Para isso, a igreja sabia ou era informada da vida de cada fiel. Nas

¹⁴³ Ata da Igreja Batista da fundação até 1907. Terceira Sessão de 31/12 1900.

¹⁴⁴ Idem. Sessão extraordinária de 17 de abril de 1903.

atas, se tem descritos os comportamentos dos fiéis escandalosos que tinham como seqüência a sua expulsão. Outros comportamentos reprovados eram os adultérios, ou aqueles que se ausentavam um tempo sem comunicar a igreja tal motivo, como, por exemplo, viagens que não eram avisadas, irmãos que estavam na Europa e esqueciam que ainda permaneciam ao rol de membros dos Batistas dessa cidade. Cada assunto era detalhado em suas atas. Mas, como todo campo religioso “é o lugar de uma luta por definição [...]”,¹⁴⁵ temos como exemplo o caso do irmão Cardoso Sobrinho, que enviou uma carta para a igreja pedindo exoneração de seu cargo de tesoureiro e dizia que também não se achava digno de participar da igreja, pois tinha pensamentos heréticos e jesuíticos. Ainda havia um irmão Barroso que tinha ouvido do irmão Almeida Sobrinho que o “irmão Almeida (o Pastor da Igreja) era o papa, os diáconos os bispos e, os mais membros os padres e, que, estes últimos, só faziam o que fosse determinado pelo papa e bispos [...]”¹⁴⁶ Essa analogia do irmão Cardoso Sobrinho foi a causa de sua exclusão, pois, qualquer comparação com a Igreja Católica era uma decepção, porque, segundo eles, as diferenças entre ambos eram enormes, e, para os Batistas, a diferença começava com eles seguindo os ensinamentos do Evangelho. A questão de ele pedir exoneração antes de mostrarem o real motivo pode ter influenciado depois na sua regeneração, pois o mesmo se reconciliou com a igreja. Mas o interessante que se nota é que dentro da própria igreja havia conflitos, assim como em todo campo religioso, inclusive entre os católicos como já foi mostrado na época do Império.

Anna do Espírito Santo também foi um grande exemplo de conflitos dentro da igreja. Apareceram na igreja várias acusações sobre sua vida, a mesma “escreveu uma carta indigna a Igreja” por essa razão foi proposto pelos membros que ela fosse excluída.¹⁴⁷ Anna talvez seja uma representante de uma pequena resistência ao modo que a igreja agia, tanto que resolveu escrever uma carta. Como não se teve acesso a mesma, as especulações são de que o conteúdo era grave, pois, se fosse de outra forma, ela não teria sido excluída. Mas o que se percebe é a estratégia utilizada por ela, não pediu desculpas, não se regenerou como muitos fizeram. Ela simplesmente, mandou uma carta deixando de ser submissa a essa fé.

¹⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 120

¹⁴⁶ Sessão ordinária do dia 03 de maio de 1907

¹⁴⁷ Sessão ordinária de 01 de julho de 1904.

As restrições eram variadas: andar com roupas adequadas, evitar idas ao Teatro, e, se fosse viajar, nada de escândalos etc. Por fim, se alguém, do rol de membros, andasse praticando atos que eram totalmente condenáveis, como os descritos acima, a igreja elegia uma comissão para investigar a pessoa e, somente com as provas, se chegaria ao resultado, se permaneceria ou não na igreja, por meio de votação.

Talvez pelas críticas recebidas de algum fiel por conta das exclusões, Nelson lembrou a eles, em uma publicação no jornal *O Evangelizador*, que aquele irmão sem culpa, mesmo sendo excluído pela igreja, voltaria, porque a igreja assume seu erro. Para Nelson, os inocentes não saem reclamando das punições da igreja, pois sabiam que se ela não disciplinava o membro, ela era disciplinada por Deus. “Geralmente as pessoas cortadas, são culpadas de faltas graves ou princípios falsos. Todo crente sincero que cae diz: “Devo ser cortado pois pequei [...].”¹⁴⁸ Nesse artigo, Nelson deixa claro que as expulsões não são simplesmente porque a igreja não gostava daquele fiel, mas era de acordo com ele, o que a igreja precisava fazer, pois era necessário mostrar aos outros irmãos que quem desprezava a igreja estaria se distanciando de Deus.

O interessante apesar disso, é que a cada ano que passava mais membros se convertiam a essa nova fé. Claro que a Igreja Batista tinha suas regras, assim como qualquer outra, contudo não se pode enxergá-la como uma vilã, ameaçando todos a sua volta. Se fosse assim, não teria crescido e se tornado o que é hoje. De acordo com as fontes, percebe-se que eles sempre ajudavam os seus irmãos, quando alguém precisava, eles admoestavam a pessoa. Teve caso de viúvas de pastor ou algum membro ser ajudado com pensão mensal para auxiliar a se reerguer. Em outros casos, o funeral era todo pago pela igreja. Os Batistas também cooperavam com igrejas de outros Estados que pediam contribuição para fazer seus templos. Contribuíam para deixar o jornal trabalhando, doavam quantias consideráveis para diversos fins, contando que fosse aprovado no rol de membros. Ou seja, é provável que apesar dessas restrições sua ação social acabava atraindo vários fiéis. De acordo com a Ata da igreja, no final de 1901, já contava com 54 membros. É óbvio, que Manaus estava longe de se tornar protestante, pois, a cidade estava em fase de crescimento, com inúmeros imigrantes. Além, de a Igreja Católica possuir a maioria dos fiéis, havia também, outros credos cristãos como: espíritas, metodistas e presbiterianos.

¹⁴⁸ Jornal *O Evangelizador*. Nº4 Abril de 1907.

No ano de 1902, já começaram a pensar em comprar um terreno para se erguer um templo, sinal de que as coisas estavam fluindo. No ano de 1903, o Primeiro templo provisório dos Batistas foi erguido, e para o jornal *O Evangelista*, era de madeira, espaçoso, e cada irmão se sentia parte literalmente daquele templo, pois eles ajudaram a construir, a cuidar, a zelar, doaram quantias altas, e, finalmente, depois de quase três anos, ergueram-no. Abaixo, uma imagem do Templo provisório.



Figura 4 uma das imagens do templo. Retirado do Jornal *O Evangelista* no dia 2 de Agosto de 1903. Número 14.

Além dessas práticas, de acordo com Pereira, a igreja também se estabelecia de uma forma que propiciava a participação de todos os convertidos. A mulher de Nelson, Ida, era professora da Escola Dominical, além de participar da Sociedade das Senhoras, onde as mesmas se reuniam, uma vez por mês, e inclusive pagavam algumas contas da igreja. Doavam regularmente para o fundo de um Templo que a igreja almejava, pregavam o Evangelho na casa das outras irmãs e ajudavam os pobres e necessitados. Ida participava ativamente da igreja. Sempre que Nelson precisava se retirar para atender outras cidades, seu trabalho era redobrado, aconselhando, ajudando os fiéis onde os estimulava a manterem sua fé.¹⁴⁹

Esse é um fato interessante, tanto na igreja batista quanto na católica a presença da mulher foi muito marcante. Na igreja Batista, elas não ficavam alheias a nenhuma situação, se tinham vozes como desde a fundadora da igreja até Aurora de Sá mais tarde que

¹⁴⁹ PEREIRA, 1954. p. 84

inclusive escrevia colunas para o jornal *O Baptista Amazonense*. Já na Igreja Católica havia várias ordens e congregações femininas.

Conforme Pereira, havia também a organização dos homens. Eurico Nelson fundou a Sociedade dos Moços, para ajudar a espalhar o Evangelho. Alguns moços que pertenciam a essa Sociedade compraram uma pequena imprensa e fundaram o jornal *O Evangelista*, em 1903. Ele era publicado de duas em duas semanas, tornando-se um grande propagador dessa crença na cidade. Eurico Nelson também criou o Estatuto da PIBM (Primeira Igreja Batista de Manaus) para regularizar a situação da igreja.

Em 1903, conforme a Revista do Centenário da Igreja Batista, Nelson também organizou as igrejas de Periquito, com sete membros, e Arajatuba, com seis membros, além de fundar em 1904, as igrejas de Popunha, Eureka e Quem-Diria no Rio Solimões. Todas elas tinham o mesmo pastor, Manoel Gomes dos Santos, que foi consagrado pela igreja de Manaus e batizado pelo Pastor Nelson, em 1901. O pastor Manoel Santos passou por muitas dificuldades nessas igrejas, pois o povo, na maioria das vezes cometia pecados que eram graves para a igreja.¹⁵⁰ Também encontrou dificuldades por parte de alguns moradores dessas mesmas comunidades, que serão analisadas no próximo capítulo.

De acordo com Pereira, Nelson, nos primeiros anos, publicou uma “Circular,” como um panfleto, na qual trazia informações adicionais para aqueles que queriam conhecer mais o Evangelho e a Igreja Batista. Meses depois, uma nova “Circular”, em homenagem ao aniversário da PIBM, foi publicada trazendo a situação da igreja naquele ano, os batismos, e sua vontade de crescer. Essas foram as primeiras formas utilizadas pelos Batistas para alcançarem várias camadas sociais. Nelson, a partir dessas publicações, tinha por objetivo ampliar os leitores dessa congregação e explicar o funcionamento da igreja, para aqueles que não a conheciam. Para Pereira, Nelson era transparente na questão de doações e tesouraria e fazia inclusive todo um balanço da igreja no sentido socioeconômico para os fiéis.¹⁵¹

Nota-se também, a partir das fontes, que a PIBM sempre foi muito organizada desde o seu início. Produziam atas para cada reunião, contendo as Sociedades que se incumbiam de pagar as contas da igreja e de propagar o Evangelho, e registravam a doação regular com o objetivo de construírem seu primeiro templo. Sempre, em cada ata, era apresentado o

¹⁵⁰ Revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.

¹⁵¹ PEREIRA. 1954. p. 81-82

relatório mensal, mostrando a receita, as despesas e o saldo da igreja. Percebe-se que alguns fiéis doavam quantias de vulto, enquanto algumas vezes, o tesoureiro precisava chamar atenção para as doações da igreja que se encontravam em baixa.

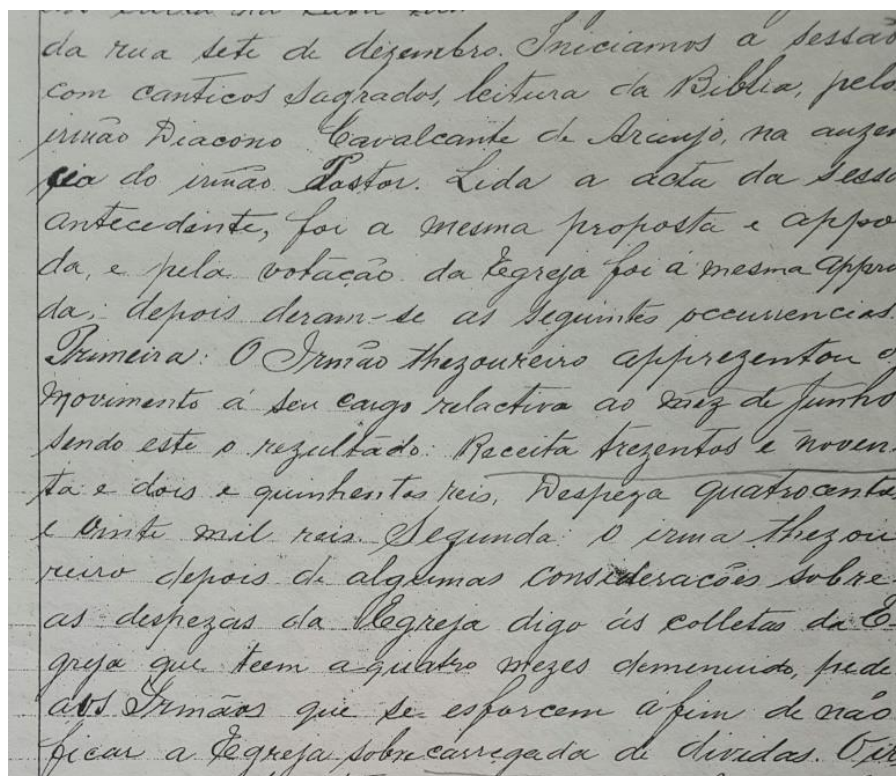


Figura 5 – Fragmento da Ata. Retirada da Ata no dia 11 de julho de 1902

Segundo as fontes, Nelson ficou presente na Igreja de Manaus até 1906, quando pediu sua exoneração para se tornar Pastor da igreja de Santarém que passava por dificuldades. Para Pereira, antes disso, porém, ele viajou pelo Amazonas chegando até Iquitos, no Peru, vendendo bíblias. Como Pastor da PIBM, ficou Almeida Sobrinho que assumiu em 1906. Conforme as fontes, em 1908, assumiu o pastorado Thomaz José de Aguiar que ficou até seu falecimento em 1911. Nelson retorna nesse mesmo ano, como pastor interino, já que permanecia pouco tempo na cidade, pois, viajava pelos interiores, levando o Evangelho.

Para os batistas, a educação era muito importante, e por isso, em 1913 foi organizada pela irmã Aurora de Sá uma pequena escola primária no térreo do Templo que trabalhava com a alfabetização dos filhos dos membros da igreja e ficou conhecida como “Thomaz Aguiar”.¹⁵² E, no ano de 1919, o Pastor Munguba Sobrinho assumiu o pastorado que durou dez anos.

¹⁵² Revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória. p. 9

2.2 O Colportor e missionário

Eurico Nelson sempre trabalhou com a colportagem, e era a partir dela que ele sustentava sua família, quando ainda vivia no Pará.¹⁵³ No Amazonas, com as suas inúmeras viagens, a colportagem estava presente, além é claro da evangelização. Segundo *O Evangelista*, em 1903, embarcou com destino a Iquitos no Peru, onde a Sociedade Bíblica Americana de New York enviou para Nelson uma grande quantidade de Bíblias em Espanhol.¹⁵⁴

Para o jornal *O Evangelista*, Nelson, em sua viagem, optou em parar em trinta portos, incluindo as cidades de Tefé e Remate de Males onde vendeu trezentas bíblias e distribuiu folhetos e jornais. Sempre mandava notícias para a igreja Batista de Manaus. De acordo com seu relatório publicado no jornal *O Evangelista*, em Iquitos, teve boa recepção. Ficou hospedado junto com um agente que também estava em missão, conseguiu ganhar a confiança local em, pouco tempo, vendeu mais “300 bíblias, 1.600 Novos Testamentos e milhares de evangelhos”¹⁵⁵. Deixou ainda, com um amigo, mais cinquenta bíblias para o caso de alguém se interessar. Também pregou para os carcerários onde teve boa recepção e, inclusive, conseguiu vender alguns Novos Testamentos. Nelson relata ainda, que nesse mesmo período alguns Frades que chegaram a Iquitos, há pouco tempo, estavam persuadindo a população a queimar suas bíblias. O interessante foi o que ocorreu depois. Conforme o artigo de Nelson no jornal, a própria população os expulsou, pois já tinham se aborrecido com eles por terem expulsado um padre e tomado de conta da Igreja Católica.¹⁵⁶ De acordo com sua narração, os Batistas e as bíblias foram tão bem aceitos naquela sociedade que se pensou até algum tempo depois mandar algum missionário para aquela região, enquanto os católicos não tiveram a ‘mesma sorte’.

É interessante perceber que o jornal *O Evangelizador* era um jornal de cunho batista endereçado primeiramente aos Batistas, isto é evidente. Por isso, Nelson sempre era retratado como um herói que, apesar das dificuldades encontradas, sempre em suas

¹⁵³ A colportagem foi um método muito usado por outros protestantes no Pará, e foi o primeiro método escolhido por Nelson para evangelizar a população local. Vendia bíblias e Novos testamentos nas ruas, na sua casa, embaixo de mangueiras, bondes públicos, onde estivesse aceitação, ele estaria. Cf: RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011.

¹⁵⁴ Jornal *O Evangelista*. Ano I. Nº2 15/02/1903.

¹⁵⁵ PEREIRA. 1954. p.88

¹⁵⁶ Jornal *O Evangelista*. Anno I. Nº8 01/05/1903.

viagens, como os Frades em Iquitos, por exemplo, era persistente. Incutia o ânimo para os fiéis não desistirem, e sempre as suas destrezas eram detalhadas nos jornais dessa cidade.

Conforme Pereira, sua viagem a Iquitos, que durou aproximadamente dois meses, não foi a única. Quando voltou para Manaus, continuou sua busca por mais povos a quem levar o Evangelho. Planejou visitar a Venezuela e a Bolívia nesse mesmo ano, mas não conseguiu. Mesmo assim, subiu o rio “Madeira até Santo Antonio e o Negro até Santa Izabel.”¹⁵⁷ Para o jornal, em sua viagem pelo Rio Negro, ficou triste com a situação dos indígenas que continuavam “aos milhares nas mesmas condições em que os portugueses os encontraram há três séculos passados: os que não são brabos estão escravizados.”¹⁵⁸ Para ele, só o Evangelho tiraria esses indígenas da situação em que se encontravam. Precisavam se esforçar mais. Precisavam investir em moços na igreja para que os mesmos viajassem ao Rio Negro e pregassem aos indígenas.

Nesse caso, é preciso entender que Nelson vivia em um período onde a Europa era o grande difusor de civilização. E se hoje os historiadores, antropólogos, cientistas sociais, debatem e refletem sobre o conceito de cultura, o mesmo não ocorria ainda no início do século XX. Tinha-se uma concepção de que cultura era sinônimo de civilização, uma visão etnocêntrica e europeia. Então, aqueles que não se igualassem ao ideal criado por eles, como: ter boas maneiras, saberes, automaticamente eram taxados de bárbaros ou selvagens como no caso dos indígenas que não apresentavam nenhum desses aspectos. E, nesse período, umas das formas que eram usadas para conseguir tirar essas sociedades da selvageria com mais facilidade, era a partir das missões das diversas igrejas cristãs.

No Brasil, a Igreja Católica trabalhava com a Catequese e Civilização dos índios, desde a chegada dos primeiros navios portugueses. Já com os batistas, Eurico Nelson via nesses indígenas a oportunidade para trabalhar. Ele, como europeu, nascido na Suécia, e criado nos Estados Unidos, tinha uma visão etnocêntrica, com a ideia de que, apresentando o Evangelho aos indígenas, esses, sairiam da escala inferior da sociedade e se tornariam civilizados. Não se tinha uma preocupação em respeitar alteridade cultural do outro, fruto do período em que eles viviam.

No período em que Nelson trabalhava na Amazônia, existiam epidemias de doenças como a Febre Amarela, malária, no qual algumas vezes teve que se ausentar do trabalho

¹⁵⁷ PEREIRA, José. *O Apóstolo da Amazônia*. p. 89

¹⁵⁸ *Jornal O Evangelista*. Ano I. Nº17, 13/09/1903.

para se recuperar. Mas para o jornal, não desistia, mostrando aos jovens que permanecia ‘lutando na causa do Evangelho’. Visitou a cidade de Manacapuru, apesar de seu trabalho ter sido atrasado por parte dos católicos que lá viviam. Será mencionada essa questão no próximo capítulo.

Conforme o Evangelizador, Nelson viajou pelos rios do Amazonas inclusive o Solimões onde já havia fundado igrejas em Quem-Diria, Eureka, “baptizou na Igreja de Popunha, no dia 18 de abril, [...] O nosso irmão Nelson teve ocasião de pregar o Evangelho no Anamã tendo boa assistência.”¹⁵⁹ Nas cidades pela quais passava sempre vendia bíblias e às vezes conseguia batizar algum novo cristão. Nesse período, visitou diversas vezes a cidade de Belém e Santarém, onde realizou seu primeiro trabalho antes de chegar a Manaus. As igrejas de lá pareciam precisar mais da sua contribuição do que a dessa cidade, porque, em 1906, como já foi mencionado, decidiu pedir a exoneração do cargo de pastor da primeira igreja Batista de Manaus e se instalou em Santarém. Conforme o jornal, sua despedida foi como esperada do fundador da igreja Batista de Manaus:

Enquanto o Secretário lia a resignação do pastorado, dirigida a Igreja na qual por 6 anos trabalhou, soluçava e com ele todos sentíamos mesmo, porque Nelson não tem ido além da Palavra do Senhor. Quem não conhece a respeitável e humilde pessoas de Nelson, não pode aquilatar estas palavras nas quaes fazemos justiça. Nelson com a sua esposa Ida, constituem o grande elemento, dizemos pelo seu trabalho, na Evangelização do Valle do Amazonas. Foram deixar as suas despedidas a bordo crescido numero de membros da Igreja Baptista, bem como diversos alunos da Escola Dominical representando-a.¹⁶⁰

Em sua mudança para o Pará, sempre que podia passava por Manaus e participava dos cultos nessa cidade. No relatório da igreja apresentada no jornal, iniciou o ano de 1907 com 92 membros¹⁶¹, ou seja, a igreja estava bem instalada e crescia cada vez mais. O jornal sempre trazia notícias de Nelson no estado vizinho, erguendo o templo, batizando, fazendo conferências e etc. Sempre instigando os jovens a seguirem o exemplo “daquele missionário que não descansava”.

De acordo com Pereira, depois de quatorze anos trabalhando em Manaus, Nelson se questionava o porquê de nenhum outro missionário conseguir viajar para a Amazônia a fim

¹⁵⁹ Jornal O Evangelizador. Ano I. 15 de maio de 1905. Número 7.

¹⁶⁰ Idem. 14 de outubro de 1906. Número 10.

¹⁶¹ Jornal O Evangelizador. Ano III. Fevereiro de 1907. Nº 2.

de Evangelizar. Escreveu uma carta para a Junta de Richmond indignado, lembrando que Deus não disse “Ide a todos os bons climas, mas sim Ide a tôdas (sic) as criaturas. Conseqüentemente é uma vergonha para os soldados de Cristo questionar por causa do clima.”¹⁶² Muitos missionários que aqui chegaram não se demoraram muito, muitas vezes pelo clima, outras pelas doenças.

Conforme Pereira, os barcos doados para Nelson, ajudaram no seu trabalho pela Amazônia. Teve ajuda de três barcos. Para Pereira, o primeiro era simples, adaptou uma vela e fez grandes viagens. O segundo foi feito por um homem acometido pela lepra que, na época, não tinha cura, e, precisava se isolar da sociedade e da família, o mesmo conheceu a Bíblia e se converteu. Deu de presente para Nelson que adaptou um motor e fez um teto de palhas que chamou “Arca de Noé”. Tempos depois, ganhou uma lancha doada pelos americanos, moderna para a época, com a marca “Búfalo”, e, tinha tudo que os tripulantes necessitariam durante uma viagem. Pereira em seu discurso enfatiza a felicidade de Nelson, que não esperou o fim de suas férias, nos Estados Unidos, e voltou para continuar com seu trabalho. Para Pereira, Nelson morreu em 1939, deixando um “grande legado para os Batistas Amazonenses e também do Brasil.” Foi com a lancha Búfalo que viajou:

[...] de Belém até Pôrto Velho (sic) onde organizou uma igreja em 16 de outubro de 1921. Em janeiro de 1922 realizou o seu velho sonho: subiu o rio Branco. [...] batizou oito pessoas ganhas para Cristo [...]. Organizou a igreja de Boa Vista, deixando-a aos cuidados do irmão Epifânio da Silva. Logo a seguir desceu o Branco, o Negro, e o Amazonas, entrando pelo Tapajós a dentro. Voltou a Santarém e atravessando até Garapé-Assu lá fundou uma igreja com 22 membros, dos quais haviam sido por ele batizados em maio de 1921. [...] Em janeiro de 1923 voltou outra vez ao Madeira e, passando Pôrto Velho foi organizar uma igreja em Águas Frias, que começou com 21 membros. Voltou depois ao Amazonas e perto de Óbidos organizou em 8 de abril a igreja de Corumucuri. Em 1925 organizou a igreja de Maués.¹⁶³

Na biografia de Nelson, José Pereira faz uma homenagem em seu livro *O Apóstolo da Amazônia*, para mostrar aos jovens e instigá-los a serem como ele. Percebe-se a todo o momento, um discurso laudatório e apologético, apoiando tudo que Nelson usou para

¹⁶² PEREIRA. 1954. p.95

¹⁶³ PEREIRA, 1954. p. 98

conseguir evangelizar na Amazônia, não importando seus meios, apenas o que resultou deles.

2.3 Os Bispos romanizadores

Como já foi dito, no Império a situação dos católicos era precária em todo o Brasil e no Amazonas, não era diferente, pois a extensão territorial e a falta de clérigos faziam com que a Igreja tivesse dificuldades para supervisionar seus fiéis. Para Arthur Reis, a Amazônia nas últimas décadas do século XIX experimentava uma riqueza que provinha da economia do látex, mas não dava um passo na conquista espiritual dessa região e as comunidades ribeirinhas continuavam prejudicadas com “conforto material e espiritual, de cuidados sanitários, de exemplos de dignidade”.¹⁶⁴

Para o historiador norte-americano Andrew Chesnut, a hegemonia da Igreja Católica por quatro séculos e suas graves ausências em vários cantos do Brasil resultou em diversos ‘católicos nominais’ ou não praticantes¹⁶⁵ colaborando para a concorrência religiosa no século XX. E, conforme as fontes, os protestantes aproveitaram as brechas encontradas nessas terras. Eles trabalhavam para converter fiéis, não só na capital, mas também nos interiores.

Com a República, o Papa Leão XIII aproveitou as possibilidades que o novo governo proporcionava e finalmente inaugurou a Diocese do Amazonas, com capital em Manaus. É válido ressaltar que essa Diocese abrangia os territórios do Amazonas, Acre, Roraima e Rondônia, ou seja, mesmo separada do Pará, a área era extensa e vários lugares, como os interiores, acabavam ficando relegados às visitas de padres por tempos indeterminados. Nas cartas pastorais, percebemos os Bispos colocando em prática o que os Concílios de Trento e Vaticano I tanto exigiam, como as viagens em que faziam: visitas, batizados, casamentos, primeira comunhão, crisma, e visitando a enorme área geográfica da Diocese onde relatavam a presença de muitas comunidades ribeirinhas e, também, indígenas carecendo de religiosos para ajuda-los nessa vida ‘difícil’ no Amazonas.

¹⁶⁴ REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Conquista Espiritual da Amazônia*. 2.ed. Manaus editora da Universidade do Estado do Amazonas/ Governo do Estado do Amazonas. 1997. p. 105

¹⁶⁵ CHESNUT, R. Andrew. *Competitive Spirits: Latin America's New Religious Economy*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Apud. BELLOTI, Karina Kosicki. *História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea*. p. 27

2.3.1 Dom José Lourenço Aguiar¹⁶⁶

Dom Lourenço se tornou o primeiro Bispo do Amazonas e assumiu a Diocese naquele contexto histórico do ultramontanismo e da romanização, em que os padres e bispos estavam reformando e reorganizando a Igreja onde procuravam criar novas circunscrições eclesiais, e precisavam reafirmá-la diante de um estado laico e de uma modernidade que tanto ameaçava sua existência. O novo Bispo ficou incumbido desse desafio que era mostrar a essa nova ordem social que a Igreja permaneceria ali, forte, como permaneceu por quatro séculos. E como o Bispado acabava de ser criado, tudo estaria por fazer. Por isso, seu trabalho seria muitas vezes superior ao de qualquer outro que fosse lhe suceder, porque “populações disseminadas por vastíssimo espaço, chamam por socorro moraes, as florescentes cidades, e as impenetráveis selvas semeadas de selvagem, chamam por seu benefício influxo.”¹⁶⁷

De acordo com a Ata inaugural do Bispado, Dom Lourenço foi aclamado na sua chegada a Manaus em 1894, recebido pelo próprio Governador, clero secular e regular, irmandades religiosas, magistrados e oficiais do Estado, as pessoas mais notáveis da população, vários colégios de educação e também as massas que desfilavam pelas ruas de Manaus arrumados e orgulhosos da chegada de uma grande representante da Igreja. Manaus tinha um Bispado, não era mais esquecida, sua elite estava finalmente satisfeita, pois não bastava “ser liderança e acumular bens, o reconhecimento religioso concede um *status* diferente”.¹⁶⁸ Isso nos mostra que, apesar dos novos tempos que a República trazia, o catolicismo estava enraizado na cidade de Manaus, que com o Bispado teria muito mais influência.

O teste de Dom Lourenço Aguiar se deu quando assumiu a Diocese e encontrou-a cheia de dificuldades financeiras, e, depois que o Estado se separou oficialmente da Igreja, a

¹⁶⁶ Dom José Lourenço da Costa Aguiar nasceu no Ceará e sempre foi muito estudioso, ingressou no Seminário em 1866 e em 1870 já tinha sido ordenado. Trabalhou como professor, padre, exerceu o jornalismo, e era o diretor proprietário do jornal *Tribuna Católica*, foi Vigário Geral e Cura da Sé onde governava a Diocese do Grão-Pará junto com Dom Macedo. Estudou em Roma quando obteve o grau de Doutor e foi agraciado com alta dignidade de Monsenhor pelo Papa Leão XIII. Em 1892 voltou para o Brasil, e no ano seguinte foi surpreendido pela sua nomeação de Primeiro Bispo do Amazonas, no qual demorou pelo menos mais um ano para assumir essa Diocese. Retirado do *1º Centenário de nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar*, 1º Primeiro Bispo do Amazonas. 1847-1947. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.

¹⁶⁷ Coluna intitulada “Amazonas, Dom José Lourenço da C. Aguiar.” de 9 de junho de 1894. Retirado do Arquivo da Cúria de Manaus.

¹⁶⁸ SOARES, 2014. p. 178

“ordenação das despesas passou à responsabilidade das autoridades diocesanas, sendo a maior parte dos recursos arrecadada diretamente junto à população”.¹⁶⁹ Os fiéis nem sempre depositavam os dízimos, e os vigários viviam de doações recolhidas entre os paroquianos. A Diocese se esforçava para manter os paramentos dos padres. As viagens, a alimentação, as vestes, e todos os produtos básicos necessários à higiene eram doados pela população. As próprias obras paroquiais eram todas patrocinadas pelos comunitários. A Santa Sé raramente mandava ajuda.¹⁷⁰ Portanto, a Diocese recém-inaugurada tinha que enfrentar os desafios que a modernidade trazia. Uma das formas mais usadas para arrecadar fundos para a Igreja eram as famosas festas das padroeiras e os leilões que se faziam.

Para Soares, Dom Lourenço ainda organizou o patrimônio da Diocese, fazendo com que os padres fizessem arrecadações “de recursos nos municípios, ao mesmo tempo em que os enviava também para realizarem a desobriga”.¹⁷¹ Como a maioria da população amazonense era católica, bastava então apenas um estímulo para os comunitários se sensibilizarem com a causa da Igreja e a doarem inclusive terrenos¹⁷² para construções de capelas, onde os próprios comunitários se encarregavam de construí-las. Dom Lourenço também ordenou 12 sacerdotes e fundou duas novas Paroquias em Juruá e em Manacapuru¹⁷³, onde mais tarde os católicos tiveram até mesmo conflitos com os Batistas.

Toda vez que o Bispo viajava para suas visitas pastorais deixava a Diocese organizada e nas mãos de pessoas de sua confiança como o Vigário Geral Cônego Francisco Benedicto da Fonseca Coutinho, Padre José Laurindo dos Santos e Cônego José Henrique Felix da Cruz Dacia.¹⁷⁴ Na sua Carta Pastoral de despedida de 1896, quando viajaria para Roma, o Bispo nos informa que iria tratar dos interesses da população manauara e mostrar as necessidades pastorais para o Vigário de Cristo. Na volta de sua viagem, trouxe um presente do Pontífice: um camafeu para o Governador do Estado Fileto Pires que organizou uma grande recepção à espera do Bispo. O Palácio fora todo decorado e houvera

¹⁶⁹ SILVA, Francisco Gomes. *A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara. (1759-1999)*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1999. p. 135-136

¹⁷⁰ Idem, p. 136

¹⁷¹ SOARES, 2014. p. 185

¹⁷² Ibid., p. 185

¹⁷³ Idem, p. 186

¹⁷⁴ Carta Pastoral de Despedida para a 1º visita <ad limina Apostolorum> do Exm. e Rvm Sr. D José Lourenço da costa Aguiar. 20 de Setembro de 1896. p. 8

até mesmo trocas de discursos.¹⁷⁵ Esse presente simbolizava que mesmo, naqueles novos tempos, a Igreja permanecia com alianças, pois, mesmo o Estado sendo secular, sua religião não deixava de ser católica. Para Soares, Dom Lourenço escreveu ainda o *Christu Muhençaúa*, para propagar a doutrina cristã, na língua neengatu, e, se aproximar mais das culturas indígenas.¹⁷⁶ Dom Frederico, inclusive, usou o *Christu Muhençaúa* como base para aprender o neengatu.

Em sua Primeira Carta Pastoral, Dom Lourenço criticou a demora desse Estado para se tornar Bispo, precisando de muitos esforços de prelados e governos, enquanto outras circunscrições muito menores, até mesmo em população obtiveram o título primeiro.¹⁷⁷ O Bispo também declarou como iria ser o seu governo, aplicando um programa que seguiria três diretrizes: a primeira diz respeito à formação dos membros do clero, pois era necessário estar preparados intelectualmente e moralmente sendo responsáveis pela educação dos fiéis na fé, porque “um sacerdote sem livros, sem estudo, sem leitura, é como o soldado sem armas, o escritor sem penna, o cego sem guia.”¹⁷⁸ A segunda diretriz dizia respeito à construção de um seminário, porque o seminário era a base da Diocese, com um seminário bom, o futuro da Religião estava garantido, com número suficiente de clérigos para atender às necessidades dos fiéis.

A terceira diretriz era evangelizar as famílias, consideradas a Escola onde a educação era o amor. Com essa educação religiosa o homem tornar-se-ia mais sábio e temente a Deus. A família religiosa sempre ficaria de pé diante de todas as calamidades, porque a “família é o único edifício que não rue por terra”.¹⁷⁹ Dom Lourenço queria mostrar em sua Carta Pastoral, que daquele dia em diante estaria presente, vivenciando a Igreja junto com os fiéis.

Dom Lourenço Aguiar viajou em 1901 para a Bahia e deixou o Cônego Hipólito Costa à frente da Diocese de Manaus. Logo depois foi para Lisboa em busca de saúde, mas acabou morrendo em 1905.¹⁸⁰

¹⁷⁵ A dádiva de Leão XIII- Dom Lourenço 1897. Retirado do Arquivo da Cúria de Manaus.

¹⁷⁶ BITTENCOURT, p. 304. Apud SOARES, 2014. p.186

¹⁷⁷ Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas. p. 7

¹⁷⁸ Idem, p. 18

¹⁷⁹ Id., p. 45

¹⁸⁰ *1º Centenário de nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar*. 1º Primeiro Bispo do Amazonas. 1847-1947. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.

Figura 6 -1º Centenário de nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar. 1º Primeiro Bispo do Amazonas. 1847-1947. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.



2.3.2 Dom Frederico Benício Costa¹⁸¹

¹⁸¹ Frederico Costa nasceu no Pará, no ano de 1875, e desde muito novo teve vocação para ser seminarista. Entrou com 9 anos para o Seminário do Carmo e no ano de 1896 foi convidado pelo Bispo do Pará para ir estudar no Pontifício Colégio Pio Latino Americano em Roma e frequentou a Universidade Gregoriana. Destacou-se entre os diversos padres. Concluídos seus estudos eclesiásticos, foi ordenado sacerdote a 1º de abril de 1899, em Roma, para o clero secular da Diocese do Pará. Foi professor no Seminário de Belém e vigário da paróquia de Nossa Senhora de Nazaré. Exerceu as funções paroquiais em Nazaré, quando foi nomeado Prelado de Santarém e em 1907 foi eleito o 2º Bispo do Amazonas. A Província do Pará. *Centenário de Dom Frederico*. 3º Caderno. Belém, 19 de outubro de 1975.

Depois de um longo período de vacância em que o Bispado ficou sob os cuidados do, até então, Bispo do Pará, Dom Santino Coutinho, finalmente, em janeiro de 1907, o Amazonas conheceu seu Segundo Bispo, Dom Frederico Costa. De acordo com o Jornal do Comércio, a espera era grande e, como estavam sem Bispo desde 1905, a população manauara se encontrava ansiosa, programando alguns festejos junto à comissão de recepção. Faziam reuniões regulares para a preparação de uma grande recepção por parte do clero católico, as irmandades e a massa, onde planejaram, desde fogos de artifício, sinos tocando, a jantar a ser oferecido ao ilustre segundo Bispo.¹⁸²

Boa parte da população católica se reuniu para receber o prelado, inclusive as pessoas mais notáveis da cidade entre elas: o governador, o comandante militar do distrito de Manaus, o presidente do Congresso, o superintendente municipal e o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado.¹⁸³ Havia também os fiéis católicos, compostas de associações religiosas e colégios dessa cidade, sob a trilha sonora do hino nacional tocado pelo regimento militar.

A igreja e as ruas pelas quais o Bispo passava, no *landeau* disponibilizado pelo Governador da cidade, estavam lotadas de fiéis, desde o caminho do Palácio Episcopal até sua trajetória a São Sebastião e depois à Catedral. Lá, realizaram o *Te Deum* com a presença do clero regular e secular onde ocorreu a tomada de Posse.¹⁸⁴ Tudo foi organizado nos seus mínimos detalhes, e a população participou de cada momento. Para o Jornal do Comércio, fazia tempo que Manaus não via uma festa tão descomunal com ordem e sem violência. Depois de ser cumprimentado pelas pessoas de todas as camadas sociais que se encontravam na Catedral, o Bispo seguiu para o palácio Episcopal onde foi oferecido um jantar.

E, no decorrer dos dias seguintes, recebeu algumas visitas ilustres e retribuiu como pode, todas elas. Recebeu também várias cartas de Dioceses de outros Estados, congratulando-o por se tornar Bispo do Amazonas. Em sua primeira Carta Pastoral, de 1907, ele agradeceu essa grande festa que foi sua recepção, onde as pessoas de todas as classes sociais demonstraram os seus sentimentos cristãos ao seu Bispo. Começou mostrando que ocorreriam grandes acontecimentos na Diocese, entre eles o jubileu sacerdotal de S.S. Padre Pio X, no qual os católicos do mundo se preparavam para celebrar

¹⁸² Jornal do Commercio, Manaus, 25 de maio de 1907, n. 1044.

¹⁸³ LOPES, 2010. p. 48.

¹⁸⁴ Jornal do Commercio, Manaus, 03 de junho de 1907, n. 1053.

essa data com várias programações que incluíam, inclusive, fundar um Instituto educacional para a instrução e educação completa de meninas que, mais tarde, ficou conhecido como Colégio Santa Dorothéa. Outro grande acontecimento foi o segundo Congresso Católico Brasileiro que se reuniria juntamente com a Diocese do Amazonas para discutir questões em nome da população “catholica desta diocese e concorrerá para que se dissipem os preconceitos que lá por fora correm contra a sinceridade dos vossos sentimentos de crentes fervorosos”.¹⁸⁵

Mas, a sua administração seria colocada à prova assim que descobriu que assumiu uma Diocese carregada de dívidas, devido à gestão do vigário Geral anterior. No bispado de Dom Lourenço, como já vimos acima, a Diocese passava por momentos turbulentos na sua economia, mesmo assim conseguiu organizá-la. Contudo, apesar dos esforços implantados pelo Primeiro Bispo na economia da Igreja, Dom Frederico assumiu o que parecia ser outra Diocese enlameada de dívidas e explicou tudo em sua Carta Pastoral de 1909.¹⁸⁶

Dom Frederico, nas suas viagens, que foram relatadas detalhadamente na Sua Carta Pastoral, narra de uma forma que prende o leitor em suas aventuras missionárias. Seu objetivo era levar a Igreja Católica a todas as comunidades pelas quais passava. Batizou inúmeros indígenas, fez centenas de casamentos e algumas crismas, apesar de que, em seu relato, a maioria da população dessas comunidades nunca tinha ouvido falar sobre esse sacramento.

No dia primeiro de janeiro de 1908, ele partia em uma nova expedição com destino a Boca do Tefé. Lá, ele se encontrou com os padres do Espírito Santo, e elogiou-os pelo

¹⁸⁵ Primeira Carta Circular de Dom Frederico Costa, como bispo da Diocese do Amazonas. Carta publicada no *Jornal do Commercio* em 23 de agosto de 1907.

¹⁸⁶ Segundo Dom Frederico, logo que assumiu, desconfiou do Vigário Capitular, monsenhor Hipólito Costa, pois o mesmo havia viajado à custa da Diocese para participar, em Roma, de uma simples comemoração. Dom Frederico então montou uma comissão formada por Monsenhor Antero de Lima e doutor Rodrigo Costa, para descobrir o tamanho exato da dívida, e se assustou com o resultado que chegou. Uma dívida de cento e vinte contos oitocentos e noventa e cinco mil trezentos e quarenta e sete réis, “somma que mais tarde subiu a 177:423\$920, sendo maiores credores os Snrs. Mons. Hypolito Costa, em 54:418\$587”.¹⁸⁶ Nomeou o Rvm. Frei David de Desenzano como novo Vigário Geral, para tentar contornar essas dívidas que caíram sobre seus ombros. O Bispo se sentiu entristecido com o decorrer da situação, e o interessante foi que a todo o momento ele tentou diminuir a culpa do Monsenhor Hypolito, mas, como o próprio disse, em nenhum momento ele quis prejudicar a ninguém e sim “salvar futuras responsabilidades, pois de um momento para o outro podemos morrer”. COSTA, Frederico. *Carta pastoral de dom Frederico Costa, bispo do Amazonas a seus amados diocesanos*. Idem, p. 142

excelente trabalho que estavam fazendo, principalmente com a escola de Meninos que tinham implantando no Solimões.¹⁸⁷

Dom Frederico também visitou diversas comunidades pelo Solimões em São Joaquim Caiçara, Codajás, Anory, Anamã e Manacapuru do qual rendeu um excelente elogio a sua igreja e chegou à conclusão de que o “povo brasileiro é essencialmente religioso”.¹⁸⁸ Mesmo em lugares decadentes, ele chegou a essa conclusão, porque simplesmente o povo não abandonava sua fé. Viu igrejas construídas e igrejas ainda sendo erguidas, criticava a demora, mas o interessante é que sempre havia católicos por lá, mesmo que fossem ‘nominais’, já que a carência de clérigos era enorme. E finalizou nos dizendo que sua viagem foi excelente na maioria dos sentidos, mas que nem tudo tinha sido ‘flores’, porque “não há rosas sem espinhos, nem alegrias sem algo de tristeza”.¹⁸⁹

Sua segunda odisséia narrada em sua carta pastoral foi com destino ao Rio Negro. Essa demorou mais tempo e o pastor percebeu o quanto a população indígena e ribeirinha estava “solitária” na religião. Visitou comunidades como Javary, Tanapicaça, Ayrão, Moura, Barcellos que já foi a capital do Amazonas, Thomar, São Gabriel, Sant’Anna, S. Filipe Cucuhy, São Jose de Marabitanas, Uapés e outras. Algumas com poucos habitantes outros bem maiores. Chegou a um limite de perceber que se sentia exilado em outras terras “entre povos estranhos”,¹⁹⁰ porque até mesmo o português em determinados lugares não era falado. Sua preocupação passou a ser aprender a falar a língua geral, e, na monotonia da viagem, que às vezes durava dias de um determinado lugar a outro, se engajava na busca de compreender o *neengatu*. Usou como base o livro de doutrinas de Dom Lourenço e também teve ajuda de alguns moradores locais.

Conforme sua Carta Pastoral, em Sant’Anna, uma comunidade indígena, o bispo percebeu um dos primeiros desafios que precisaria vencer. Chegaram de surpresa e foram recebidos com uma festa. Lá descobriram que a bebedeira era um dos vícios mais graves daquela gente, assim como em outras comunidades, e a festa não acabou com a chegada do bispo que teve que ir dormir com o barulho até de madrugada dos exaltados moradores. No outro dia, os mesmos estavam bem arrependidos e começaram a participar dos rituais

¹⁸⁷ *O Paiz*. Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1910. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.

¹⁸⁸ COSTA. Op cit. p.13

¹⁸⁹ Idem, p. 18

¹⁹⁰ Id., p. 23

da Igreja. Dom Frederico então, pôs a ensiná-los a cantar o primeiro hino que conseguiu traduzir a língua geral:

A tradução, embora feita rapidamente e sem arte, prestou-se muito bem para a musica e desde logo começamos a ensinal-os. A' noite tivemos a consolação de ver todo o povo cantando alegre e satisfeito, na sua propria lingua, as glorias de Maria Santissima e do Santo Rosario. Esse primeiro sucesso foi um estímulo para nós e levou-nos a fazer outras tentativas, vertendo para a bella lingua dos nossos antepassados, outros canticos que nossos leitores encontrarão no appendice d'esta nossa pastoral.¹⁹¹

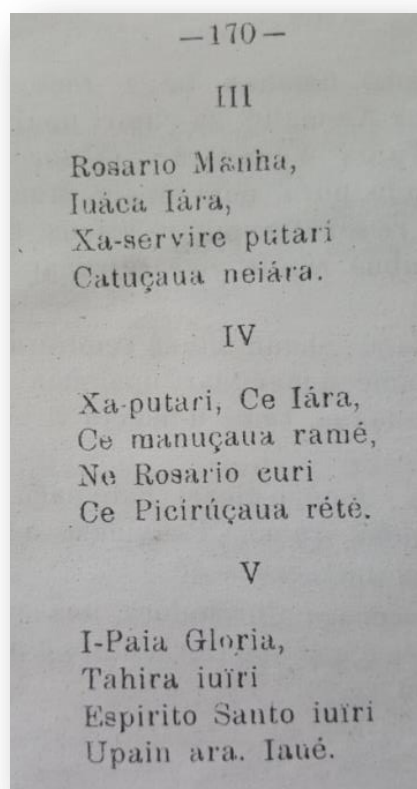
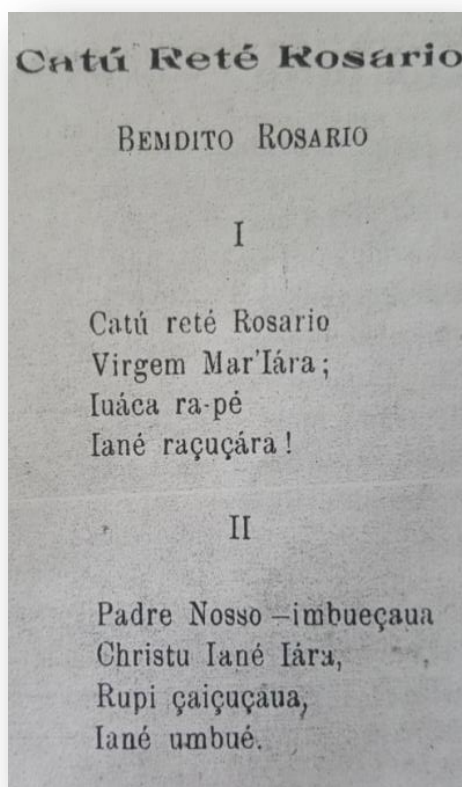


Figura 7- Hino Bendito Rosário traduzido para o neengatu por Dom Frederico. Retirado da Carta Pastoral de 1909.

Em sua carta pastoral, ele fez questão de denunciar e alertar as formas de tratamento que os indígenas recebiam, principalmente dos grandes barões dos seringais. Criticou também como a mulher indígena era tratada; “alguns negociantes chegam á maloca de rifle

¹⁹¹ COSTA, Dom Frederico Benício. *Carta Pastoral*. p. 36

em punho, não pedem, exigem; [...] E muitas vezes... agarram e forçam as índias donzelas. Embriagam os paes e deshonram as filhas.”¹⁹² Outras vezes eles só se deitam com as índias e depois as abandonam com filhos nos braços onde procuram uma outra mulher para constituir família.

Tudo isso eram denúncias que chegavam aos ouvidos do Bispo. Ele condenava esse tipo de atitude e dizia que a mulher indígena deveria ser tratada como qualquer mulher branca. Reclamou também do tratamento dessas etnias, pois, mesmo o Brasil tendo proclamado o fim da escravidão, os índios continuavam sendo tratados como tal. Sua Carta Pastoral se tornou as vozes desses índios tão prejudicados pelo capitalismo e pela chamada ‘civilização’ que chegou com os homens brancos. Em alguns casos, os indígenas não tinham roupas porque até isso seus patrões cobravam e obrigavam a pagar. A vida do indígena se tornou muito difícil, e muitos deles pediram ajuda do Bispo confiando que o mesmo poderia salvá-los daquela humilhação.

Com que direito os Snrs. tratam assim essa pobre gente? Quem lhes deu autorização para arrancar-os ao seio de suas famílias e obrigar-os a trabalhar? Não sabem que no Brazil todo cidadão é livre? que cessou a escravidão? Eis a resposta que nos foi dada. <Nós queremos o nosso dinheiro e não queremos saber de lei.> [...] Não citamos nomes porque não queremos ser acusadores, apenas denunciemos para que a autoridade cumpra seu dever e faça cessar os seus abusos.¹⁹³

Dom Frederico aproveitou-se de que era uma autoridade religiosa e usou desses atributos para mostrar sua indignação com o modo que todos os índios eram tratados. Ele rogou em sua Carta que o Governo ajudasse a pobre população que tanto sofria, se tornando assim um grande defensor dessa gente e, como missionário que era, levou o cristianismo a essas populações. Em São Gabriel, fez inúmeros batizados, casamentos e crismas. Lá, alguns índios, inclusive, pertenciam à etnia dos Makús, que, para Dom Frederico, eram os mais inferiores na escala de civilização. Lembrando que o termo cultura no início do século XX ainda estava ligado à civilização e como o Bispo era um homem de seu tempo, pensava que sua obrigação era levar a ‘civilização’ que estava presente no cristianismo às populações indígenas. Essa discussão já foi feita anteriormente.

¹⁹² Idem. p. 58

¹⁹³ COSTA, Frederico. *Carta pastoral de dom Frederico Costa, bispo do Amazonas a seus amados diocesanos*. p. 59-61

Falou também dos índios de Içana, caracterizando-os como robustos, fortes, inteligentes e civilizados. E outros, descrevia-os como se nunca tivessem tido contato com outros homens. Estivemos no meio “d’esses livres filhos da floresta, vimol’os no estado de completa nudez, procuramos estudal-os e até espial-los de perto e não vimos nelles nem a menor sombra de malícia”.¹⁹⁴ O interessante que se percebe nessa carta Pastoral é que Dom Frederico passou muito tempo na presença dos indígenas, conviveu com eles, conversou, ouviu seus dissabores, e pode constatar que o que muito se falava era mentira e se espantou ao descobrir que o indígena não era preguiçoso como todos afirmavam. Eles tinham uma vida sem horários, sem excessos, sem ambição, totalmente diferente das pessoas da cidade. Dom Frederico finaliza sua carta pastoral satisfeito por ter implantado a moralização nessa Região do Rio Negro, por ter levado o cristianismo às populações mais distantes, e pelo grande trabalho que conseguiu: 378 casamentos, 1507 batizados, e mais de mil crismas, juntamente com várias confissões e comunhões.¹⁹⁵ Também se mostrava ansioso com a criação, em 1910, de mais uma Prelazia, a do Rio Negro.

Em meados de 1913 o bispo renunciou e se mudou para a Espanha onde permaneceu monge, deixando a Diocese do Amazonas mais romanizada, íntegra e organizada, apesar de pouco melhorar na economia para o próximo Bispo que só assumiria em 1916.

De acordo com Hoornaert, Manaus se mostrava forte desde a criação do seu bispado, com propostas novas de reorganização a partir da romanização trazendo inúmeras ordens e missionários para combater as lacunas religiosas que aqui se mostravam por todo o interior do estado. Para isso, houve a criação de diversas prefeituras apostólicas e Prelazias que ajudaram a reestruturar religiosamente o Estado. Dom Frederico deu continuidade ao que Dom Macedo e Dom Lourenço fizeram anteriormente com as ordens religiosas. Trouxe a missão dos beneditinos no Rio Branco (Acre), fundada em 1909; no ano de 1910, foi criada a prefeitura apostólica do Rio Negro e, em maio, a do Alto Solimões e de Tefé.¹⁹⁶ Para Reis, foi criada também a Prelazia de Porto Velho, Lábrea, do Guamá, Prelazia do Alto Juruá e a Prelazia do Xingu.¹⁹⁷ Arthur Reis nos mostra que, na maioria dessas novas prelazias, a pobreza física e material era alta, já que boa parte da população desses territórios eram indígenas ou descendentes deles. Algumas capelas inclusive eram construídas de palha ou taipa, ou em outros lugares tinham que se construir tudo do zero.

¹⁹⁴ Ibid., p. 51

¹⁹⁵ Id., p. 135

¹⁹⁶ HOORNAERT, (org) 1992. p. 349

¹⁹⁷ REIS, 1997. p. 109

E, para Arthur Reis, esse início foi verdadeiramente animador “no tocante a obra religiosa, educativa, civilizadora [...]”.¹⁹⁸

Reis nos mostra a presença das Congregações femininas, com as irmãs Sant’Anna a partir de 1890¹⁹⁹, e, em 1911, se tem as obras das irmãs Santa Dorothea que vieram prestar serviços nessa cidade na área da educação, como melhorar o catecismo nas paróquias e igrejas. Isso muito em razão de um decreto afirmando a idade de sete anos que as crianças teriam que se submeter a sua primeira comunhão, que implica em um grande trabalho. Nesse sentido, também ficaram encarregadas de cuidar do Colégio Santa Dorothea que, inicialmente eram para meninas de famílias da elite, mas com uma ala para as moças pobres da capital.²⁰⁰

Depois da descrição de contexto e do alvoreço desses líderes religiosos em Manaus, resta saber como se deu a relação entre os Batistas e os católicos. Afinal, vemos proximidades entre Eurico Nelson e o segundo bispo de Manaus, Dom Frederico. Houve disputas de poder? Houve embates religiosos? Essas e outras questões serão respondidas no capítulo seguinte.

¹⁹⁸ REIS, 1997. p. 111

¹⁹⁹ Idem, p. 270

²⁰⁰ Carta de Dom Frederico Costa, 27 de abril de 1911. Publicada no Jornal do Commercio, anno VIII, no. 2526, Manaus, 29 de abril de 1911.

Capítulo 3- Embates entre Batistas e Católicos

“Vejam”, grita um tecelão em Tournai, tomando a hóstia consagrada do padre, “povo enganado, vocês acreditam que isto é o Rei, Jesus Cristo, o verdadeiro Deus e Salvador? Vejam!” Ele esfarela a hóstia e escapa. “Vejam”, diz uma multidão de destruidores de imagens ao povo de Albiac, em 1561, mostrando-lhes as relíquias que apanharam no mosteiro carmelita, vejam, são apenas ossos de animais”. E a palavra de ordem das multidões protestantes que desfilam pelas ruas de Paris, de Tolouse, de La Rochele, de Angoulême é “Evangelhos! Evangelhos! Vivam os Evangelhos!”

Em Angers, as multidões católicas respondiam a esse tipo de pretensão à verdade apanhando uma bíblia em francês – bem encadernada, com douraões, tomada da casa de um rico comerciante – e arrastando-a pelas ruas, enfiada numa alabarda. “Aí está a verdade pendurada. Aí está a verdade dos huguenotes, a verdade de todos os demônios.” E, atirando-a no rio: “Aí está a verdade de todos os demônios afogada.”²⁰¹

O diácono Pedro da Silva Lima falou das grandes dificuldades que atravessou o Grupo Batista para firmar-se em Manaus: “Havia uma prevenção muito grande contra quem não professava a religião católica, que ainda era maioria. Havia perseguições com acidente de rua, apedrejamento quando nós nos reuníamos em praça pública para pregar o Evangelho”. Falou-nos de um episódio acontecido na colônia Oliveira Machado, quando de uma pregação: “Naquele tempo ainda não havia a ponte e os evangélicos que atravessaram em barco para o outro lado da cidade ficaram ilhados, pois os católicos daquela redondeza não permitiram a volta do barco”.²⁰²

No início desse capítulo, deparamo-nos com duas situações a uma distância temporal de quase quinhentos anos. Desde essa época, podemos perceber a permanência de discursos apologistas religiosos. No primeiro caso, com o brilhante ensaio da autora Natalie Davis, visualizamos os conflitos religiosos ainda na raiz, muito recente – porque a Reforma havia acontecido há pouco tempo –, em que se o “herege”, como os católicos se referiam aos protestantes, e “idólatras”, como os últimos chamavam aos católicos, não fossem julgados e condenados do jeito que a massa queria ou esperava que fosse, a multidão fazia tal julgamento com as próprias mãos.

No segundo caso, percebemos que esse imaginário, em pleno século XX, continuava muito parecido com os casos de intolerância religiosa mostrados pela autora Davis. Pretende-se chamar atenção para esses casos contrapondo-os com o contexto temporal aqui trabalhado. A razão é porque, repetindo o que já foi dito outras vezes, a República era recém-nascida e, juntamente com ela, a liberdade religiosa foi proclamada em todo o país o

²⁰¹ Fragmento retirado do livro da autora: DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1990. p. 133.

²⁰² Entrevista com o único fundador vivo da PIBM, Pedro da Silva Lima com 84 anos de idade. *Jornal do Commercio*. Ano LXVI. N 20816. Cinco de outubro de 1971.

que, por consequência, retirou as outras crenças da irregularidade, fazendo com que muitas igrejas saíssem da clandestinidade. Esses discursos, praticados tanto no século XVI quanto no século XX, mesmo com naturezas temporais evidentes, eram sempre em defesa da “verdade” que cada instituição acreditava possuir. Para os protestantes, a verdade estava contida somente na Bíblia, e já para os católicos a verdade estava contida na bíblia, nas tradições e na autoridade do Papa.

Então, por que essas cenas retratadas pela memória de Pedro Lima e também por outras fontes continuavam acontecendo no século da “Liberdade”? Por que esse tipo de violência física e simbólica era cometido pelas duas igrejas? Tentaremos responder essa e outras questões no decorrer desse capítulo.

3.1 Em busca de um novo começo

Os protestantes desde a sua chegada ao Brasil ‘sofreram’ perseguições religiosas e também atacaram a religião predominante nesse país, e, não foi diferente para o grupo denominado Batista. Como já foi explicado nos capítulos anteriores, o catolicismo era a religião oficial do Império, e, por isso, os protestantismos encontraram muitas dificuldades para “evangelizar”. Como consequência, aconteceram perseguições registradas relatos dos próprios missionários pioneiros. Conforme Pereira, isso acontecia e não era raro, como o caso em que Bagby, um missionário Batista, foi apedrejado na Bahia, ou quando tentavam pregar ou batizar alguém fora das casas e sempre havia tumulto, quando eram acusados de serem hereges e proibidos de pregar em locais públicos. Para José Pereira, os Batistas conseguiram adeptos para essa crença ‘graças ao amor’ pela evangelização e pela Bíblia. Os adeptos também perceberam o valor do jornal impresso para a divulgação de sua causa batista, além dos próprios hinos e da preocupação em preparar obreiros nacionais para seguir com a evangelização e se tornarem até mesmo pastores²⁰³.

Vemos o valor do jornal para os protestantes em quase todas as cidades em que eles fundaram igrejas, como no caso do Pará, onde, antes de Eurico Nelson, houve conflitos acirrados entre o clero e Richard Holden e Daniel Kidder, na segunda metade do XIX. Os últimos chegaram com suas bíblias, que para os católicos elas eram falsas, ocorrendo discussões acaloradas, principalmente nos jornais liberais e católicos que eram fundados com o objetivo de propagandear e defender suas principais ideias.

²⁰³ PEREIRA, 1982. *passim*.

No Amazonas, logo após a chegada dos Batistas, se tem registros de alguns conflitos a partir das cartas escritas pelo próprio Nelson – materializado por seu biógrafo em forma de livro – nas atas e na revista do centenário, além dos próprios jornais que eram o meio de proselitismo que mais se destacava. Em quase todos os exemplares se encontrava colunas com ataques a outras crenças protestantes, mas seu foco se direcionava aos “adoradores de ídolos”, como frequentemente se referiam aos católicos.

Esses conflitos entre Batistas e Católicos devem ser analisados a partir de um ângulo teórico, utilizando para isso o conceito de Campo religioso trabalhado por Pierre Bourdieu. Até agora só foi analisado o ponto de vista dos Batistas, logo analisaremos as fontes católicas e suas visões sobre o tema. Bourdieu explica que o Campo religioso é um conceito abstrato “no qual agentes que é preciso definir (padre, profeta, feiticeiro, etc.) lutam pela imposição da definição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras de desempenhar o papel religioso”²⁰⁴. Entendemos que os Batistas e os Católicos pertencem a dimensões do campo religioso diferente, mas que interagem na dimensão de um campo mais amplo. Lutam pela imposição de uma definição legítima nesse campo e pelas maneiras de desempenhar o papel religioso. Nesse contexto, nascem os conflitos religiosos, esse são os que estamos trabalhando aqui.

Por exemplo, as igrejas possuem agentes religiosos, podendo ser distintos. No caso dos Batistas: pastores, diáconos, dentre outros; no caso católico: padres, bispos, etc. Ambos atuam buscando notoriedade, cujo valor é específico ao campo religioso, disputando um capital de reconhecimento exclusivo a esse campo. Em outras palavras, os Campos são autônomos, e cada campo possui suas regras que, devem ser seguidas e interiorizadas para se encaixar na noção de *habitus*²⁰⁵. O Campo e o Habitus sempre estão acompanhados, mas, às vezes, se opõem fortemente, transformando-se em uma luta pela definição do sagrado.

Houve conflitos religiosos logo após a chegada dos Batistas nessa cidade, como já observamos no segundo capítulo. Para Pereira, Eurico Nelson sempre foi muito ativo e, frequentemente, em suas atividades em prol da igreja, chegava a ser agressivo com o catolicismo. Em uma de suas primeiras publicações, uma Circular - que foi um modo que

²⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 120

²⁰⁵ Para Pierre Bourdieu, o conceito de *habitus* é entendido como um “conjunto das disposições inconscientes que estariam presentes em diferentes sujeitos, levando-se em conta – o que é decisivo – que tais disposições seriam o resultado da interiorização de complexas estruturas objetivas presentes numa sociedade”. BOURDIEU, Pierre. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. In Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

ele encontrou para alcançar um público maior, por dizer ser impossível falar com todas as pessoas -, ele publicou informações básicas sobre a igreja Batista, sobre a bíblia e também hinos com claras intenções de mostrar seus objetivos para a população católica. Acusava-os nesse panfleto em permanecer no pecado e que somente o Evangelho salvaria o Brasil, cito:

“Mas inda muitos, muitos
Stão longe de cristãos
Adoram deuses feitos
Por suas próprias mãos.
De tão fatal pecado,
Da idolatria vil,
Unidos no Evangelho
Salvemos o Brasil.”²⁰⁶

Embates e conflitos não eram uma boa forma de conseguir aliados ou, como no caso dessas crenças, adeptos. Porém, era a forma que esses missionários encontraram para impactar e fazer com que a população local tivesse dúvidas, principalmente aquelas pessoas que se encontravam mais distantes da Igreja Católica naquele momento. Essas táticas, ao que parece, de certa forma vieram a dar certo no início do XX.

O biógrafo de Eurico Nelson, José Reis, nos mostra também que inúmeras foram as dificuldades para conseguir convertidos, principalmente nos interiores, onde o catolicismo popular²⁰⁷ era muito forte. Foi o caso da comunidade de Manacapuru, onde Nelson foi chamado para ir pregar. Quando ele e mais dois que o acompanharam chegaram à casa dos que os convidara, logo foram recebidos com uma chuva de pedras no telhado, gritos e vaias. De acordo com Pereira, a salvação momentânea, foi um temporal que obrigou os que protestavam a se abrigar no botequim mais próximo. No entanto, voltaram depois com os ânimos à flor da pele, já misturados com álcool:

²⁰⁶ PEREIRA, 1954. p. 83.

²⁰⁷ “A fé do povo se manifestava através das devoções aos santos, das procissões, das orações de invocações e perdão, dos milagres. Predominam os aspectos devocionais e protetores. As várias manifestações religiosas tinham uma liderança leiga. Foram-se exprimindo em palavras, gestos e ações coletivas. Em formas híbridas, a cultura e a fé se expandiram por diversas regiões.” PASSOS, Mauro. *A mística do catolicismo popular – a tradição e o sagrado.* Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 à 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 18: A festa nas tradições religiosas brasileiras: significado e história, p. 2.

[...] - joguem o protestante cá fora! Gritavam para os donos da casa. Queremos beber sangue de protestante hoje!

E beberiam mesmo se o delegado não se resolvesse por fim a dar o ar de sua graça. Foi então que puderam voltar ao vapor.²⁰⁸

O interessante nesta narrativa é o sensacionalismo retratado. As duas crenças sempre se atacavam, mas não sabemos se esse encontro em Manacapuru ocorreu dessa forma porque Pereira, como biógrafo de Nelson, tende a colocá-lo como herói em suas narrativas. Como já percebemos, quando se tratava dos Batistas, Nelson os defendia com toda sua força, mas, com os católicos, ao contrário, inúmeros são os casos que rejeita da massa enfurecida caso algo perturbasse o seu sossego. Sobre esse ponto, Bourdieu tece a seguinte afirmação: “em cada campo se encontrará uma luta, da qual se deve, cada vez, procurar as formas específicas, entre o novo que está entrando e que tenta forçar o direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência”²⁰⁹. Nesse Campo Religioso, percebe-se a presença de lutas, pois os objetos de disputa entre os diferentes agentes seria quem iria deter o maior número de fiéis, dependendo da posição que ocupam no Campo. São chamados de “pretendentes” os Batistas que objetivavam converter fiéis em Manacapuru, e os “dominantes” seriam os católicos que detinham o monopólio de fiéis naquela localidade.

Conforme a Revista do Centenário, em outra oportunidade, também no interior do Estado, no ano de 1905, o pastor Manoel Gomes foi espancado em sua própria casa. Quem poderia tê-lo feito? Seriam os católicos? Mas, sem fontes, não podemos afirmar. O que acabava sendo interessante e reforça o discurso apologético, era mostrar que o pastor, mesmo com todas as dificuldades, persistia, incentivando esses fiéis a lutar pela mesma causa. Registra a Revista que, como o mesmo não desistiu, conseguiu fundar uma nova igreja no lago de Anamá a 300 quilômetros de Manaus²¹⁰.

Em Manaus, com a formação de outros bairros, sempre se usava como estratégia a prática do culto ao ar livre para atrair mais fiéis em locais distantes da igreja. Acreditavam que o novo atraía os curiosos e, conseqüentemente, possíveis adeptos. Para a Revista do Centenário, no entanto, essa estratégia nem sempre saía do jeito planejado, como no caso em que os Batistas se programaram para realizar um culto na Cachoeirinha, mas foram

²⁰⁸ PEREIRA, 1954. p. 87.

²⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 89.

²¹⁰ *Revista do Centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus*. 100 anos de vitória, p. 8.

recebidos com “vaias, gritos e pedradas”. Contudo a revista registra, reforçando o discurso apologético que não desanimaram e permaneceram firmes²¹¹. Em todas as narrações feitas pelos Batistas desse período, encontramos a lição que tentavam passar para as gerações seguintes: continuarem fortes na causa do Evangelho.

Quando se tratava dos católicos, ou como a eles se referiam, os ‘idólatras’, a igreja Batista se mostrava intolerante. Para eles, os católicos faziam coisas que o Evangelho dizia para não fazerem. Sempre que algum dos membros do rol da igreja participava de missas, por exemplo, era excluído. Um fato interessante foi da conversão de um ‘Santeiro’ que vendia santos e bebidas. Segundo Pereira, o Santeiro procurou Nelson e pediu seus conselhos. O mesmo voltou para casa onde orou e, no outro dia, se converteu. Colocou fogo nos santos que iria vender, menos em uma imagem de uma virgem que coube a Nelson destruir.

Uma das imagens, (sic) era uma belíssima Nossa Senhora, em tamanho natural que valia uns 10 contos. Esta Nelson reservou para si mesmo: era toda de peroba mas Nelson, apanhando um machado, abriu-a de alto a baixo, de um golpe só, espantando a todos com sua força física.²¹²

Naqueles anos de 1900, não se tinha como preocupação de respeitar a crença do outro, mas sim mostrar a ‘verdadeira’ crença, ou seja, a sua. Se havia intolerância ao culto evangélico que era rechaçado com pedras, gritos e vaias, havia também total intolerância aos rituais e crenças católicas por parte do grupo protestante. Assim era naqueles anos iniciais do século XX e, ao que tudo indica, a intolerância parece persistir diante dos discursos fundamentalistas atuais, sob uma fina camada de civilidade.

No período do estudo, foram encontrados os seguintes jornais Batistas: *O Evangelista* do ano de 1903; *o Evangelizador*, dos anos de 1905, 1906 e 1907; e o *Baptista Amazonense*, dos anos de 1919, 1920 e 1922. Os dois primeiros jornais afirmam que o templo da igreja Batista se situava na Avenida Silvery Nery, contendo tipografia própria e sendo de distribuição mensal, na maioria das vezes. O terceiro era composto e impresso mensalmente nas oficinas da Imprensa Publica do Estado.

²¹¹ *Revista do Centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus*. 100 anos de vitória, p. 7.

²¹² PEREIRA. 1954. p. 81

O Evangelista começou a ser publicado no ano de 1903, tendo por editores José da Silva, Emigdio B. Alves e Antônio Leão. Todos eles participavam ativamente da igreja, além dos moços da igreja que eram colaboradores e ajudaram inclusive a fundar uma sociedade. Esse jornal tinha um objetivo muito claro: era religioso, como os próprios editores o consideravam, e com um perfil que enfatizava a pregação, a explicação e o acesso das pessoas mais distantes ao Evangelho, além de combater todas as crenças que os adeptos consideravam erradas.

Por todos os números desses jornais, veem-se colunas com a intenção de evangelizar, explicando tudo sobre o mundo Batista, passagens da bíblia, colunas de informações. Sempre informavam também sobre o seu Pastor Eurico Nelson, sobre passageiros Batistas chegando à cidade, sobre cartas que receberam de outros Estados informando sobre os Batistas daquelas localidades, mas também encontramos artigos de combates, como o *Jornal* prometera. Quase todo exemplar tem um artigo combatendo, principalmente os católicos que, para os protestantes desse período, não passavam de “idólatras”, ou seja, pecadores.

Não póde passar despercebidos aos olhos menos perpicazes o antagonismo que existe entre o crente em Jesus Christo e o catholico romano que inconscientemente, vive neste mundo sem indagar o porque? Da sua existência. Emquanto o crente trabalha com todo amor para arrancar ao mundo almas para Deus, o catholico romano, affasta-as sempre de Jesus, já ensinando-as a falsa doutrina de adorar ídolos. Quando abraçamos a religião de Jesus Christo, com pleno conhecimento do que fazemos, [...] abjuramos a má educação religiosa que herdamos dos nossos paes- a catholica romana- que nos ensinava a respeitar e adorar ídolos e sacrificar missas, -horriveis blasphemias atiradas as faces de Jesus.²¹³

Essas acusações contra os católicos não são novas e eram percebidas em toda a imprensa protestante no Brasil. É interessante notar que esse discurso de que são adoradores de imagens, pertence a uma prática bem mais antiga, como podemos perceber no início deste capítulo da historiadora Natalie Davis. É válido ressaltar também a crítica a outros grupos protestantes, como no exemplo abaixo – os presbiterianos denominados de *aspergistas*. Esse caso foi muito comum também em outros estados e, principalmente, no

²¹³ *Jornal O Evangelista*. Anno I. N°2, 15/02/1903.

Pará, onde Nelson teve alguns conflitos²¹⁴. Era algo incomum, mas que também acontecia: conflitos entre protestantes Batistas e outros protestantes.

Que os padres sophismem a palavra de Deus a seu bel prazer, porque dahi, desse erro, é que lhes vem o meio de subsistência, vá; mas que os protestantes aspergistas, que trabalham com a Biblia sagrada e que conhecem a condemnação em que incorrem os que a deturpam, não podemos supportar, mórmente em se tratando do mandamento do baptismo, [...]. E sendo assim, perguntamos: qual o motivo, onde está a base em que se funda o systema anti-biblico usado pelas diversas egrejas aspergistas em borrifar as cabeças dos innocentes pequerruchos, quando não ha necessidade disso [...]. Uma creança de 6 meses ou 2 annos de idade, sabe crer em Jesus para receber o baptismo [...]? Quando fallamos em aspensão referimo-nos especialmente aos protestantes aspergistas, porque em assumpto de daptismo (sic) achamol-os mais criminosos que os padres de Roma [...].²¹⁵

Esse discurso que critica o batismo das crianças em igrejas protestantes, também se estende aos católicos. Para os Batistas, o único modo adequado era “immergir, pois aspergir em água não só é absurdo como irrisório”.²¹⁶ Na Igreja Católica, por exemplo, primeiro, batizam-se as crianças (para os Batistas somente adultos ou com certa idade podem crer em Jesus), e, segundo, era aspergida a água. E de acordo com os Batistas, algumas outras igrejas, por exemplo, a Presbiteriana, também seguia esse ritual que era condenado. Vai se desenhando no contexto dos conflitos no Campo Religioso, algumas tomadas de posição que inauguram espaços de poder e que tendem a firmar os fundamentos de sua doutrina específica. No contraste que o discurso Batista constrói com outras igrejas Protestantes e com o próprio Catolicismo estabelecesse um lugar específico de poder.

Isso também acontecia com outras práticas religiosas. Para Pereira, durante o primeiro ano da fundação do templo Batista, Nelson se deparou com os espíritas, de uma maneira não muito amigável. A princípio ele foi atraído para entregar algumas encomendas de bíblias, e quando chegou ao determinado lugar se deparou com a ‘surpresa’:

²¹⁴ Para saber mais ler: RIBEIRO, 2011.

²¹⁵ *Jornal O Evangelista*. Anno I. N°1, 0/02/1903.

²¹⁶ *Jornal O Evangelista*. Anno I, n°2, 15/02/1903.

Introduziram-no numa sala onde, logo depois, entraram cinco ou seis homens que principiaram a lhe fazer perguntas [...]: - O Senhor está numa sessão. Está no meio dos espíritas. – Posso estar no meio do inferno, mas não deixarei de dizer a verdade, replicou o intrépido pregador.²¹⁷

Nesse encontro, que pode ter ocorrido assim ou de outra forma, é possível notar a representação da personalidade de Nelson, um homem de temperamento forte. A partir da leitura das fontes, percebem-se as características que se desejavam associar a ele: a de um homem simples, mas com gênio forte que aparecia toda vez que a sua igreja e a sua missão eram colocadas em dúvida ou quando se tratava dos chamados “adoradores de ídolos”. A representação de um pregador forte e corajoso é o que se parece construir.

Nelson sempre é representado assim nas narrativas e nos jornais, mas o fato é que esse encontro com os espíritas foi marcante e ajudou no convívio que os mesmos tiveram nos anos que se seguiram, pois, logo depois do ocorrido, não foi encontrado nas fontes nenhum problema parecido. Somente discussões acaloradas foram percebidas nos jornais e se alongaram durante vários números sobre o tema “Reencarnação”, nas quais os dois lados tentavam se superar em suas réplicas, apoiando-se na Bíblia.²¹⁸

O jornal *O Evangelizador* é basicamente uma continuação do *Evangelista*. Possuem a mesma estrutura e tamanho, e a ideia continuava sendo a mesma, evangelizar. Mudaram os editores que ficaram encarregados: Thomaz José de Aguiar e o posto de administrador ficou com Hastimphilo Serejo, tendo o primeiro inclusive se tornado pastor alguns anos depois.

Foram encontrados no Arquivo mais exemplares desse jornal, mostrando a presença forte dos Batistas no início do século XX, em Manaus. Claro que não podemos dizer que já rivalizavam em números de adeptos com os católicos, porque esses eram a grande maioria. Colunas com o título *Catolicismo Romano à luz do Evangelho* se viam em quase todo exemplar desse jornal, nas quais se interrogava sobre as práticas católicas, como observamos a partir dos diálogos:

²¹⁷ PEREIRA. 1954. Idem, p. 80

²¹⁸ Os jornais que foram encontrados essas discussões são: O Guia, O Evangelizador, O Jornal Baptista Amazonense e o Mensageiro. Todos eles pertencem aos anos que vão de 1903 até 1920. Cf: LARANJEIRA, Rhaisa C G de Souza. O movimento Espírita no Amazonas no início do século XX. In: MORGA, Antonio Emílio. (org.) *Encontro com a História e as suas deliciosas contradições*. Editora EDUA, 2016.

P.- Como se exprimem os Catholicos quando se dirigem a Deus?

Dae-nos, escutae-nos, tende piedade de nós.

De perfeito accordo.

P.- Como se exprimem quando se dirigem aos Santos?

R.- Santa Maria, rogae por nós; S. Pedro pedi por nós.

Com isto realmente não concordo. Etal resposta, sr, Bispo, é zombar da bôa fé dos fieis catholicos! E na verdade, todo o Catholico Romano, folheando os seus livros de devoção, piedade ou devoções, ficará pasmo ante as orações nelles contidas e a resposta do sr. Bispo!²¹⁹

Voltando aos fundamentos da disputa introduzida no Campo Religioso pelos Batistas, no contexto dos Católicos serem adoradores de ídolos, é o especial combate à imagem de Maria. Em outro artigo intitulado *Mariolatria*, o mesmo autor do artigo citado acima, João Ribeiro, se indignava com o fato dos católicos começarem a adorar um órgão da Mãe de Jesus que, para eles, era inconcebível – o sagrado coração de Maria. “Não bastava que Maria ascendesse aos ceós; não bastava que ella fosse <proclamada> immaculada; não bastava o logar de Deusa que lhe <arranjaram> nos céos; era preciso adorar um dos seus membros [...] de preferênciã o coração”²²⁰.

Essas leituras bem críticas das práticas católicas estão presentes em todo o jornal, pois as intenções eram claras: o catolicismo era uma crença que deveria ser extinta. No entanto, o impacto dos jornais Batistas para acirrar os conflitos com os católicos não parecem ter obtido êxito. Ao lado deles, há apenas o silêncio das fontes católicas. Provavelmente isso ocorreria simplesmente porque os católicos optaram por não responder. Passado alguns anos, notamos uma mudança nos jornais católicos da década de 1930, quando existia muito mais informação sobre esse tema.

No jornal *A Reação*, que foi veiculado em um contexto diferente, encontramos a defesa de Maria, mãe de Jesus, que até hoje permanece, juntamente com suas festas, que são as maiores da cidade. Muito antes de Pio IX consagrá-la como Imaculada, seu culto já era bastante popular, algo que os protestantes, em geral, não aceitam.

²¹⁹ *Jornal O Evangelizador*. Ano I. N° 1 do dia 18 de janeiro de 1905.

²²⁰ *Jornal O Evangelizador*. Ano I, n°5, 15/03/1905.



Figura 8- Imagem da Imaculada Conceição. Retirado do Jornal A Reação do dia 8 de dezembro de 1932. Ano III. N°45

Já *O Baptista Amazonense* é o mais diferente dos outros. Sua primeira publicação é de 1919, quase dez anos depois do último jornal Batista. Se houve outros antes, não foram encontrados nos arquivos. O Pastor Munguba era o editor-chefe e escreveu diversos artigos nesse jornal. Os seus colaboradores foram: Eurico Nelson, Hastimphilo Serejo, Manuel Cardoso Sobrinho, Antonio Baptista dos Santos, Pedro da Silva Lima, D. Aurora Barroso de Sá, D. Cacilda Braule Pinto, Veneranda S. Borges e Maria S. Borges, sendo todas essas mulheres professoras normalistas. Sua ideia e objetivo também eram os de evangelizar, mas encontramos pequenas diferenças. As mulheres são muito mais participativas, escrevendo artigos sobre variados temas religiosos. Um dos assuntos principais continuou sendo os ataques aos católicos e também aos espíritas. Aos católicos, a crítica é a mesma: idolatria e obediência ao Papa. Já aos espíritas, a crítica era contra a reencarnação. Questões de perseguições ainda eram relatadas, porém menos do que antes. Um exemplo se destaca na coluna de notícias, em que afirmavam ainda serem perseguidos pelo “romanismo fanático” no Município de Anory, no interior do Estado. Lá, segundo eles, a

violência queria prevalecer. Destacam que em Manaquiry, onde “metteu um irmão no tronco e ateou fogo ao templo e a casa desse irmão. Felizmente o homem foi demetido!”²²¹. Essas notícias eram repudiadas pelo público batista, mas agiam como fonte de inspiração para não desistirem da causa evangélica. Os discursos apologéticos e edificantes estavam presentes na veiculação da ideia de perseguição.

O interessante dos jornais religiosos é a sua preferência pela opinião, mais do que pela informação, característica da maioria dos jornais desse período. No entanto, os jornais religiosos não são obrigados a serem iguais aos outros jornais, já que, por seus nomes e por seu compromisso com as igrejas, a sua causa era primeiramente evangelizar.

A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.²²²

Esses jornais não eram neutros, nem imparciais e não tinham nenhum compromisso com informações que não dissessem respeito a sua causa evangélica. Eram um agente influenciador e buscavam nada mais que retirar a sociedade do “erro” e do pecado, ação que, para eles, era essencial. Como o próprio Jesus dissera, segundo a Bíblia: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a todas as criaturas”²²³. Esse era o lema dessa imprensa Batista, não importando quais seriam os meios para ser bem sucedida.

Outro destaque nas fontes Batistas, principalmente nas imagens, era a representação do fiel Batista. Ele representa bem o fenótipo amazônico, pois em algumas fotografias desse período, é possível perceber o que viemos a chamar de caboclo da Amazônia, como na foto abaixo:

²²¹ *O Baptista Amazonense*. Ano I, nº9, 8/02/1920.

²²² CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, Alfa-Omega, 1980, p. XIX. Apud PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 118

²²³ Evangelho de São Marcos – 16-15.



Figura 9- Eurico Nelson Batizando fíéis em 1900. Retirado da Revista do Centenário Da PIBM

Para Eduardo Galvão, a grande massa amazônica surgiu de uma grande mistura da massa populacional indígena que foi absorvida pela sociedade colonial o “que veio a contribuir com um bom número de elementos originais”²²⁴ e para o surgimento do homem típico representado pela antropologia Regional: o caboclo.

É preciso assinalar que a construção do caboclo amazônico, como a síntese mestiça que caracteriza o homem da região, pela teoria antropológica, sofreu já inúmeras críticas e caiu em desuso em razão da superação do conceito de raça. O que se quer observar aqui é a persistência, nos caracteres fenóticos registrados na imagem, da presença das características indígenas na população daqueles novos fiéis que abraçavam a nova religião.

Essas características podem abrir possibilidade para se pensar quais eram os estratos sociais que foram atingidos pelos evangelizadores, não somente os grupos sociais, mas também os grupos étnicos e culturais que aceitavam a nova fé. É importante lembrar que boa parte da população era indígena ou descendente deles. Apenas uma pequena parte da elite tinha características fenóticas brancas e europeias.

A igreja Batista sempre foi muito organizada, como já percebemos no capítulo anterior, e, por ser pequena, conseguia uma aproximação maior do fiel, dando origem a uma sociabilidade que se tornou muito importante para uma comunidade que estava crescendo, procurava adeptos nas classes menos abastadas. Portanto, vê-se a presença de índios, caboclos e negros, muito comuns nesta região.²²⁵ Nessa outra imagem, percebe-se a fisionomia desses fiéis e adeptos da crença Batista.

²²⁴ GALVÃO, E. A vida religiosa do caboclo da Amazônia: Boletim do Museu Nacional, Antropologia, n. 15, 1953. Apud RIBEIRO, Ezilene Nogueira. Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção batista em Belém do Pará. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES – ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

²²⁵ Sobre esse tema ver: BRAGA, Bruno Miranda. *Manáos uma aldeia que virou Paris: Saberes e fazeres indígenas na Belle Époque Baré 1847-1910*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2016. SOARES, Ana Luiza Moraes. *Os Indígenas na Cidade de Manaus (1870-1910): entre a invisibilidade e a assimilação*. Manaus: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2014.



Figura 10 - Pastor Almeida Sobrinho com jovens e adolescentes. Retirado da Revista do Centenário Da PIBM

Já que não se sabe a data dessa fotografia, presume-se que foi tirada depois de 1906, quando Almeida Sobrinho assumiu o pastorado na PIBM. Na imagem, o que chama a atenção são as características da região amazônica mostrando o caboclo, que, para Eduardo Galvão, representa o indivíduo amazônico, ou como já assinalado, homens com feições indígenas. Outra coisa com a qual nos deparamos são as vestimentas, que tendem a representar uma classe social abastada, contudo uma prática antiga nos mostra que as diferentes igrejas eram um meio de sociabilidade que exigia de seus frequentadores o uso de suas melhores roupas, destinadas para assistir às missas e cultos. Sabemos que somente com um conjunto de dados podemos chegar a uma determinada conclusão, porém, a imagem nos ajuda a perceber que nem todos os membros dessa igreja pertenciam a uma classe econômica alta, talvez bem poucos deles, sendo, provavelmente, trabalhadores humildes.

Outra questão interessante que tanto Galvão quanto Heraldo Maués²²⁶ ressaltam é a religiosidade do caboclo da Amazônia, onde a predominância é o catolicismo, principalmente nos interiores. É claro que esses dois antropólogos trabalharam com cidades diferentes durante a pesquisa, mas a religiosidade do homem amazônico permaneceu sendo essa, na maioria dos casos. Mesmo com a chegada do protestantismo e do espiritismo e com os conflitos que estão sendo trabalhados, e essas crenças conseguindo adeptos, elas não causaram um grande impacto no catolicismo local.

É importante destacar, no entanto, que o catolicismo predominante era um catolicismo popular, portanto repleto de heterodoxias, apropriações, mestiçagens. Apropriações de diversas naturezas que nos remetem a forma muito própria que, desde o início da colonização, já se faziam notar em território amazônico.²²⁷

3.2 Os conflitos com a Igreja Local

No bispado de Dom Lourenço Aguiar, não se encontrou nenhum tipo de jornal católico que pudesse responder aos ataques batistas. É interessante notar que, se houvesse existido qualquer um jornal defensor da causa católica, com certeza teria aparecido nos jornais batistas. Não foi encontrado nada que fizesse menção a algum protestantismo em particular, somente a “erros” como na carta pastoral já citada.

Não se pode dizer o mesmo do Bispado de Dom Frederico Costa, que passou por algumas provações em seu governo, mas, em uma de suas viagens pastorais ao Acre, Dom Frederico se deparou com uma notícia que abalou o povo católico daquele período. O jornal *O Amazonas* publicou uma informação que foi demais até para o próprio Bispo: “Sua excelência se casara civilmente na localidade Boca do Acre”²²⁸. Sentindo-se humilhado, escreveu que, se não estivesse tão longe, voltaria o mais rápido possível para acabar com tais mentiras. Em uma nota de repúdio publicada, dizia que essa notícia já estava circulando nos jornais protestantes e maçons para desmoralizar o bispo de Manaus,

²²⁶ MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico*. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

²²⁷ Sobre esse tema ver: FREIRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. Global Editora. Recife, 2003. MOTT, Luís. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, Fernando A. SOUZA, Laura de Melo. *História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. 12ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. CARVALHO, Almir Diniz Júnior. *Índios Cristãos. Poder Magia e Religião na Amazônia Colonial*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

²²⁸ Vitor Hugo. Desbravadores... 1959 p.239 Apud SOARES, Elisângela S. Maciel. *Igreja de Manaus porção da Igreja Universal: A Diocese de Manaus vivenciando a Romanização*. (1892-1926), p.144

mas ele resolveu seguir o seu Mestre e imitá-lo quando estava na cruz. E, assim, Resolveu perdoar. Contudo, o que se percebeu foi que a Igreja não tinha muito apoio dos jornais nessa região. Inclusive a própria Diocese não possuía um jornal, quando era comum tê-lo.

Em uma de suas cartas, o Bispo nos informa que mesmo tendo se esforçado para que os bons princípios prevalecessem, o mesmo percebia que dia após dia via os “inimigos” da Igreja ganhando terreno, pois sem o recurso de defesa importantíssimo – o jornal impresso –, ficava mais difícil resistir a eles. Mesmo com algumas colunas cedidas pelos jornais da cidade, não era a mesma coisa que possuir um jornal em que pudessem eles mesmos publicá-los.

Para Soares, o bispo, então, teve a ideia de criar um jornal com o objetivo de fazer “frente aos avanços de tantas ideias avessas à doutrina católica”²²⁹. Esse jornal se chamaria *Boa Imprensa*, e a pedra seria lançada na “Diocese para o grande edifício do jornal diário, consagrado aos grandes interesses da Religião e da Sociedade”²³⁰, onde o catolicismo seria defendido e não precisaria mais contar com jornais que muitas vezes eram adeptos da maçonaria.

Conforme sua Carta Pastoral, já havia afirmado o acordo e assinado o contrato de pagar apenas cinco mil réis por ano, além dos vigários e as Prelazias de Tefé e Solimões ajudarem a conseguir o dinheiro rapidamente. Estava tudo organizado para o jornal sair no dia primeiro de janeiro de 1913, contudo, algo aconteceu, pois não se tem notícias de que esse jornal tenha sido publicado. Para Lopes, provavelmente saiu com outro nome, *A Cruzada*, o qual foi motivo de várias polêmicas.

De acordo com Lopes, havia notícias de ataques aos maçons, e, em uma dessas polêmicas, tinha-se uma acusação de Saldanha Marinho, contra o Bispo, por difamar a Maçonaria no jornal *A Cruzada*: “muito se tem dito pelos periódicos desta cidade sobre o caso [hostilmente] provocado contra a Instituição Maçônica pelo Jornal A cruzada de Sr. Frederico Costa, Bispo do Amazonas”²³¹. Mas o interessante é que nada foi achado desse jornal, nenhum arquivo, somente notícias de que existiu. É válido ressaltar que a Igreja vivia um momento em que o jornal impresso era o meio de comunicação mais popular e, em diversas localidades, se fazia uso desse meio para evangelizar, defender e apoiar o catolicismo. Mas aqui não ocorreu dessa forma. O jornal deve ter parado de ser publicado pouco tempo depois, porque em 1913 o Bispo renunciou à vida pastoral.

²²⁹ SOARES, 2014. p. 200

²³⁰ Carta de Dom Frederico. 29 de setembro de 1912. Retirado do livro do Tombo.

²³¹ LOPES, 2010. p. 55

Chegou-se a duas hipóteses depois da análise sobre o porquê de não ter havido um jornal católico em Manaus nesse início de século. A primeira hipótese seria porque a Igreja não necessitava fazer esse tipo de evangelização, afinal mais da metade da população era católica, e em todos os bairros da cidade e dos interiores havia igrejas dessa crença, e os “inimigos” não ameaçavam tanto a sua existência. Essa hipótese é automaticamente excluída quando percebemos um ataque direto à pessoa do Bispo dessa cidade, e, a partir daí, conversas para a fundação do jornal que pode ter saído com o nome *A Cruzada*. A segunda hipótese seria porque a Igreja não tinha condições de financiar uma empresa de alto custo como a de um jornal impresso. Percebemos que com a República, a Igreja se separou do Estado e começou a se manter sozinha. Já vimos no capítulo dois que essa Instituição estava passando por crises sucessivas no bispado de dom Frederico devido à má gestão do vigário anterior. Portanto, arcar com uma despesa dessa não era prioridade, até acontecer algo de extrema importância, como o ataque à pessoa do chefe da Igreja desse estado.

Dom Frederico ficou conhecido por ser um Bispo que cumpria o que o Vaticano I aconselhava, viajando por todo o Estado. Ultramontano, trouxe a romanização para Manaus, que se caracterizava pela defesa da Igreja contra todos os “erros” que estavam surgindo, e contra todos os “absurdos” que tentavam “abater o edifício vinte vezes secular”,²³² que, para Dom Frederico era a Igreja de Jesus Cristo. Para eles, ela que permaneceu sempre imutável nos seus dogmas e moral, conseguindo sobreviver às heresias que se materializavam na presença dos protestantes, espíritas e maçons. Aqui o foco do conflito é antigo, desde a Reforma, os protestantes e católicos vivem num embate sem fim sobre quem é o verdadeiro dono da “verdade”. Esse embate é o objeto deste trabalho.

Para os católicos brasileiros havia como inimigos, além dos protestantes, os maçons que são considerados o verdadeiro perigo para a Igreja e os seus erros da ‘modernidade’ e, por isso, eles foram condenados por diversos Bispos em suas Encíclicas. É interessante perceber que os católicos brasileiros trouxeram a luta contra os maçons da Europa, porque lá o conflito já ocorria. No XIX, inclusive, tinha-se, na Igreja do Brasil, a presença de vários maçons. Foi somente com a reforma que os bispos romanizantes introduziram verdadeiras mudanças nessa Instituição, durante o século XIX. Acirrando os conflitos contra a modernidade.

²³² Carta Pastoral de Dom Frederico publicando na Diocese do Amazonas o decreto do Santo Officio “Lamentabili” e a Encyclica de Sua Santidade o Papa Pio X que condena os erros dos modernistas. Typografia a vapor do Amazonas, 1908, p. IV.

O fato, no entanto, é que só se percebe a presença de um jornal católico apenas na década de 1930, como já foi comentado.²³³ O próprio nome do jornal *A Reação* sugere algum tipo de ação contrária a alguma coisa: ataques? Os erros da modernidade? Embora ele não faça parte do período trabalhado aqui, foi tomado como exemplo para se avaliar a característica de jornal católico combativo, que é muito parecido com os dos Batistas. Ele foi editado pelos “moços católicos” e possuía uma clara intenção de informar, evangelizar e defender, como no caso em que eles comemoram a vitória do catolicismo sobre o protestantismo, na cidade de Coary.

O catholicismo acaba de alcançar uma grande victoria religiosa sobre o protestantismo, em Coary,[...] graças à acção apostolar do virtuoso e culto Padre Luis Thomé de Souza [...] Trata-se de grandes embutes protestantes desfeitos pacientemente pela palavra convincente e scintillante do ilustrado sacerdote amazonense.²³⁴

Ele se mostra bastante intolerante com outras crenças, como o espiritismo e o protestantismo, como foi visto acima. Suas acusações variavam da acusação de heresia a falta de unidade. Para eles, como a Igreja é uma tradição antiga, uma cultura religiosa, uma unidade de fé, o protestantismo tinha se mostrado uma verdadeira confusão. A Igreja sempre ensinou as mesmas “verdades”, através dos Concílios, mas, para eles, o que se mostrava nas seitas derivadas do luteranismo e, principalmente, do calvinismo era uma verdadeira bagunça, pois seriam “seitas subdivididas, umas aceitando o batismo, outras rejeitando-o (sic); algumas negando a divindade e de Christo, diversas confirmando-a; muitas repelindo os sacramentos outras doutrinando heresias”²³⁵. Ou seja, os católicos não chegavam a nenhuma conclusão, e algo que poderia representar o novo, a mudança, para os católicos eram erros que deveriam ser evitados.

Outro caso que nos chamou atenção nesse jornal foi a publicação de quatro perguntas de um neófito para um ministro, ou seja, um recém-convertido ao protestantismo. Depois de estudar bastante a vida dos primeiros reformadores como Lutero, Calvino e outros, ele formulou as questões que foram publicadas em um livro em 1880. E em 1932, de acordo com o Jornal *A Reação*, o livro já era raro dentre os exemplares nas bibliotecas. Das quatro questões, se teve acesso apenas a três pelo fato de não terem sido encontrados mais

²³³ Esse jornal será analisado apenas para comparação, pois não corresponde ao período pesquisado.

²³⁴ Jornal *A Reação*. Ano III. Nº 37, 19/06/1932.

²³⁵ Jornal *A Reação*. Ano II. Nº 40, 7/10/1932.

exemplares desse jornal. Pergunta primeira: posso eu tomar para norma de minha vida a vida dos Fundadores da nossa Santa Reforma? Pergunta segunda: os fundadores da nossa santa reforma foram realmente inspirados por Deus? Pergunta terceira: existindo muitas religiões protestantes são todas elas igualmente boas, verdadeiras e divinas?

A razão pela qual um jornal católico publicaria questões de um protestante, claramente é uma estratégia sofisticada de combate àquelas ideias. Afinal o tal neófito, estava tendo problemas para decidir se tinha escolhido a crença certa, ele ainda era católico. Mas conforme Santana, o ministro Smith a quem ele destinou as questões, acreditava que o neófito era um católico, porque ele dizia que se não fosse respondida as questões, ele se sujeitaria a autoridade do Bispo.²³⁶ O neófito obteve as respostas, mas o Jornal *A Reação*, não teve acesso às respostas.

De acordo com o Jornal *A Reação*, ele formulou sua pergunta baseada num grande estudo sobre a vida dos primeiros reformadores, concluindo, como podemos perceber que os reformadores não tinham vida de santos. Para ele, “todos estes apóstolos do novo Evangelho outra coisa não procuram senão uma mulher, ou, para ser menos desonestos, procuram a verdade no seio de uma mulher [...]”,²³⁷.

Ele percebeu em seus estudos que todos os reformadores eram católicos antes de abandonarem a Igreja ou fizeram algo imperdoável até serem excomungados das mesmas e, assim, aderirem, ao protestantismo. Ele percebeu também, que a maioria dos sacerdotes católicos que se convertiam ao protestantismo o fazia, porque tinham sido expulsos da Igreja, principalmente por não respeitarem o celibato e manterem até mesmo concubinos públicos. Ele termina seu artigo desabafando: “vós mesmo amado Pastor, deveis confessar que tudo isto é capaz de abater a Fé do mais fervoroso protestante que não se acha vinculado ao protestantismo pelo interesse ou por motivos ainda vergonhosos”,²³⁸.

Já na segunda questão, conforme o jornal, ele percebeu que as cartas que esses primeiros reformadores trocavam entre si eram de ofensas extremas. Esses reformadores por se tratarem dos primeiros não deveriam dar exemplo? Então, como poderia alguém se inspirar nessas pessoas?

²³⁶ SANTANA, Jair Gomes de. *Embates da fé: Católicos e Protestantes em Recife 1860-1880*. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciência das Religiões. Recife, 2007.

²³⁷ Jornal *A Reação*. Ano ilegível. Nº 31, 18/09/1932.

²³⁸ Jornal *A Reação*. Idem.

Honrado Ministro, comparando o modo caridoso, cheio de doçura e modéstia com que os Apóstolos se trataram entre si, e trataram aos cristãos, e até aos próprios inimigos e perseguidores pagãos, com o modo indecoroso e violento com que os nossos fundadores se trataram reciprocamente não é possível que uma pessoa sensata se persuada que estes, na obra da Reforma, operassem debaixo de uma inspiração divina> como seria de mister, para que a nossa Reforma pudesse justa e razoavelmente ser considerada uma religião divina e por conseguinte verdadeira.²³⁹

A dúvida dele crescia cada vez mais, e, assim, na terceira pergunta, ele questionou o pastor sobre se todas as crenças protestantes são boas, verdadeiras e divinas. Então, em qual delas acreditar? Ele não acreditava que qualquer religião salvaria, senão qual o motivo da vinda de Jesus e de ele ter morrido por todos nós? Seu dilema ficava cada vez mais complicado, pois para ele somente o protestantismo era a verdadeira Religião²⁴⁰, mas existiam diversas igrejas. E aí, entra a questão que os católicos colocam como uma “verdadeira confusão” a crença protestante, pois, não se chegava a nenhum acordo essas igrejas. Para o jornal católico, o protestantismo é uma crença que confunde.

Conforme Santana, em seu trabalho *Embates da fé: Católicos e Protestantes no Recife, 1860-1880*, analisando os jornais liberais do Recife, descobriu que o neófito obteve suas respostas pelo *Jornal do Recife*, e afirma que o ministro Smith tinha clareza de que o neófito tinha uma formação teológica, além de uma biblioteca vasta, e sabia ler em outros idiomas. Isso aumentou mais sua desconfiança de quem poderia ser o neófito, mas o mesmo aproveitou o debate acalorado nos jornais, no qual “as circunstâncias aparentemente desfavoráveis para convertê-las em propaganda evangélicas”.²⁴¹ O neófito, fingindo ser um recém-convertido ou não, deixou abertas portas para que o Ministro protestante pudesse responder questões, que muitas pessoas poderiam ter naquela época, ou seja, ao invés de prejudica-lo, o mesmo usou desse artifício em seu favor, fazendo proselitismo em um dos jornais liberais mais importantes daquela cidade.

Para os moços católicos de Manaus, reviver essas questões e publicar as cartas desse neófito era simplesmente porque deveriam ser questões de muitos crentes e também as de católicos. Eles usaram a dúvida, porque muitos dos convertidos aos Batistas e às outras crenças protestantes eram católicos que abandonaram sua Igreja. Para eles, precisava-se cortar o “mal pela raiz” e, deste modo, era necessário evitar a saída de muito mais pessoas do catolicismo.

²³⁹ *Jornal A Reação*. Ano III. s/n, 18/12/1932.

²⁴⁰ *Jornal A Reação*. Ano III. Nº 48, 25/12/1932.

²⁴¹ SANTANA, p. 85

Considerando esses embates no Campo Religioso na cidade de Manaus entre Protestantes e Católicos, podemos observar algumas características. A primeira é que, durante boa parte do período aqui estudado, a iniciativa do ataque contra o espaço de poder doutrinário esteve nas mãos do grupo Batista, principalmente através de seus jornais e seus impressos. Ao que tudo indica, não houve reação no mesmo tom por parte da Igreja Católica. A segunda característica é que os Batistas não somente atacaram os católicos, como também, em alguns momentos, os grupos espíritas, também dissidentes da Igreja Católica. Ao mesmo tempo, os Batistas também rivalizaram com outros grupos protestantes. Outro conjunto de característica diz respeito ao número e as origens de seus novos adeptos. Ao que tudo indica, eram oriundos de estratos sociais mais humildes, ou talvez de estratos médio e é provável que não tenham alcançado a elite da cidade.

Uma questão que fica no ar é a reação tardia da Igreja Católica contra a ação evangelizadora dos Batistas. Ao que parece, a Igreja estava muito mais preocupada com os maçons. Será porque não viam perigo antes, no início do processo evangelizador dos protestantes? Essas e outras são questões que nos remetem a necessidade de aprofundarmos essa pesquisa num outro recorte e num outro momento. Afinal, nunca finalizamos um trabalho, apenas o abandonamos. Nesse caso, esperamos abandoná-lo para o retornarmos depois.

Considerações Finais

O Brasil, no final do século XIX, estava passando por mudanças em todos os aspectos. No campo religioso, elencado nesse trabalho, tudo estava mudando. Conforme Matos²⁴², a Igreja passava por uma reforma religiosa, transportada da Europa para combater a modernidade que se alastrava pelo país, principalmente com os maçons e os protestantes que chegavam depois da segunda metade do século XIX.

Para Vieira²⁴³, os principais defensores da Igreja, nesse período, foram Dom Vital e Dom Macedo que ‘lutaram’ contra um Estado liberal que detinha, em sua Constituição, a Igreja como Oficial do Estado, mas, ao mesmo tempo, legislava a favor da maçonaria. O próprio Imperador era maçom, assim como muitos padres também o eram. Outros membros da Igreja eram políticos, e alguns viviam em concubinato, ou seja, se a Igreja continuasse daquela forma, provavelmente ruiria.

Quando os protestantes de missão chegavam ao Brasil, na década de 60 do século XIX, descobriram um terreno propício para trabalhar. Ainda que o Brasil tivesse como religião oficial o catolicismo, a Igreja não conseguia dedicar-se ao imenso território, devido à falta de clérigo ser enorme e ainda existir o Padroado que a colocava submissa ao Imperador. No final do XIX, a Igreja conseguiu se impor contra o Estado na chamada Questão Religiosa e, depois de tantos conflitos, se sobrepôs, principalmente porque o Império estava fraco e em ruínas. Chegaram, então, novos tempos no Brasil, e a República veio a favorecer tanto a Igreja Católica, quanto os protestantes que cresciam a cada ano.

Conforme Pereira²⁴⁴, os Batistas, outros protagonistas dessa narrativa, chegaram na década de 80 do século XIX, trazendo novas concepções de vida com práticas anticatólicas, assim como os outros grupos protestantes, iniciando conflitos com a Igreja Local. Percebemos nesses conflitos, principalmente nos jornais, o meio de fazer proselitismo mais usado nesse período. A partir das fontes, percebe-se que, mesmo com esses conflitos, conseguiram se estabelecer e fundar diversas igrejas.

²⁴² MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo II. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

²⁴³ VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

²⁴⁴ PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.

Para Hoornaert,²⁴⁵ em Manaus a Igreja Católica foi a detentora de fiéis durante muito tempo e, no final do XIX, se tornou mais forte com a presença de um Bispado e a chegada de novas ordens, tanto femininas quanto masculinas, mas, nesse mesmo período, sentiu oscilações com a chegada também da modernidade, representada pelos: maçons, espíritas e protestantes. Para eles, era necessário combater esses “erros”. Contudo, para os protestantes, o “erro” eram os católicos, que não seguiam o Evangelho e eram “adoradores de ídolos”, além de adorarem também Maria. Analisamos o estabelecimento dos batistas em Manaus, em 1900, com a chegada de Eurico e Ida Nelson. De acordo com as fontes, suas práticas eram anticatólicas, pois abominavam o comportamento dessa Igreja, além de não aceitarem que fossem cristãos, e sim “pagãos”.

Percebemos esses dois grupos tentando conquistar seu espaço. Os católicos, nas pessoas dos dois bispos analisados nessa pesquisa: Dom Lourenço Aguiar e Dom Frederico Costa, lutando contra a modernidade, continuando com as práticas que o Concílio Vaticano I exigia: as viagens pastorais e vivenciando a Igreja com seus fiéis. Dom Frederico também escreveu sua Carta Pastoral de 1909 a partir de suas duas viagens, que durou bastante tempo e que mais tarde foi publicada. Já os Batistas investiram em colportagem, ou seja, vendas e distribuições de bíblias, além de viagens, quando os pastores saíam pelos interiores fazendo pregações.

De acordo com Pereira, os batistas chegaram à Manaus em um contexto diferente. Era a Belle Époque, que atraiu vários imigrantes para se estabelecerem nessa cidade, principalmente trabalhadores para ficar nos seringais ou servirem de “braços” para a cidade. Manaus crescia a cada ano que passava e foi um verdadeiro desafio para se instalar novas crenças. Analisando os jornais Batistas, percebemos que essas crenças que se estabeleciam em Manaus no início do XX se colocavam como portadores da “verdade cristã”, condenando, assim, todas as práticas do Catolicismo. Do outro lado, a Igreja Católica também se via como única e verdadeira, condenando os protestantes por não terem uma unidade e viverem em conflitos.

Elegemos como nossa principal categoria de análise o campo religioso de Bourdieu, pois, como já vimos, o campo religioso é um conceito abstrato “que agentes [...] lutam pela imposição da definição legítima não só do religioso, mas também das diferentes maneiras

²⁴⁵ HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia*. Editora Vozes, 1992.

de desempenhar o papel religioso”²⁴⁶. Em Manaus, essas diferenças são presentes, pois os católicos e batistas possuíam definições distintas do que era o religioso, lutando para demonstrar aos seus fiéis a sua visão do que seria a “verdadeira” definição. Em outras palavras, afirmam um discurso para legitimar suas crenças.

Houve embates diretos entre os Batistas e os católicos, até mesmo entre os espíritas, e outros grupos protestantes pelos jornais. Nesses casos analisados, percebemos que os Batistas aproveitaram seus jornais para gerarem polêmicas, como estratégias para ocuparem espaços onde não tinham acesso. Percebemos também, através das fontes, que os grupos espíritas e protestantes replicavam os ataques mútuos, mas nada se tem sobre os católicos. Havia apenas um silêncio. Muito embora saibamos que foi produzido um jornal Católico com o nome *A Cruzada*, que inclusive entrou em conflitos com a maçonaria, mas que deve ter sido finalizado com a saída de Dom Frederico, em 1913.

Apesar disso, a partir de análises críticas das fontes Batistas, chegamos à conclusão de que houve efetivamente conflitos entre os católicos e os Batistas, como no caso que Pedro Lima nos relata, um episódio que ocorreu no bairro Colônia Antonio Aleixo: “Naquele tempo ainda não havia a ponte e os evangélicos que atravessaram em barco para o outro lado da cidade ficaram ilhados, pois os católicos daquela redondeza não permitiram a volta do barco.”²⁴⁷ As disputas por poder sempre ocorriam, e, como vimos na fala de Pedro Lima, os Batistas que eram os “pretendentes” a conquistar fiéis, chegavam a uma cidade já dominada pelos católicos com o objetivo de tirar os fiéis do “pecado” para se tornarem “crentes no Evangelho”. Já os “dominantes”, que eram os católicos, desejavam permanecer sendo os maiores detentores da fé.²⁴⁸

Essas disputas entre católicos e Batistas por espaços refletiram no estabelecimento da Belle Époque, porque os imigrantes batistas que estavam chegando à cidade traziam uma nova concepção de comportamento e novos códigos de valor, além da valorização do trabalho, o que contribuiu para a formação de uma cidade moderna na qual Manaus estava se tornando. Seus adeptos teriam que trabalhar, não terem vícios, seguirem as normas da igreja e excluir o ócio de suas vidas, ou seja, Manaus recebia os Batistas e um calvinismo

²⁴⁶ BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

²⁴⁷ Entrevista com o único fundador vivo da PIBM, Pedro da Silva Lima com 84 anos de idade. *Jornal do Commercio*. Ano LXVI. N 20816. Cinco de outubro de 1971.

²⁴⁸ BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p.89.

arminiano que, para Weber²⁴⁹, fazia do trabalho um dever diário. Nelson chegava com essa concepção de protestantismo ascético e com uma ética protestante, segundo a qual ele e outros missionários tomavam por valor maior o trabalho que os aproximava de Deus. Eram as raízes da concepção calvinista que herdaram e que iria influenciar muitas outras igrejas que vieram a seguir. Essa era a base da mudança no comportamento social e na construção simbólica das novas relações modernas. Era chegado o tempo em que os novos fiéis inauguravam um novo estilo de vida.

²⁴⁹ WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SITES:

Acessado no dia: oito de março de 2016. http://acritica.uol.com.br/manaus/Lideres-diferentes-religioes-Hebraica-Manaus_0_1471652832.html. O encontro aconteceu no dia 20 de novembro de 2015, segundo o site acrítica.

FONTES:

Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Da organização até 1907. 05 de outubro de 1900.

Ata da Igreja Batista da fundação até 1907. Terceira Sessão de 31/12 1900.

Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Da organização até 1907. 06 de junho de 1902.

Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Sessão extraordinária de 17 de abril de 1903.

Ata da Primeira Igreja Batista de Manaus. Sessão ordinária do dia 03 de maio de 1907

A dádiva de Leão XIII- Dom Lourenço 1897. Retirado do Arquivo da Cúria de Manaus.

A Província do Pará. *Centenário de Dom Frederico*. 3º Caderno. Belém, 19 de outubro de 1975.

AGUIAR, Dom Lourenço da Costa. *Primeira Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas*. Rio de Janeiro, 1894.

Carta de Dom Frederico Costa, 27 de abril de 1911. Publicada no Jornal do Commercio, anno VIII, no. 2526, Manaus, 29 de abril de 1911.

Carta publicada no Jornal do Commercio em 23 de agosto de 1907.

Carta Pastoral de Dom Frederico publicando na Diocese do Amazonas o decreto do Santo Officio “Lamentabili” e a Encyclica de Sua Santidade o Papa Pio X que condemna os erros dos modernistas. Typografia a vapor do Amazonas, 1908.

Carta Pastoral de Inauguração da Diocese do Amazonas.

Carta de Dom Frederico. 29 de setembro de 1912. Retirado do livro do Tombo.

Carta Pastoral de Despedida para a 1º visita <ad limina Apostolorum> do Exm. e Rvm Sr. D José Lourenço da costa Aguiar. 20 de Setembro de 1896.

COSTA, Frederico Benício. *Carta pastoral de dom Frederico Costa, bispo do Amazonas a seus amados diocesanos*. 11 de Abril de 1909, 2.ed./facsimilada Manaus: Imprensa Oficial, 1994.

Bíblia Sagrada. Evangelho de São Marcos – 16-15

1º Centenário de nascimento de Dom José Lourenço da Costa Aguiar. 1º Primeiro Bispo do Amazonas. 1847-1947. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.

Primeira Carta Circular de Dom Frederico Costa, como bispo da Diocese do Amazonas.

Sessão ordinária de 01 de julho de 1904

Revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.

JORNAIS:

Jornal A Reação. Ano III. 18 de setembro de 1932, n. 31.

Jornal A Reação. Ano III. 19 de junho de 1932, n. 37.

Jornal A Reação. Ano II. 7 de outubro de 1932, n. 40.

Jornal A Reação. Ano III. 25 de dezembro de 1932, n. 48.

Jornal A Reação. Ano III. dia 18 de dezembro de 1932. Número ilegível

O Jornal Batista. 10 de setembro de 1903. Apud Revista do centenário da Primeira Igreja Batista de Manaus. 100 anos de vitória.

O Baptista Amazonense. Ano I. 8 de fevereiro de 1920, n. 9.

Coluna intitulada “Amazonas, Dom José Lourenço da C. Aguiar.” de 9 de junho de 1894. Retirado do Arquivo da Cúria de Manaus.

Jornal do Commercio, Manaus, 25/05/1907, n. 1044.

Jornal do Commercio, Manaus, 03/06/1907, n. 1053.

Jornal do Commercio. Ano LXVI. 05/10/1971, n. 2081.

Jornal do Commercio. Ano VIII, Manaus, 29/04/1911, n. 2526.

Jornal do Commercio. 23/08/1907.

Jornal O Evangelista. Ano I. 01/02/1903, n.1.

Jornal O Evangelista. Ano I. 15/02/1903, n.2.

Jornal O Evangelista. Ano I. 05/04/1903, n.4.

Jornal O Evangelista. Ano I. 01/05/1903, n. 8.

Jornal O Evangelista. Ano I. 13/09/1903, n. 17.

Jornal O Evangelizador. Ano I. 18/01/1905, n. 1.

Jornal O Evangelizador. Ano III. Fevereiro de 1907, n. 2.

Jornal O Evangelizador. Abril de 1907, n. 4.

Jornal O Evangelizador. Ano I. 15/03/1905, n. 5.

Jornal *O Evangelizador*. Ano I. 15/05/1905, n. 7.

Jornal *O Evangelizador*. 14/10/1906, n. 10.

O Paiz. Rio de Janeiro. 6/08/1910. Retirado do Arquivo Cúria de Manaus.

Jornal *Triunpho*. Ano II. 21/07/1900, n.9.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS;

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: A formação do pensamento batista brasileiro*. Piracicaba: Editora Unimep; São Paulo: Exodus, 1996.

BELLOTI, Karina Kosicki. *História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 55, p. 13-42, jul./dez. 2011. Editora UFPR.

BEOZZO, José Oscar (coord.). *História da Igreja na América Latina_ Tomo II/2, História da Igreja no Brasil Segunda Época – Século XIX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 3ª. Edição, 1992.

BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, O ofício do historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola e PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Trad. Carmen C, Varriale et ai.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacaís. - Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998..

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas* (org. Sérgio Miceli). 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. *Coisas Ditas*. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRAGA, Bruno Miranda. *Manáos uma aldeia que virou Paris: Saberes e fazeres indígenas na Belle Époque Baré 1847-1910*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Amazonas, 2016.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Tradução: Sergio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BURNS, E. Bradford. *Manaus, 1910 – Retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: 1966.

CAPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Ligia. O bravo matutino. Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo, Alfa-Omega, 1980, p. XIX. Apud PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARVALHO, Almir Diniz Júnior. *Índios Cristãos. Poder Magia e Religião na Amazônia Colonial*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro. V. 40, n.2, 1977.

CARVALHO, Sandro Amorim de. *O povo do Livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2015.

CARVER, Marcus E. A Short History of Bethesda Mission. Manaus: [s.n.], 1899. Apud CARVALHO, 2015.

CERETTA, Pe. Celestino. *História da Igreja na Amazônia Central*. Vol. 1. Editora Valer.

CERTEAU, Michel. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHESNUT, R. Andrew. *Competitive Spirits: Latin America's New Religious Economy*. Oxford: Oxford University Press, 2003. Apud. BELLOTI, Karina Kosicki. *História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea*.

DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo. Sociedade e Cultura no início da França moderna*. Tradução de Mariza Corrêa. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1990.

DAOU, Ana Maria Lima. *A Cidade, o Teatro e o "Paiz das Seringueiras"; práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 1998. (Tese de Doutorado);

DREHER, Martin. História dos protestantes na Amazônia até 1980. In: *História da Igreja na Amazônia*. Coordenador Eduardo Hoornaert. Editora Vozes, 1992.

DIAS, Edinea Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus 1890-1920*. 2º edição, Manaus: Editora Valer, 2007.

FILHO, Prócoro Velasques. Deus como Emoção: Origens históricas e teológicas do protestantismo evangélico. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

FILHO, Prócoro Velasques. "Sim" a Deus e "não" à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa. _____. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2º edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

FREIRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª edição. Global Editora. Recife, 2003.

GALVÃO, E. A vida religiosa do caboclo da Amazônia: Boletim do Museu Nacional, Antropologia, n. 15, 1953. Apud RIBEIRO, Ezilene Nogueira. Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção batista em Belém do Pará. ANAIS DO III ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES –

ANPUH -Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. IN: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio De Janeiro; 15 edição, Paz e Terra, 2001.

HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja na Amazônia*. Editora Vozes, 1992.

HOLMES, J. Derek. BICKERS. Bernard W. *História da Igreja Católica*. Tradução: Victor Silva. Edições 70, LDA. 2006.

HUNT, Lynn. *A nova História Cultural*. Tradução Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOHNSON, Paul. *O livro de Ouro dos Papas*. Tradução Cristina Serra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

LARANJEIRA, Rhaisa C G de Souza. O movimento Espírita no Amazonas no início do século XX. In: MORGÁ, Antonio Emílio. (org.) *Encontro com a História e as suas deliciosas contradições*. Editora EDUA, 2016.

LEMAÎTRE, Nicole, QUINSON, Marie-Thérèse, SOT, Véronique. *Dicionário Cultural do Cristianismo*. Tradução: Gilmar Sain't Clair Ribeiro, Maria Stela Gonçalves, Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Edições Loyola, São Paulo, 1999.

LE GOFF, J & NORRA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1995.

LOPES, João da Silva. LOPES, João da Silva. *Sociedade, relações de poder e religiosidade no alto Rio Negro a partir das representações de dom Frederico Costa*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas UFAM. 2010.

LUMPKIN, William L. *Baptist confession of Faith*. Philadelphia: Judson Press, 1959. P.16. Apud AZEVEDO. 1996.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *Reformistas na Igreja do Brasil-Império*. São Paulo, USP. 1997. (Boletim n. 17- nova série- Departamento de História, n.10).

MATA. Possidônio da. A Igreja católica na Amazônia da atualidade. HOORNAERT, Eduardo In: *História da Igreja na Amazônia*. Editora Vozes, 1992.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero a nossos dias. I a era da Reforma*. Tradução de Orlando Soares Moreira. Edições Loyola. São Paulo, 1997.

MARTINELO, Pedro. *A batalha da borracha na segunda guerra mundial e suas consequências para o vale amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo II. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

MATOS, Henrique Cristiano José. *Nossa História: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. Tomo III. -2 edição. - São Paulo: Paulinas, 2011.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesialístico*. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. 3ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. FILHO. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: _____. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Vocação ao fundamentalismo: Introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: _____. FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao Protestantismo no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1990.

MESQUITA, Otoni. *Manaus História e Arquitetura (1852-1910)*. 3 edição- Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *A Catedral Metropolitana de Manaus (sua longa história)*. Manaus: Sérgio Cardoso & Cia. LTDA. Editores, 1958.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. *História da Igreja de São Sebastião*. 2 edição revista e ampliada. Manaus: Gráfica e Editora da Amazônia, 1999.

MOTT, Luís. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: NOVAIS, Fernando A. SOUZA, Laura de Melo. *História da vida privada no Brasil. Cotidiano e vida privada na América portuguesa*. 12ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

NEDER, Gizlene. *Cidade, Identidade e Exclusão social*. Tempo, Rio de Janeiro, Vol 2, n 3.

OLMSTEAD, Clifton E. *Religion in America – Past and Present*. Englewood Cliffs, New Jersey, Prentice Hall, 1961. 68. Apud. MENDONÇA, 2008.

PASSOS, Mauro. *A mística do catolicismo popular – a tradição e o sagrado*. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 18: A festa nas tradições religiosas brasileiras – significado e história.

PEREIRA, José dos Reis (da Silva). *História dos Batistas no Brasil (1882-1982)*. Rio de Janeiro, Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.

PEREIRA, José dos Reis. *O Apóstolo da Amazônia: Eurico Alfredo Nelson*. 2ªediç o. Casa publicadora Batista. Rio de Janeiro, 1954.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1999.

RABELO, Ana Paula de Souza. *Do templo de Taipa ao templo de pedra: A construção da Igreja Matriz de Manaus (1858-1878)*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Amazonas, UFAM, Manaus, 2007.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. *A Conquista Espiritual da Amazônia*. 2.ed. Manaus editora da Universidade do Estado do Amazonas/ Governo do Estado do Amazonas. 1997.

- RÉMOND, René. *O Século XIX -1815 a 1914*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Cultrix, 2004.
- RIBEIRO, Ezilene Nogueira. *Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção dos Batistas em Belém do Pará*. Dissertação (Mestrado em História Social) Universidade Metodista de São Paulo. 2011.
- SANTANA, Jair Gomes de. *Embates da fé: Católicos e Protestantes em Recife 1860-1880*. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciência das Religiões. Recife, 2007.
- SANTOS, João. A romanização da Igreja Católica na Amazônia. In: *História da Igreja no Amazonas*.
- SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História econômica da Amazônia: 1820 - 1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- SILVA, Francisco Gomes. *A Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Itacoatiara. (1759-1999)*. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1999.
- SOARES, Ana Luiza Moraes. *Os Indígenas na Cidade de Manaus (1870-1910): entre a invisibilidade e a assimilação*. Manaus: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, UFAM, 2014.
- SOARES, Elisângela Socorro Maciel. *Igreja de Manaus- porção da igreja universal, a diocese do Amazonas vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Editora Valer, 2014.
- UGARTE, Auxiliomar Silva. *Sertões dos Bárbaros- O mundo natural e as sociedades indígenas da Amazônia na visão dos cronistas ibéricos (séculos XVI-XVII)*. Manaus: Editora Valer, 2009.
- VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, A Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. *O pensamento Católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- Vitor Hugo. Desbravadores... 1959 p.239 Apud SOARES, Elisângela S. Maciel, 2014.
- WALLACE, Alfred Russel. *Viagens pelos rios Amazonas e Negro*. Tradução Eugênio Amado; apresentação Mário Guimarães Ferri.- Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1979.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.